

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE – UNICENTRO**  
**CAMPUS IRATI-PR**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM**  
**DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**

**ANA BELA DOS SANTOS**

**A PRAÇA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL: UM OLHAR**  
**SOBRE AS IDENTIDADES NO BAIRRO**

**IRATI-PR**  
**2016**

**ANA BELA DOS SANTOS**

**A PRAÇA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL: UM OLHAR  
SOBRE AS IDENTIDADES DE BAIRRO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção ao grau de Mestre em Desenvolvimento Comunitário, Programa de Pós - Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração em Desenvolvimento Comunitário, da UNICENTRO.

Orientador: ProfessorDoutor Emerson  
LuízVeloza

**IRATI-PR  
2016**

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Central da Unicentro, Campus Cedeteg

S237p

Santos, Ana Bela dos

A praça como manifestação cultural: um olhar sobre as identidades no bairro / Ana Bela dos Santos. -- Guarapuava, 2016  
x, 89 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração em Desenvolvimento Comunitário, 2016

Orientador: Emerson LuisVeloza

Banca examinadora: Emerson LuisVeloza. Adriana SalviatoUller, Poliana Fabíula Cardozo, Erivelton Fontana de Laat

Bibliografia

1. Desenvolvimento comunitário. 2. Espaço urbano. 3. Bairro. 4. Praça. 5. Identidade. 6. Cultura. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento comunitário.

CDD 711.4

**TERMO DE APROVAÇÃO**  
**ANA BELA DOS SANTOS**

**A PRAÇA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL: UM OLHAR SOBRE AS**  
**IDENTIDADES NO BAIRRO**

Dissertação aprovada em 26/08/2016 como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar - *Strictu-Sensu* - em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

**Banca Examinadora**

Orientador: Professor Dr Emerson Luiz Velozo  
Instituição: Unicentro

Professora Dra Adriana SalviatoUller  
Instituição: UEPG

Professora Dra Poliana Fabíula Cardozo  
Instituição: Unicentro

Professor Dr Erivelton Fontana Laat  
Instituição: Unicentro

**Dedico este trabalho ao meu bairro, o Santa Paula.**

## **Agradecimentos**

Ao meu amigo Deus, que esteve comigo e foi minha única companhia nas madrugadas geladas de estudo.

À minha mãe Eliane que me ensinou a buscar a minha independência como mulher.

Ao meu pai Jesus que me mostrou o mundo dos livros e sempre que será meu grande exemplo.

Ao meu Irmão Rodrigo, meu amigo, e a pessoas mais gentil e bem humorada que conheço. Ao meu irmão Lucas, inteligente e sensível, um dos responsáveis pela confecção das imagens que ilustram meu campo de estudo. Muito obrigada.

Agradeço à minha cunhada Rafaela que me emprestou sua sabedoria e me acolheu com todo o carinho que uma irmã teria para comigo.

À minha cunhada Debora por compartilhar conosco sua força e por ser um exemplo de cuidado para com os outros.

Agradeço ao incentivo de toda a minha família, tios e tias, primos e primas, em especial à minha tia Adriane, por ser minha amiga e me ensinar a paixão pelo trabalho.

Minha avó Graciette, obrigada por seu incentivo maternal, e aos meus primos Guilherme e Júlia. Gui obrigada por nos ajudar com as imagens deste trabalho e Ju obrigada por sua doçura.

Obrigada aos meus amigos e irmãos de caminhada. Meu coração se alegra ao perceber que tenho vocês comigo. Obrigada JoseilaGualdessi e Aline Zerbinatti, por sempre acreditarem em mim e por me mostrarem que o trabalho poderia ser feito.

In memoriam ao meu querido avô Otávio Simionato.

Por fim, agradeço aos meus queridos mestres Rafael Siqueira Guimarães, Poliana Fabíula Cardozo, Adriana Uller, Ertivelton Laat e ao meu orientador Emerson Luiz Velozo. Serei para sempre grata por compartilharem comigo o conhecimento sobre as coisas do mundo.

Obrigado.

*Uma ocasião, meu pai pintou  
a casa toda de alaranjado brilhante.  
Por muito tempo  
moramos numa casa, como  
ele mesmo dizia,  
constantemente  
amanhecendo.*

*Adélia Prado*

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: A Cidade de Ponta Grossa no início do Século XX.....	28
Figura 2: Construção de uma Vila Ferroviária na Região de Ponta Grossa, 1885.....	29
Figura 3: Festa de Carnaval: O Corso Carnavalesco, Ponta Grossa, 1904.....	30
Figura 4: Centro de Adensamento Urbano da Cidade de Ponta Grossa.....	30
Figura 5: Mapa do Paraná, em destaque a cidade de Ponta Grossa.....	31
Figura 6: Centro da Cidade de Ponta Grossa – A Avenida Balduino Taques em 1922 .....	34
Figura 7: Avenida Balduino Taques em 2011, após a sua ampliação.....	34
Figura 8: Construção do Núcleo Habitacional Santa Paula, 1978.....	37
Figura 9: Sede da Associação de Moradores do Bairro Santa Paula, 1996.....	40
Figura 11: Cidade de Ponta Grossa: Destaque para os Bairros da Área Urbana.....	43
Figura 12: O território da Praça João Stanislawzuk.....	46
Figura 13: Área Verde nº03 – Núcleo Habitacional Santa Paula; Fonte: Associação de Moradores do Bairro Santa Paula, 1981.....	47
Figura 14 - Formatura de Capoeira na Concha Acústica da Praça João Stanislawzuk, Bairro Santa Paula – Ponta Grossa, PR. Data:20/04/2013.....	48
Figura 15: Ginásio de Esporte Alfredo Pereira de Barros Júnior, criado em 1996, e ao fundo o Centro de Integração do Idoso - Casa da Terceira Idade do Santa Paula.....	49
Figura 16: A Praça João Stanislawski e seus elementos .....	50
Figura 17: Centro de Integração do Idoso –Projeto “Contação de Causos”, Grupo de Idosos – Bairro Santa Paula, 2016.....	59
Figura 18: Atividades realizadas pelos Idosos do Bairro Santa Paula.....	64
Figura 19: Parque para Crianças, Praça do Santa Paula.....	69
Figura 20: Grupos de Crianças brincando na Praça.....	73
Figura 21: Pista de Skate e Patinação da Praça João Stanislawzuk.....	78
Figura 22: Cartaz colado logo na entrada da Pista de Skate e Patinação da Praça.....	80
Figura 23: Grafite feito na praça em uma disputa de Hip Hop, 2015.....	85



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
2.1 CAMINHO METODOLÓGICO.....	15
2.2 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO .....	17
2.3 PESQUISA DE CAMPO.....	17
<b>3. CONCEITOS PRELIMINARES.....</b>	<b>19</b>
3.1 A CONCEPÇÃO DO ESPAÇO .....	19
3.2 AS CONFIGURAÇÕES DE UM TERRITÓRIO.....	20
3.3 A EXPERIÊNCIA DA PAISAGEM.....	22
3.4 DO MUNDO AO LUGAR.....	23
3.5 O PERTENCIMENTO AO ESPAÇO: O CONCEITO DE COMUNIDADE.....	24
<b>4. O CAMPO DE ESTUDO</b>	
4.1 O ESPAÇO URBANO DE PONTA GROSSA: SUAS ORIGENS, TRANSFORMAÇÕES E PERSPECTIVAS.....	26
4.2 O PROCESSO DE EXPANSÃO URBANA E O DESENVOLVIMENTO CITADINO PONTAGROSSENSE.....	32
4.3 A CULTURA DO BAIRRO SANTA PAULA: O ONTEM, O HOJE E SUAS REPRESENTAÇÕES.....	36
4.4 UM OLHAR SENSÍVEL NA PAISAGEM: A PRAÇA JOÃO STANISLAWZUK.....	45
<b>5. TRAJETÓRIAS ETNOGRÁFICAS.....</b>	<b>51</b>
5.1 A CULTURA, A MEMÓRIA E AS IDENTIDADES DE BAIRRO.....	51
5.2 A ETNOGRAFIA DE UMA PRAÇA – OS GRUPOS E SUAS NARRATIVAS.....	57
5.2.1 A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE BAIRRO: O GRUPO DE IDOSOS.....	57
5.2.2 A MEMÓRIA DO BAIRRO SANTA PAULA: UMA PRODUÇÃO NARRATIVA.....	67
5.2.3 IDENTIDADE DE GRUPOS: LEITURAS QUE CONDUZEM A CONSTRUÇÕES SOCIAIS.....	74
5.2.4 A PRAÇA COMO UM LOCAL DE RESISTÊNCIAS.....	81
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>

## REFERÊNCIAS

## ANEXOS

## RESUMO

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo investigar a Praça João Stanislawzuk, Bairro Santa Paula, Ponta Grossa – PR, enquanto lugar de permanência, de apropriação e de tensões vividas pelos grupos sociais que habitam o bairro. Com as interfaces: praça, identidade e bairro a pesquisa visa possibilitar uma análise mais ampla da vida e da história da população que habita este lugar. Tendo como base os autores da Geografia, da Psicologia e da Antropologia, compreendemos que este espaço urbano caracteriza-se como um local de experiência e onde a memória e a identidade de bairro assumem um papel fundamental ao determinar os valores, os objetos, e a cultura que tal população assumirá. A primeira parte do trabalho apresenta os referenciais teóricos utilizados na pesquisa, tal como o objeto de análise. Na segunda parte realizamos uma observação mais detalhada das características do campo e dos grupos sociais que ocupam a praça. Por último, na terceira parte, para além de procedermos a um exame pormenorizado das funções que a Praça realiza na vida do bairro, apresentamos também a categorização das identidades dos grupos sociais que utilizam o espaço da praça. A relevância desta pesquisa configura-se na urgência de estudos que revelem a cultura de bairro como um espaço em constante transformação, permitindo ao leitor compreender este lugar como a expressão de uma identidade cultural e que se caracteriza como paisagem presente nas relações existenciais.

**Palavras-Chave:** Espaço Urbano, Bairro, Praça, Identidade, Cultura

## ABSTRACT

**Abstract:** This study aims to investigate the JoãoStanislawzuk square, in Santa Paula district, Ponta Grossa city - PR, that is a place of residence, ownership and experienced by social groups that inhabit the neighborhood. With interfaces: square, identity and neighborhood the research aims to enable a broader analysis of the life and history of the population that inhabits this place. Based on the authors of geography, psychology and anthropology, we understand that this urban space is characterized as a place of experience and where memory and neighborhood identity play a key role in determining the values, objects, and culture that such people will take over. The first part of the work presents the theoretical framework used in the research, as the object of analysis. In the second part we perform a more detailed observation of the characteristics of the field and social groups that occupy the square. Finally, in the third part, as well as proceed to a detailed examination of the functions that performs the square in the neighborhoods, we also present the categorization of identities of social groups that use the space of the square. The relevance of this research sets up the urgency of studies showing the neighborhood culture as a space in constant transformation, allowing the reader to understand this place as an expression of cultural identity and which is characterized as landscape present in existential relations.

**Keywords:** Urban Space, Neighborhood, Square , Identity, Culture

## 1. INTRODUÇÃO

Através do estudo do espaço urbano, da memória e das identidades de bairro propomo-nos, neste trabalho, fazer a leitura de uma área do município de Ponta Grossa: a Praça João Stanislawzuk no bairro Santa Paula. O campo de pesquisa será revelado sobre a evolução e as transformações urbanas sucedidas neste espaço, possibilitando-nos identificar as peculiaridades, os elementos e as características que permanecem neste local construído e que têm uma conotação que transcende o tempo presente.

O objetivo principal desta pesquisa é investigar como a praça se configura como um lugar de permanência e apropriação das identidades de bairro. Os objetivos específicos consistem no levantamento de dados sobre a história do Bairro Santa Paula e na compreensão da relação entre os moradores e a comunidade. A memória e a identidade urbana assumem um papel fundamental de análise ao determinar os valores, os objetos, e a cultura inerentes a esta paisagem da cidade. Pois compreendemos que a identidade é um elemento-chave da realidade subjetiva e encontra-se em relação dialética com a sociedade. Ela é formada por processos sociais e, quando cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Por um lado, é a estrutura social que determina os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade; por outro, as identidades produzidas pela interação entre organismo, consciência individual e estrutura social reagem em relação à estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a (BERGER & LUCKMANN, 1996).

Neste sentido, a história e os afetos que caracterizam os lugares serão tratados como formas de linguagem, que construídas no imaginário dos sujeitos, não se prendem a uma sequência de acontecimentos ou ao tempo. E sendo a linguagem e a cultura constituintes básicos do homem e do seu mundo compreendemos que os sujeitos têm como função produzir linguagem e quanto mais se fala, maior é a capacidade de significar, interpretar, atribuir sentido, representar, comunicar, compartilhar e dar significação (SAUSSURE, 2000). Ao questionarmos a importância da praça na vida dos habitantes, pretendemos compreender como o processo de identificação com o bairro ocorreu e quais foram os símbolos e os significados que constituíram, e ainda constituem, a cultura deste lugar e de sua população.

Esta forma de análise, segundo Jaques Le Goff (1996), nos leva à compreensão das noções de lugar e de memória onde a praça é apresentada como o “coração do espaço”, um local de atividades, de acontecimentos diversos do cotidiano, dos eventos do presente e, também, da memória que vincula a praça de hoje às imagens que os moradores têm do passado e da construção do bairro.

Kevin Lynch (1982) delinea esta imagem, onde o urbano seria aquele que celebra o presente ao mesmo tempo em que estabelece conexões com o passado e com o futuro. A identidade daqueles que ocupam o bairro e relacionam-se entre si seria justamente esta representação, que não está parada no tempo e no espaço, mas que acompanha a evolução da cidade, o desenrolar dos tempos e o porvir das novas gerações. Nossa busca se caracteriza pela observação e categorização de imagens, discursos e, por conseguinte, identidades e memórias que enxergam o bairro, e mais especificamente a praça, como uma representação da continuidade das relações estabelecidas entre os grupos sociais.

Esta breve apresentação tem como finalidade pautar o bairro como paisagem de vivências, trazendo à tona diferentes discursos das ações simples e rotineiras dos sujeitos. A praça se apresenta como um vitral, onde os símbolos da história local se tornam elementos indispensáveis na construção da paisagem urbana.

Alguns autores da Geografia afirmam que compreender o bairro é desenhar o local para onde se caminha na expansão do município e dizer isto é o mesmo que dizer que em uma reforma urbana mais bairros serão criados a fim de acolher a população que chega às cidades. Outros autores compreendem o bairro como um lugar de espera, de mudança, de indagações e de tensão, formado por projetos pessoais de esperança, de ascensão social e de desejo por crescimento.

*Para Lynch (1982) “os bairros são áreas relativamente grandes da cidade, nas quais o observador pode penetrar mentalmente e que possuem algumas características em comum, podendo ser reconhecidos internamente e às vezes usados como referências externas” (LYNCH, 1982, p. 72).*

Diante do apresentado preferimos ver a praça João Stanislawzuk como um Fato Urbano e que têm como significado um conjunto do que é ser Urbano. Um espaço que adquire individualidade e complexidade com o passar do tempo, e onde alguns valores e funções permanecem e outros se modificam por completo. Os conceitos brevemente

apresentados nortearão a imersão no campo de pesquisa e traduzirão a busca pela compreensão das representações que ocorrem nestes lugares.

Vale ainda salientar que cada autor ou cada município destina um olhar diferente às praças. No Plano Diretor do Município de Ponta Grossa (2011), por exemplo, elas são tratadas como “espaços livres e públicos, com função de convívio social, inseridos na malha urbana como elemento organizador da circulação e de amenização pública” o que nos permite operacionalizar os sentidos destes espaços livres e abarcar este local através dos laços afetivos com a cidade e com os demais usuários destas áreas.

Em seu caráter mais implícito, e como a manifestação de uma ou de várias culturas, a Praça João Stanislawzuk, acompanha as modificações na estrutura do bairro, o que é essencial para que as identidades e a memória de bairro sejam reconhecidas. O campo de pesquisa será verificado sob dois aspectos inerentes: o primeiro se caracteriza pelo processo de urbanização que deu origem ao Bairro Santa Paula e suas atribuições históricas; e o segundo, pela análise da utilização de uma praça como paisagem cultural e de manifestação das identidades de bairro.

Com as interfaces praça, identidade e bairro esta pesquisa terá um recorte que não foi escolhido ao acaso ou é visto como uma amostra conveniente, ao contrário, a praça se apresenta como um lugar de luta constante na manutenção e reinvenção das identidades, principalmente em função dos novos elementos que acompanham as intervenções públicas e privadas impostas à região. O objeto da pesquisa será construído na relação existente entre as identidades de bairro e a praça.

As perguntas levantadas diante da imersão no campo de estudo se apresentam em tais indagações: o apego à identidade de bairro propicia tipos específicos de vida urbana? Uma praça poderia ser considerada como um local de interação destas identidades? Quais seriam os grupos que frequentam este local? Esses grupos disputam o espaço ou vivem pacificamente? Quais fatores teriam contribuído para a construção de tais identidades e de tais disputas? E, por fim, como são vistos estes grupos que frequentam a praça e fecundam o imaginário daqueles que estão fora dela?

A relevância da pesquisa configura-se na urgência de estudos que revelem o bairro como um espaço em constante transformação, permitindo ao leitor compreender este lugar como a expressão de uma identidade cultural e que se caracteriza como paisagem presente nas relações existenciais. As interfaces apresentadas projetam a busca por tecnologias e inovação de gestão pública que intensifiquem os estudos e

metodologias de ação, a fim de desenvolver projetos comunitários que levem em conta as identidades de bairro.

Almeja-se, ainda, apontar a importância destes lugares na vida dos sujeitos e perceber como as identidades de bairro podem neutralizar a opressão estrutural de políticas assistencialistas, assumindo a cultura de bairro como imagem e pertencimento aos lugares. Afetos que se apresentam nas histórias de vida dos sujeitos e que se confundem com a história do bairro, compondo uma teia social que apresenta uma parte da cidade, no caso a cidade de Ponta Grossa.

Compreendemos, por fim, que os conhecimentos buscados nessa pesquisa poderiam ser bem aplicados em projetos de qualificação urbana, percebendo a importância da preservação e do desenvolvimento de certas áreas – assunto sempre em pauta nas discussões sobre o desenvolvimento das cidades.

A dissertação divide-se em: Introdução; Caminho Metodológico; Conceitos Preliminares; O Campo de Estudo, Trajetórias Etnográficas e as Considerações Finais.

Na Introdução deste trabalho trataremos de apresentar as características principais da pesquisa.

A segunda parte é destinada à caracterização do Caminho Metodológico realizado nesta pesquisa.

Na terceira parte do trabalho serão apresentadas as bases teórico-metodológicas, abordando de forma mais detalhada os pressupostos que originaram a problemática central deste estudo.

Na quarta parte discutiremos principalmente os aspectos relacionados ao espaço urbano da Cidade de Ponta Grossa e as diferentes formas que este apresenta, delineando as possibilidades simbólicas que surgem nas cidades. Não pretendemos chegar ao fim deste capítulo com uma definição precisa sobre as funções que a cidade e o bairro desempenham na vida dos sujeitos, objetivamos apenas traçar um percurso teórico e histórico até chegar ao nosso objeto de análise. Este levantamento visa promover a possibilidade de síntese para além das especificidades de cada obra e de cada um dos conceitos que a cidade retrata, permitindo-nos ver o que nela se apresenta.

Na quinta parte apresentaremos de forma pormenorizada o Bairro Santa Paula e a Praça João Stanislawzuk, Ponta Grossa – PR, em sua caracterização geral e histórica, apontando sua função junto ao desenvolvimento urbano e cultural do bairro. Este segmento trará também as trajetórias etnográficas e uma discussão sobre a formação,

manutenção e consolidação das identidades de bairro percebidas na Praça João Stanislawzuk, pautando a paisagem como portadora de valor simbólico e cultural. As hipóteses, conceitos e os dados dos quais partimos serão analisados mais detalhadamente, isto a partir da etnografia composta por anotações nos diários de campo.

Nas considerações finais buscaremos a retomada das temáticas desenvolvidas, elencando nossas impressões sobre o trabalho, e apontando futuras indagações para que a pesquisa continue em constante atualização.



## **2. METODOLOGIA DA PESQUISA**

Neste capítulo apresentamos os aspectos metodológicos referentes à pesquisa, subdividindo-o em três partes.

Na primeira parte, apresentamos o referencial teórico metodológico, que sustenta o trabalho de campo. Na segunda pautamos o campo de estudo e enunciamos suas características principais. Na terceira e última parte apontamos os contornos que constituíram a análise dos dados. As três etapas serão também descritas nos capítulos seguintes.

### **2.1. CAMINHO METODOLÓGICO**

Falar sobre o campo de pesquisa é considerar a construção do conhecimento através de uma indagação, é uma atitude de busca de alternativas para conhecer mais e melhor um dado objeto e uma atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes (FAZENDA, 1999). De tal modo, a escolha do caminho metodológico é necessária para qualquer pesquisa, como também apontar quais serão os métodos utilizados a fim de responder aos objetivos inicialmente propostos. Segundo Minayo (2001, p.16), a metodologia é compreendida como “[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Portanto, entende-se que a metodologia são os trilhos a serem seguidos pelo pesquisador, é a sua forma de organização e o planejamento da pesquisa.

Este trabalho segue a metodologia qualitativa e está pautado na etnografia, dando maior ênfase aos fatores e categorias subjetivas sem, é claro, desprezar dados geográficos, estatísticos e históricos e que terão relevância para a pesquisa. Optamos pela pesquisa etnográfica, pois com ela é possível analisar pequenos grupos, procurando entender os fatos sem necessariamente mensurá-los. É uma modalidade essencialmente de campo, onde o observador estará centrado nos fenômenos de grupos ou comunidades. Geertz (1989) busca explicar de que forma o método etnográfico se diferencia de outros no sentido de absorver e interpretar as questões culturais que servem não apenas como pano de fundo, mas como um emaranhado do qual não é possível escapar na avaliação do fenômeno. Ele utiliza como exemplo dois garotos que piscam rapidamente o olho direito, sendo um dos casos a consequência de um tique

nervoso, e no outro, uma piscada conspiratória a algum amigo. Analisando-os enquanto movimento, ainda que por meio de uma observação fenomenológica, são idênticos, não seria possível detectar o que era tique, ou o que era a piscadela, entretanto, sabe-se que são fenômenos totalmente distintos: um é consequência de uma disfunção física, enquanto outro é uma forma de comunicação. Importante, neste caso, é destacar que somente conhecendo o contexto, e o investigando mais profundamente, é que se pode diferenciar um do outro e descrever os fenômenos com a riqueza necessária para que os conheça com propriedade.

Oliveira (2004) apresenta três “faculdades” essenciais para a apreensão dos fenômenos sociais: o olhar, o ouvir e o escrever. Estas apreensões são merecedoras de nossa reflexão durante o exercício da pesquisa e da produção de conhecimento. Nas palavras do próprio autor:

*“Se o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar (...) é no processo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, encontrando soluções que dificilmente aparecerão antes da textualização dos dados provenientes da observação sistemática” (OLIVEIRA, 2004, p. 31 e 32).*

Questões como a formação do espaço urbano, a composição da paisagem, a territorialidade e as redes de sociabilidade e de pertença aos lugares, que auxiliam na composição das identidades urbanas, surgem neste trabalho, como pontos principais de análise. Tendo como proposta perceber como o espaço público de uma praça existe enquanto lugar de afeto e como este é entendido como local de apropriação por diferentes segmentos e grupos.

A etnografia é utilizada aqui como método de inserção no contexto natural dos sujeitos, a fim de acessar as experiências, os comportamentos, as interações e assim compreender a dinâmica dos grupos observados. Ela nos permite compreender o fenômeno dentro de seu contexto, validando a interpretação dos discursos, dos comportamentos, dos rituais e até mesmo da forma como a Cultura de Bairro é reproduzida.

A entrada em campo e as demais incursões na praça foram facilitadas pelo fato da pesquisadora ser moradora do bairro, inclusive ter residido em uma rua próxima ao local, tendo assim a possibilidade de acompanhar o processo de transformação do

bairro, e mais especificamente, acompanhar a revitalização do espaço onde hoje a praça está.

## **2.2. DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO**

A delimitação do objeto de estudo se deu em função do objetivo principal: “investigar como a praça se configura como um lugar de permanência, apropriação e reprodução da cultura de bairro”. O campo escolhido foi a Praça João Stanislawzuk, no bairro Santa Paula, Ponta Grossa – PR. Tal escolha ocorreu devido ao fato de a pesquisadora ser nativa do lugar, o que promoveu uma imersão mais profunda no campo de estudo, o recorte espacial - A Praça - foi sugerido em função deste ambiente ser central no bairro, sendo um local de convergência e encontro dos grupos que representam a cultura do lugar.

## **2.3. PESQUISA DE CAMPO**

De acordo com Gonçalves (1983, p.22), “[...] a delimitação do tema deve guardar uma relação espaço-tempo, especificando seu campo de conhecimento, situando a pesquisa no espaço geográfico onde ocorre e no tempo cronológico, ou seja, no período que se realiza”. Sendo assim, decidiu-se pela pesquisa etnográfica, buscando a integração no cotidiano do bairro, mais especificamente na praça.

A pesquisa ocorreu através: da revisão de literatura sobre os conceitos de Espaço Urbano, Território, Paisagem, Lugar, Cultura e Identidade; da elaboração de roteiros norteadores para a pesquisa documental sobre a cidade de Ponta Grossa, o Bairro Santa Paula e a Praça João Stanislawzuk; c) do estabelecimento do vínculo com entidades e com grupos que forneceram material documental para a construção da história do bairro (Secretaria Municipal de Cultura e Meio Ambiente - PMPG, Programa de Habitação da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa – PROLAR, Associação de Moradores do Bairro Santa Paula, Centro de Convivência do Idoso, entre outros); da observação (imersão) da rotina da praça e dos grupos sociais que frequentam tal ambiente. E finalizando o processo através de uma análise direta e minuciosa dos fenômenos observados, em um

processo que se caracterizou por aproximações sucessivas e teve como produto final o registro das informações relevantes em diários de campo.

As observações do campo de estudo foram realizadas em dois momentos distintos. As primeiras inserções se deram no mês de janeiro de dois mil e quinze, havendo um retorno ao campo no mês de novembro do mesmo ano.

### 3. CONCEITOS PRELIMINARES

#### 3.1 A CONCEPÇÃO DE ESPAÇO

*Não quero que a minha casa seja cercada de muros por todos os lados nem que as minhas janelas sejam tapadas. Quero que as Culturas de todas as terras sejam sopradas para dentro da minha casa, o mais livremente possível. Mas recuso-me a ser desapossado da minha, por qualquer outra.*  
Mahatma  
Gandhi

O espaço geográfico é o conceito balizador da Geografia, produto da ação do homem sobre a natureza, e é construído conforme a sua evolução histórico/tecnológica e cultural. Para Corrêa (1989) o conceito de espaço é um dos mais abrangentes, apresentando-se como “um todo” do qual derivam os demais conceitos geográficos e com o qual se relacionam.

A construção deste conceito se dá em outras duas categorias: tempo e espaço. Inicialmente, a categoria tempo foi balizada a maneira de Kant e assumiu uma configuração sequencial e linear, mensurada em uma sucessão de fatos no espaço. Tal autor apresenta sua análise numa perspectiva histórica, justificando as relações da comunidade (grupo particularizado) com o meio (natureza) ao longo do tempo. Trata-se de uma visão onde o espaço é analisado como um ciclo, evocando uma ideia de estabilidade (SPOSITO, 2004).

Com o passar do tempo, o conceito de espaço se transformou, e o tempo que antes era tido como estável, passou a ser interpretado como uma espiral. Esta dinâmica desvendou o espaço como forma (origem), organização (funcionalidade), e possibilidade, tornando-o a coexistência das formas herdadas (de uma outra funcionalidade), do passado e do presente (ou de um passado reconstituído no presente).

Mais recentemente, outras concepções sobre o conceito ampliaram a sua funcionalidade. Milton Santos (1982, p.82) refere-se à categoria afirmando que “[...] o espaço é a acumulação desigual de tempos”, o que significa conceber o espaço como herança. O autor ilustra o espaço-tempo como categorias indissociáveis, nos permitindo refletir sobre a coexistência de tempos (culturas, signos, sentidos). Desta forma, num

mesmo espaço podemos encontrar tempos diferentes, resultando deste processo inserções diferentes no lugar. O espaço pode ser interpretado então como diferentes formas de coexistir, como materializações diversas, e por consequência, como complexo e carregado de heranças e de significados.

David Harvey (1980) aborda em seu livro *Justiça Social e a Cidade* o espaço num contexto dialético, e concebe o conceito como sendo ao mesmo tempo, absoluto (com existência material), relativo (como relação entre objetos) e relacional (espaço que contém e que está contido nos objetos). Segundo ele "[...] o objeto existe somente na medida em que contém e representa dentro de si próprio as relações com outros objetos". O espaço não é descrito aqui como imutável, mas sim como uma categoria orgânica podendo transformar-se em um ou outro, dependendo das circunstâncias.

Estudar o processo de ocupação dos espaços é, também, perceber como os grupos humanos transformam o meio em que habitam e como as territorialidades expressam esta ligação entre o substrato material da vida e a atividade humana de produção, que juntas, constituem a forma-conteúdo reveladora dos modos de vida nas cidades (SANTOS, 1999).

Nesse sentido, o espaço é por nós compreendido, como um produto da dinâmica sócio-espacial, ou seja, das relações sociais que os homens mantêm entre si e com a natureza nata (meio natural). É preciso termos claro que o universo da práxis humana é prenhe de infinitas ações e reações historicamente definidas, que efetivam a produção e demais atividades da vida diária, onde cada fenômeno, cada momento, é um momento de um todo. O homem é aquilo que o mundo é. E o mundo é aquilo que os homens são.

### **3.2 AS CONFIGURAÇÕES DE UM TERRITÓRIO**

Compreender os processos de formação e transformação dos territórios implica, inicialmente, no conhecimento das sucessivas etapas de desenvolvimento dos espaços. Milton Santos (1996, p.23) parte da compreensão de espaço como um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

O espaço, como possibilidade de uso, é anterior a qualquer ação, e está dado como matéria-prima, como objeto, através do qual será tornado território. Essa dinâmica

realiza-se num campo de poder. Para Raffestin (1993), a formação de um território implica em comunicação, a partir da qual um ator informa a outros suas intenções e o espaço que elas ocupam. Um sujeito que, localizado em um determinado ponto do espaço, liga-se a outros pontos de acordo com seus objetivos e estabelece, nessa relação, uma representação do espaço. Essa interpretação é, então, comunicada a outro, criando-se uma rede simbólica de elementos narrados pelos sujeitos. Esta ilustração se trata de um espaço construído por um elemento (sujeito social), que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema sêmico. Portanto, o espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor, do território visto e/ou vivido. É, em suma, “[...] o espaço que se tornou território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação” (RAFFESTIN, 1993, p.83).

No que se refere à territorialidade o mesmo autor argumenta que esta:

*“[...] reflete a multidimensionalidade do ‘vivido territorial’, um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influência ou em territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes e pelos que os definem” (RAFFESTIN, p.33, 1993)*

A territorialidade é a porção do espaço que define as relações espaciais de inclusão e exclusão, onde os elementos essenciais são retidos sem uma relação de identificação com o grupo. Ao adentrar ao processo de humanização, por meio da linguagem num contexto social concreto, o homem estabelece também a relação de alteridade. É na reação às palavras dos outros (dentro das infinitas possibilidades de manifestação dessa reação), desde o processo de assimilação inicial do discurso até a assimilação das riquezas da cultura humana, que encontramos elementos para a construção de toda ação do “eu”. O que vemos, é, portanto, não somente o espaço modelado, mas um território, feito de indivíduos e grupos que dão sentido a sua existência na coletividade (BAKHTIN, 1986).

Para Haesbaert (2011), o território é cultural e incorpora uma dimensão simbólica que é referente a uma identidade territorial. O autor compreende que as identidades sociais são simbólicas e, portanto, produzidas como representação da realidade. O espaço seria, assim, passível não só de interpretações objetivas, mas também subjetivas, entendido como a representação de algo e como constituinte na construção das identidades.

O que pretendemos abarcar aqui é o fato de que as referências espaciais são relevantes para a construção das identidades. Há uma pluralidade dimensional do espaço, que passa pelas práticas concretas, pelos grupos, e pelos símbolos e imagens do espaço, numa relação dialética entre o espaço vivido e o espaço percebido.

Barcellos (2003) nos mostra um território constituído pelos fatos efêmeros do cotidiano, sendo este formado pela cultura (narrativas, afetos, os valores). O autor nos revela a importância das dimensões menores da vida social das comunidades, possibilitando-nos reter discursos não totalizantes, capazes de configurar um pensamento complexo sobre um dado território. Baseado na obra de Maffesoli, Barcellos compartilha de um território que produz e é receptáculo de memória coletiva, um “microlocalismo gerador de cultura”. Em suas palavras “[...] bairros, grupos étnicos, corporações, tribos diversas, todos os agrupamentos humanos são [...] organizados em territórios, sejam eles reais ou simbólicos, e com toda a carga de mitos que compartilham”. É nesta relação que se localiza a potência da sociabilidade de um grupo que preserva e se preserva em um dado território (BARCELLOS, 2003, p.132).

### **3.3 A EXPERIÊNCIA DA PAISAGEM**

O conceito de Paisagem possibilita-nos compreender melhor a relação que estabelecemos com o espaço onde estamos inseridos. Para muitos, a paisagem restringe-se à possibilidade visual, a tudo aquilo que nossa vista alcança. Mas ela é um conjunto muito mais amplo de interações, é algo além do visível, e resultado de um processo de articulação entre os elementos constituintes do espaço. Bertrand (2007) definiu-a como resultado sobre certa porção do espaço, uma combinação dinâmica e instável dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, que interagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem num conjunto único e indissociável em contínua evolução.

Milton Santos (1996), norteado pelo conceito de espaço, nos revela uma paisagem herança, na qual estão representadas as sucessivas relações entre o homem e a natureza. A paisagem é a materialização de um instante vivido pelo grupo social (constituído por muitos instantes), enquanto que o espaço resulta do casamento da sociedade com representação da paisagem. Por isso, a paisagem e o espaço constituem-se em um jogo dialético: contemplando-se e se opondo-se na significação das relações sociais.



Roberto Lobato Corrêa (2005, p.78) apresenta a paisagem como manifestação de uma cultura, sendo “um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si”. Nesta perspectiva, a paisagem emerge como resultado e expressão de diversos aspectos funcionais e simbólicos. Um conceito operacional, que nos permite analisar o espaço sob a conjunção de elementos naturais e tecnificados, sócio-econômicos e culturais.

Ela é o conjunto que representa as heranças e as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. É a materialização das condições sociais de um grupo localizados em seu ambiente, onde estarão presentes elementos naturais (ainda que já transfigurados) e elementos culturais, interagindo dialeticamente uns sobre os outros em um conjunto único e indissociável, em contínua evolução.

### **3.4 DO MUNDO AO LUGAR**

O conceito de lugar tem por função completar as lacunas no processo de identificação com o espaço, mas em escala local ou regional, podendo ser entendido, conforme Carlos (1994), como a parte do espaço geográfico, efetivamente apropriado para a vida, onde se desembocam as atividades quotidianas. Esta categoria de análise seria a base da reprodução da vida, podendo ser observada pela tríade habitante-identidade-lugar.

Para Callai (2000) é imprescindível ler o lugar para compreender o mundo em que vivemos, independente se a partir de temáticas, de problemas ou de situações do espaço vivido. Essas problemáticas podem ser formuladas a partir da realidade, do que ocorre e do que existe no mundo. O importante é perceber no lugar os conceitos de espaço e de tempo e analisar a história de vida das populações e as relações de poder que estas estabelecem.

Buttimer (1985), através de seus estudos sobre o espaço, percebeu que o conceito de lugar e suas variações nos fazem compreender que “[...] cada pessoa está rodeada por camadas concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação”. O lar seria o primeiro passo deste lugar simbólico e o principal referencial de nossas existências. Assim, poderíamos sair de nosso abrigo em qualquer situação e o retorno ao lar seria o momento exato em que o espaço se tornaria um signo, único e afetivo.

Carlos (1996) acrescenta a dimensão histórica a este conceito. Para ela, pensar o lugar:

*“[...] significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história” (CARLOS, 1996, p.20).*

Estes hábitos seriam formados por um “véu” de símbolos, com múltiplas significações e que dariam sentido ao espaço. Hegel (2000) argumenta que:

*“O símbolo, em geral, é uma existência exterior imediatamente presente ou dada para a intuição, a qual, porém, não deve ser tomada do modo como se apresenta de imediato, por causa dela mesma, mas deve ser compreendida num sentido mais amplo e mais universal. Por isso, devem ser distinguidas a seguir duas coisas no símbolo: primeiro o significado e depois a expressão do significado. Aquele [o significado] é uma representação de um objeto (já sujeita, portanto, à projeção subjetiva) (...), esta (a expressão) é uma existência sensível ou uma imagem de qualquer espécie (ainda autônoma frente ao sujeito)”. (HEGEL, 2000, p. 26).*

Na vida das comunidades os símbolos são responsáveis pela significação da existência do grupo social, tornando-se a materialização do lugar, sendo eles capazes de acionar novas formas de comunicação, de produção e reprodução da vida quotidiana. Cada um destes grupos viverá a partir de uma forma única de comunicação, e as suas leis e normas serão organizadas na perspectiva moral das comunidades, aprendendo a viver a manutenção do lugar.

O conceito de lugar atribui uma ordem subjetiva às relações, resultando em relações horizontais de coexistência e resistência. Ele é um recorte espacial que dá sentido ao estudo das comunidades.

### **3.5 O PERTENCIMENTO AO ESPAÇO: O CONCEITO DE COMUNIDADE**

O conceito de comunidade nasceu na sociologia. Inicialmente ele foi compreendido como o lugar das relações naturais (não-rationais), baseado em afetos, e nas relações de amizade e de vizinhança. O termo comunidade foi criado, ainda no século XIX, em oposição ao conceito de sociedade da época, tido como o fruto de associações deliberadas para fins racionais, baseados em interesses individualizados, ou em contratos econômicos (TÖNNIES, 2002).

Um dos significados etimológicos do vocábulo comunidade origina-se de “comum”. Neste sentido, podemos dizer que se refere àquilo que é partilhado por todos. Em vista disso, este termo pode ser empregado referindo-se a associação; a pessoas que partilham a vida em comum, como sendo uma comunhão, congregando uma identidade, um sentimento de pertença por ter algo em comum, objetivos e entrelaçamentos onde se faz mister um espaço para encontrarem-se. Foram disponibilizadas no Dicionário de Ciências Sociais (1986), 94 definições para o termo, todavia ainda não se chegou a uma unanimidade a este respeito.

Com o passar do tempo a ideia de comunidade se transformou, fundamentando-se nas relações de reciprocidade (norteadas por laços afetivos), que ligam indivíduos que convivem em um mesmo espaço físico e nele adquirem os recursos básicos para a sua subsistência.

Zygmunt Bauman (2003, p.38), conceitua comunidade como “[...] a busca por segurança no mundo atual”, ele aborda a tensão entre liberdade e segurança, dois valores urgentes e necessários que nunca foram ajustados por nenhuma forma de união humana. O autor compreende que por vivermos em um mundo privatizado, onde as relações se tornaram distantes e se realizam em uma velocidade sem precedentes, as comunidades, acabaram por se tornar lugares, desejados pelos sujeitos, em sua busca por segurança. Um lugar seguro, com memória e onde, enquanto humanos, sentimos necessidade de enfrentar, coletivamente, medos e ansiedades.

No contexto deste trabalho, o termo comunidade será compreendido como “um conceito existencial organizador: da relação das pessoas com o grupo, do sentimento de identidade comum e do apelo à solidariedade” (GUSFIELD, 1995, p.89). Em outros termos, nos valeremos do conceito como um critério na análise das ações de pertencimento comum ao lugar de afeto.

## **4. O CAMPO DE ESTUDO**

### **4.1 O ESPAÇO URBANO DE PONTA GROSSA: SUAS ORIGENS, TRANSFORMAÇÕES E PERSPECTIVAS.**

No primeiro momento de apreensão da cidade, temos uma tendência a observar o caráter heterogêneo dos espaços urbanos, acumulando termos formais, levados por um sistema de produção capitalista e por um sistema de sentidos distantes. Uma das características peculiares deste ambiente, e ao observar a cidade com mais cuidado, é a forma como cada grupo social se ocupa dos espaços e realiza significativas transformações na paisagem urbana. Não são as grandes edificações ou os inúmeros prédios comerciais que constroem o movimento social, mas sim, os sujeitos sociais que ao viverem suas histórias configuram e reconfiguram os espaços citadinos todos os dias.

O espaço público é esse lugar onde se desenrola a vivência pública: as praças, as ruas, jardins e os parques das cidades são os locais onde as relações quotidianas acontecem e onde a convivência entre os grupos se apresenta. Esse contexto, “[...] mais do que o espaço de passagem, deve constituir um lugar em si, cuja função principal se caracteriza pela satisfação interativa de necessidades humanas, como passear, sentar, contemplar, comer, ler, observar, conversar e relaxar” (ALVES, 2000, p. 56).

Segundo Lamas (2004, .87) “[...] de todos os espaços públicos, a praça é sem dúvida a que mais se evidencia em relação a outros espaços, pela sua dimensão relativa ou pela qualidade da arquitetura reforçando o caráter coletivo dos edifícios que a envolvem”. É um espaço de significados comuns à comunidade e onde as histórias, os mitos e as lendas urbanas são replicadas, passadas de geração em geração.

Um dos aspectos relevantes, ao observar uma praça, é perceber como cada sujeito, ou grupo social, ocupa este ambiente de forma singular. As identidades de bairro contam a origem do espaço partilhado, e as rodas de conversa tornam-se momentos onde as pequenas trocas ocorrem e onde o afeto de pertencimento ao grupo é alimentado.

Neste trabalho reconhecemos a praça como local de acolhimento e de construção cultural. Um processo e lugar antropológico onde as identidades de bairro afirmam sua existência. Ter uma praça como campo de análise é um encontro interdisciplinar entre sensibilidades da psicologia, da geografia, da antropologia e principalmente um encontro sensível entre o observador e seu objeto. Compreendemos

que o bairro é esse local onde as manifestações simbólicas se apresentam e onde os grupos sociais “[...] lidam com esses afetos na cultura” (THOMPSON, 1998, p. 190).

As ciências vêm apresentando grandes contribuições para o estudo das cidades, fato que legitima o aspecto cultural simbólico na construção dos espaços. No caso desta pesquisa o recorte territorial se deu no Núcleo Habitacional Santa Paula, Ponta Grossa – PR. Um dos lugares construídos para acolher os migrantes que chegavam à cidade no final da década de 1970 e onde as relações sociais de proximidade edificaram-se conforme o desenvolvimento do bairro.

Ao lançar um olhar sobre a constituição deste ambiente, a da Praça João Stanislawzuk é referência no bairro em função de sua localidade e das formas de ocupação do lugar. Um espaço de encontros e que passou gradativamente a ter uma conotação de extrema relevância na história do bairro. Isto se deu principalmente nas assembleias realizadas no espaço e que tinham como objetivo viabilizar o desenvolvimento do bairro, visto que o deslocamento até o centro da cidade era inviável.

Esta característica de bairro, onde os sujeitos buscam formas de autonomia, é claramente observada no processo de urbanização de Ponta Grossa. Tal configuração urbana apresenta uma cidade que cresceu, e ainda cresce em direção aos núcleos habitacionais mais afastados do centro, revelando não somente um inchaço urbano no centro citadino, mas também a preferência imobiliária por locais mais distantes e que contemplem a renda das famílias.

Historicamente Ponta Grossa vem sofrendo grandes mudanças quanto a estes processos de urbanização. O Vilarejo da Mata de Ponta Grossa nasceu como em diversas outras cidades brasileiras, ao redor de uma pequena capela católica, destinada a devoção de Nossa Senhora Mãe da Divina Graça. Os primeiros registros da região onde hoje se encontra o município, para além da presença indígena, provêm dos viajantes castelhanos em trânsito para o Paraguai. No começo do século XVI, os jesuítas também passaram pela região em missão de catequização de indígenas, acabando por alfabetizar também as crianças que viviam e trabalhavam nas fazendas ao redor do Vilarejo (DRABIK, 2006).

A cidade se desenvolveu em um terreno com topografia bastante acidentada. E este fato foi uma vantagem no crescimento do Vilarejo, pois interligava dois caminhos importantes no século XVI. O núcleo urbano original localizava-se na atual porção

central da cidade, na colina do divisor de águas dos rios Tibagi e Pitanguí, situada na Comarca de Castro, o então Bairro de Ponta Grossa, terra de passagem, era, pois, ponto de convergência das regiões circundantes: o do Viamão (que ligava São Paulo ao extremo sul do país) e a rota de Paranaguá (que passava por Curitiba) (CHAMMA, 1988).

A população pioneira de Ponta Grossa foi formada principalmente por descendentes de portugueses vindos de São Paulo, Rio Grande do Sul e Curitiba, em meados do século XVIII, quando Ponta Grossa ainda fazia parte do território da Vila de Castro. Como a escravidão havia sido prática comum, os indivíduos oriundos do continente africano, assim como os indígenas, também estavam mesclados à formação inicial da população pontagrossense, apesar de não serem reconhecidos como tais pelos dados oficiais.

Locada sob a hegemonia das fazendas, e com raízes no tropeirismo e nos marcos referenciais presentes no Caminho das tropas, Ponta Grossa deixou de ser apenas um bairro de Castro e foi elevada a freguesia em 15 de setembro de 1823 (Figura 1) (GONÇALVES, 1983).



**Figura 1: A Cidade de Ponta Grossa no início do Século XX, data da foto: desconhecida. Fonte: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.**

A partir da chegada das ferrovias, no século XIX, a população e o quadro urbano da cidade aumentaram consideravelmente. A instalação do complexo ferroviário serviu como polo de atração para os migrantes vindos de outras cidades paranaenses (Curitiba, Castro, Morretes) ou de outros estados, sobretudo São Paulo, Santa Catarina, Rio

Grande do Sul e Minas Gerais, bem como atraiu, para trabalhar na implantação dos trilhos, imigrantes estrangeiros já presentes na Região (alemães, poloneses, sírios, portugueses e espanhóis), que se estabeleceram ao longo das linhas de trem, dando origem a inúmeras colônias em caráter definitivo (Figura 02) (MONASTIRSKY, 1997).

A presença desses imigrantes trouxe mudanças significativas para as regiões paranaenses onde se instalaram, impulsionando, sobretudo, as atividades industriais. Essa atitude modernizadora aconteceu também em relação a outros setores como comércio, transporte e cultura. Tais atividades muitas vezes ocorreram em função das dificuldades com a atividade agrícola que os levaram a migrar para a zona urbana.



**Figura 02: Construção de uma Vila Ferroviária, 1885, Região de Ponta Grossa – PR. Fonte: Max Kopf.**

Já no início do século XX, a cidade respirava um clima de urbanidade. Havia bandas musicais, que disputavam o espaço para as apresentações, um cinema e um hospital, e as casas do centro urbano passaram a ter luz elétrica, alguns Clubes e Associações foram criados, dentre eles o Clube Alemão (Imigrantes Alemães). Estes clubes foram responsáveis pelo início dos ciclos festivos da cidade onde as festas religiosas, de carnaval e aquelas em comemoração pelas colheitas, passaram a ser realizadas ao lado da Praça Barão do Rio Branco (Figura 3), centro de Ponta Grossa (SANTOS, 2005)

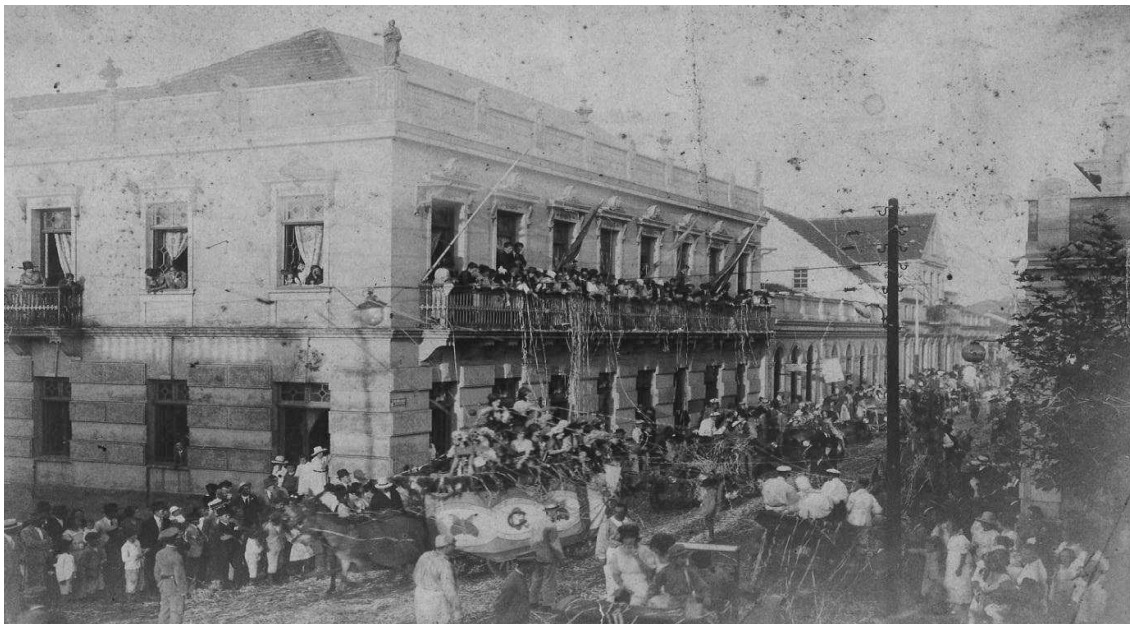


Figura 3: Festa de Carnaval – O Corso Carnavalesco, Ponta Grossa, 1904. Fonte: Frederico Lange.

Nas décadas de 50 e 60, a ocupação urbana já havia tomado às encostas e os espigões secundários apontando para um desenho urbano circular, a partir do centro tradicional da cidade. Era expressiva a ocupação das avenidas D. Pedro II e Ernesto Vilela (Figura 04) e essa tendência territorial de ocupação nas direções noroeste, norte e leste permaneceram até a década de 80, quando surgiram os loteamentos isolados nas regiões leste e sudoeste (CHAMMA, 1988).

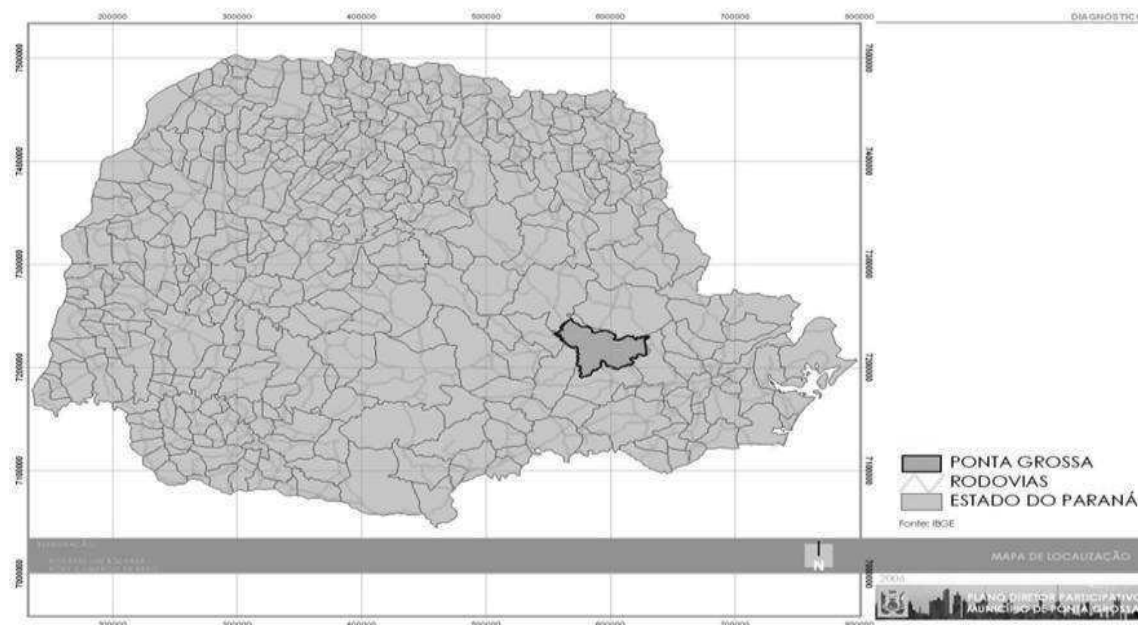


Figura 04: Centro de Adensamento Urbano da Cidade de Ponta Grossa, 1960. Fonte: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.



Nas últimas décadas do século XX vários setores da comunidade manifestaram-se a favor da criação de instituições de ensino superior. A política e o desenvolvimento da educação tornaram-se pautas principais das lideranças do município e a preocupação em manter a cidade como uma das referências produtivas do Estado do Paraná crescia a cada dia.

Infelizmente as crises vividas pelo país nas décadas de 80 e 90 acabaram por frear o desenvolvimento urbano da cidade, que passou a buscar na agroindústria meios para continuar operando como ponto de confluência das relações do Sul/Sudeste brasileiro e da penetração para o interior paranaense.



**Figura 5:** Mapa do Paraná, em destaque a cidade de Ponta Grossa. Fonte: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

Nos dias atuais Ponta Grossa é composta por doze bairros, sendo que dentro destes bairros, estão organizados noventa e um núcleos habitacionais denominados vilas e jardins. A cidade localiza-se no Segundo Planalto Paranaense (latitude 25° 50' 58" Sul e longitude de 50° 09' 30" Oeste), região dos Campos Gerais (Figura 5). Seu centro urbano, situado a 118 quilômetros da capital do estado, tem uma população de aproximadamente 330.000 habitantes (IBGE, 2014) e uma área de 2.068 km<sup>2</sup> (PLHIS, Ponta Grossa – PR, 2011).

Sendo a cidade o resultado da natureza historicizada pelo homem e, por isso, uma formação social típica, seu espaço (e tudo o que ele contém) constitui-se como uma condição universal e preexistente da atividade humana correspondendo sua produção ao reflexo de uma gigantesca soma de tempos de trabalho aplicados a um mesmo lugar (MORAES & COSTA, 1984).

Nos dias atuais o município se mantém como uma das regiões mais importantes do Paraná, dada sua localização estratégica no eixo de maior complexidade do Estado, que une o norte e o oeste paranaense ao porto de Paranaguá, passando pela aglomeração metropolitana de Curitiba. Ponta Grossa transformou-se em um centro urbano de grande relevância, recebendo expressivo número de pessoas, e permanecendo assim no caminho dos paranaenses.

#### **4.2 O PROCESSO DE EXPANSÃO URBANA E O DESENVOLVIMENTO CIDADINO PONTAGROSSENSE**

O espaço urbano é uma realidade relacional. Segundo Milton Santos (1997) o espaço é “[...] um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” (SANTOS, 1997, p.71).

Morar em uma cidade é partilhar dos mais variados interesses, é estar em um local de disputas e conviver com diferentes atores e segmentos sociais que reclamam a satisfação de suas necessidades. O fenômeno urbano, com suas diversas partes e em constante interação, constitui-se, portanto, em um processo social e histórico, atravessando as relações que os sujeitos mantêm com a cidade.

Ponta Grossa advém de um processo histórico marcado por múltiplas origens e se caracteriza através da pluralidade destes processos urbanos. Nascida e renascida no tropeirismo, na construção e implantação das ferrovias, na chegada dos imigrantes europeus e no processo de industrialização e mecanização da produção agrícola, a cidade reflete hoje muitas culturas e muitas formas de se fazer cidade.

Este espaço urbano é um espaço geográfico, e assim um produto histórico e social (CORRÊA, 1989). Um espaço que se constitui em reflexo e condição de uma dada sociedade, mediada pelas condições técnicas de determinada época histórica. É um espaço formado por fragmentos que se encontram e são articulados por fluxos de diversas naturezas, de pessoas, de informações e de ideias.

A expansão urbana é representada aqui como a necessidade pelo desenvolvimento, como um processo onde os sujeitos produzem a cidade, sendo seu estudo de fundamental importância para se compreender a configuração espacial de

cada região. Diante do aumento da necessidade de locais para a implantação de atividades produtivas e para a constituição de áreas habitacionais, a ampliação da área urbanizada normalmente caminha em direção a terras até então utilizadas para fins agropecuários. Por este motivo muitos dos núcleos habitacionais acabam sendo construídos longe do centro urbano e seus moradores tendem a criar mecanismos que os aproximam das vivências do bairro (SINGER, 1983).

Os processos de expansão urbana observados em Ponta Grossa tiveram importantes implicações sobre a organização e a distribuição dos segmentos sociais da cidade. O município, devido à sua importância econômica regional, somada à sua localização enquanto importante entreposto comercial e entroncamento rodoferroviário sul brasileiro concentrava, já nos três primeiros decênios do século XX, a maior parcela de sua população na cidade, ao mesmo tempo em que se consolidava como um polo de atração de migrantes (PAULA, 1993).

Ponta Grossa tornou-se uma das maiores produtoras de grãos e devido ao crescimento vertiginoso de sua população, nas décadas de 1940 e 1950, ampliou suas fronteiras e impulsionou sua economia. Em função da forte economia, e devido à lavoura cafeeira, a cidade multiplicou em quase seis vezes a sua população na década de 1960. Em menor proporção, a população rural também cresceu, e o contribuiu como uma parcela importante do crescimento demográfico citadino (LOWEN, 2000).

Com o elevado crescimento populacional e impulsionado pela modernização agrícola no Paraná, os anos 70 estimularam profundas mudanças na estrutura social da Cidade Princesina, a mecanização do campo desempregou muitas famílias e diferentemente das migrações anteriores, empurrou um maciço contingente de pessoas empobrecidas para o espaço urbano, em busca de trabalho e de moradia.

A cidade passou a representar um local de acolhimento dos migrantes que ali chegavam e a relação entre os espaços mudou drasticamente visto que a população tornou-se ainda mais miscigenada e ao se estabelecer no espaço citadino trouxe consigo os símbolos e a cultura que manifestavam nos espaços em que viviam antes. Roberto Lobato Corrêa (2005) nos apresenta este processo urbano como uma prática socioespacial, para ele a cidade é um lugar privilegiado de ocorrência de uma série de processos sociais, entre os quais há acumulação de capital e a reprodução social tem importância básica, estes processos criam funções e formas, ou seja, criam atividades e suas materializações, cuja distribuição constitui a própria organização espacial urbana.

As novas famílias que chegaram a Ponta Grossa, além de reproduzirem o que lhes era pessoal, passaram também a produzir, concomitantemente, o espaço geográfico da cidade. Este local foi “apropriado pelas relações sociais, e produzido enquanto espaço urbano articulação indissociável dos planos local/mundial - o que incluiria, necessariamente, as possibilidades de transformação da realidade” (CARLOS, 2007, p.72).

E foi neste contexto que o bairro Santa Paula foi criado. Em um lugar longínquo do centro da cidade, o núcleo habitacional foi uma obra realizada pela Empresa de Moradia Municipal de Ponta Grossa, e tal como nos demais núcleos habitacionais, todas as famílias que tivessem o desejo de comprar uma das propriedades no bairro precisavam ser contempladas por um consórcio municipal de moradias.

Como citado anteriormente os anos que se seguiram frearam os processos de migração, tal como a industrialização e o desenvolvimento econômico do município, isto se deu principalmente em função da instabilidade política e financeira vividas pelo país. O que não impediu que o centro da cidade de Ponta Grossa vivesse ainda outro fenômeno urbano que causaria transtornos a gestão pública: o inchaço urbano central.

O crescimento “desordenado” (Figuras 06 e 07), as vias públicas estreitas para o contingente de automóveis, e os equipamentos urbanos que se multiplicavam pela cidade exigiam a atenção desdobrada da ordem pública.



Figuras 6 e 7: Imagem do Centro da Cidade de Ponta Grossa. A primeira foto representa a Avenida Balduino Taques em 1922, e a segunda foto apresenta a mesma avenida no ano de 2011, após a sua ampliação. Fonte: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa (ambas as fotos).

Os bairros cresciam em território e população, o agronegócio conseguia manter a economia da cidade dentro de um padrão de desenvolvimento aceitável, mas o centro era um problema dentro do processo de expansão de bens e serviços vividos pela cidade. Neste período, uma das medidas tomadas foi à ampliação das vias principais da cidade, o que amenizou a situação, mas não resolveu o problema, que se estende até os dias atuais.

Nos últimos anos da década de 90 a cidade retomou seu ritmo de crescimento. Ponta Grossa viveu um período de grande expansão industrial o que “[...] alterou o perfil da cidade na sua estrutura interna, com o investimento nas pavimentações asfálticas, construção de praças e melhorias da iluminação pública nos bairros” (SCHEFFER, 2003, p.68) privilegiando assim os moradores dos núcleos habitacionais que conseguiram usufruir das melhorias realizadas nas periferias.

Um dos aspectos mais relevantes no estudo do espaço urbano, e que não podemos desvincular de sua condição representativa da sociedade, é esta mutabilidade que ocorre em ritmos e natureza diferenciados, assim como a complexa dinâmica da sociedade (SANTOS, 1997). Ponta Grossa é um destes locais, que nasceu como uma cidade de passagem, transformou-se em uma cidade ferroviária, caminhou para a industrialização e tornou-se uma cidade de bens e serviços. Os eventos supracitados e que criaram ao longo do tempo as condições que incentivaram a expansão do espaço urbano formam o processo histórico da urbanidade de Ponta Grossa, lembrando-nos sempre que o urbano se caracteriza pelo fazer e refazer humano em articulação com as representações que temos dos lugares.

Um dos maiores desafios que se apresenta à gestão pública no presente momento, e para além do crescimento desordenado do espaço urbano central pontagrossense, é a forma como os investimentos são realizados nos bairros. É fato que a cidade cresceu em expansão e densidade demográfica, e que os loteamentos seguem uma direção não contígua à área urbana, em um movimento habitacional cada vez mais periférico e deslocado da área já urbanizada. Esta informação nos incentiva a buscar formas de se entender o bairro e suas singularidades, não tendo como objetivo criticar a ordem pública, mas apresentar a cultura de bairro como um dos critérios para a viabilização de investimentos a estas áreas periféricas.

### **4.3 A CULTURA DO BAIRRO SANTA PAULA: O ONTEM, O HOJE E SUAS REPRESENTAÇÕES.**

Na história do conceito de espaço percebemos que este objeto vai além da dinâmica física, onde o grande desafio que se coloca é compreender a inter-relação entre a sociedade e o meio. À medida que o Homem percebe e se apropria da natureza, que guarda a especificidade de ser permanentemente (re)elaborada pelo fazer humano, ele produz elementos simbólicos que se articulam com as representações que temos dos lugares. Esta abordagem voltada para o comportamento e a percepção, compreende que o espaço está relacionado não só aos nossos sentidos, mas também à visão de mundo e a nossa cultura (herança em comunhão com os nossos sentidos) (TUAN, 1980).

Tendo em vista que o conceito de espaço não é apenas uma localização física, uma peça de bem imóvel, mas o local geográfico onde ocorrem os movimentos sociais, a cidade se apresenta como o lugar onde as diferenças coexistem (CARLOS, 2007). Na cidade o homem é o elemento central na produção das espacialidades e um aspecto importante sobre este local refere-se ao modo como se dá a transmissão das experiências através do tempo. Segundo Mumford (2004, p.132) “[...] a cidade une épocas passadas, épocas presentes e épocas por vir”.

. A transmissão das experiências urbanas no tempo seria, portanto, semelhante ao modo como o próprio corpo transmite, sob a forma de uma cicatriz ou uma erupção recorrente, algo ocorrido há muito tempo

Mas é claro que existem também as singularidades do se fazer urbano, e neste processo cada habitante percebe a cidade e vive o lugar de forma única. A mesma paisagem pode ser descrita de forma completamente distinta visto que este conceito depende da interpretação dos sujeitos, sendo ela a memória viva de um passado comum, um rico instrumento de trabalho, uma imagem imobilizada de uma vez por todas “e que permite rever as etapas do passado numa perspectiva de conjunto. E é neste sentido que se “[...] queremos interpretar cada etapa da evolução social, cumpre-nos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades e identidades representam, reconstruindo a história pretérita da paisagem e confrontando-a com a sociedade atual” (SANTOS, 1999, p. 46).

No caso deste trabalho, e tendo como campo um local específico da cidade de Ponta Grossa, a ocupação dos lugares nos dá suporte para compreender como os

diferentes grupos sociais manifestam suas identidades e se afirmam em seu espaço. A paisagem apresenta-se não só na materialidade, mas também nos valores morais e éticos, nos hábitos e significados expressos nas práticas sociais dos grupos. Sendo este conceito onde encontramos os elementos que nos auxiliam na compreensão histórico-territorial dos ambientes citadinos.

Muitos elementos formam a paisagem cultural de uma cidade e o bairro é um destes elementos, ele contém em si a organicidade das cidades, é um local de percepção, de experiência, um lugar de intensidades e que acaba por obter uma “[...] identidade intersubjetiva aceita pelos seus moradores e pelos moradores de outros bairros da cidade” (SOUZA, 1989).

A história do Bairro Santa Paula, Ponta Grossa – PR, está relacionada intimamente com a história do bairro Contorno, que, na década de 1980, era conhecido como a região do “Santa Pueira”, por estar distante do centro da cidade, e não ter malha asfáltica (Figura 08).



**Figura 08: Construção do Núcleo Habitacional Santa Paula, 1978. Arquivo Pessoal Família Simionato.**

Em função da ausência de infra-estrutura os habitantes do loteamento sofreram por muito tempo com a poeira vermelha que entrava nas casas. Os moradores mais antigos do bairro retratam bem esta época:

*“Logo que pegamos a casa usávamos sacolas nos pés pra poder ir trabalhar com os sapatos limpos” (Senhor Francisco, 79 anos)*

*““Vixi”, quando chegamos aqui filha só haviam as casinhas e um trecho grande pra ir „pro” centro da cidade” (Senhora Josefa, 89 anos)*

*“Nós tivemos que lutar muito para conseguir ter as condições de hoje, haviam umas partes do Núcleo que eram um „banhadão” só, era difícil”(Senhora Maria, 67 anos)*

Formado inicialmente por migrantes e por famílias de baixa renda, o Santa Paula surgiu da necessidade por moradias urbanas e em função da expansão da cidade de Ponta Grossa. As pessoas que ali foram morar observaram o crescimento do bairro ampliando aos poucos suas casas. Os terrenos não eram muito grandes, mas possibilitaram que a maior parte das famílias construísse peças conjugadas a fim de atender as necessidades de cada grupo familiar.

Em relação ao nome do bairro, os moradores não são unânimes quanto a sua origem, alguns dizem que a proprietária da Fazenda Rio Grande, lugar que foi comprado pelo município para a construção do bairro, era devota de Santa Paula (Santa Católica e padroeira das viúvas), outros afirmam que o então prefeito de Ponta Grossa, Luis Carlos Stanislawzuk era devoto da santa. É interessante observar como se deu a transmissão de tais informações, alguns dos moradores do loteamento citam até alguns mitos que foram criados em função do nome do bairro.

Estes mecanismos de transformação dos espaços nos permitem diferenciar as experiências no tempo. Um relato contado a uma criança só será reproduzido se a informação contida em tal discurso fizer sentido para o ouvinte. De acordo com Santos (1999) o presente une as coisas, mas o momento seguinte às separa e é este o movimento que nos permite distinguir o que é característico de uma cultura. Para o autor, há um constante processo de totalização do espaço em que o todo só pode ser conhecido através do conhecimento das partes ou seja “[...] para alcançar a verdade total, é necessário reconhecer o movimento conjunto do todo e das partes, através do processo de totalização dos espaços” (SANTOS, 1998, p. 89).

Compreender este processo e conseguir aplicá-lo à complexidade do espaço urbano, e de cada uma destas histórias que formam os lugares, é perceber o entrelaçamento das experiências passadas e presentes. Na voz dos moradores do bairro Santa Paula um dos mitos mais reproduzidos provém da época da construção do núcleo e fala sobre a existência de um cemitério indígena que existia em um dos limites do loteamento e onde hoje, inclusive, se encontra nosso campo de estudo. Os mais jovens



repetem esta informação e afirmam que seus avós viam e ouviam vozes nas proximidades do local. Independente da autenticidade desta informação esta lenda urbana contribui para que os habitantes do Núcleo Santa Paula rememorem a época de sua construção, vivendo em seus diálogos um “imenso arquivo de documentos” (SECCHI, 2006).

A paisagem urbana é dotada de muitos sentidos e se configura em uma mistura de expressões, de arte, ciência e de acasos e é compreensível que na sua construção ocorram a renovação das morfologias antigas e a criação de novas experiências cidadinas. Cada um destes lugares do bairro tem em si o movimento do mundo, que é apreendido em um ponto geográfico e que está sempre mudando de significado em função do movimento social realizado pelos grupos sociais.

Santos (1999, p.36) nos ensina que “[...] certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar”. O bairro é este ambiente específico e que pode conter em si um sistema de relações (subjetivo-objetivo, aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico). É um espaço usado de modos diferentes (e por sujeitos sociais distintos) e que se apresenta como um recorte observável onde podemos penetrar na cidade e contemplar as relações que nela se desencadeiam. Claval (1999) defende que os grupos sociais transformam os meios onde se instalam e a paisagem torna-se humanizada, tomando formas variadas que refletem as escolhas e os meios das diferentes culturas. O território se mostra como parte simbólica e funcional, e a cultura como função de reinterpretação dos espaços.

Territorializar estes lugares é agregar aos grupos sociais as relações de poder que lhes é inerente, determinar esta relação, porém, não significa decantá-la a fim de obter apenas uma definição, uma vez que, no pensamento geográfico, o conceito de território é polissêmico (HAESBERT, 2011). O território é um retrato dinâmico de uma porção concreta do espaço geográfico, onde se revelam as diferenças de condições ambientais e de vida da população, é uma fonte de recursos e só pode ser compreendido quando pautado na relação com a sociedade e em suas relações de produção, ou seja, pelas diferentes maneiras que a sociedade se utiliza para se apropriar e transformar a natureza (SPOSITO, 2004).

Uma comunidade de bairro é também um destes ambientes de disputa onde são apresentados os diferentes anseios da população e onde cada grupo social manifesta o que acredita ser melhor para a o desenvolvimento do bairro. Na década de 1990 os

moradores dos bairros pontagrossenses também viveram estas tensões, eles exigiam maior organização por parte das lideranças comunitárias, tal como providências da gestão pública e implementação de melhorias nos núcleos habitacionais. O bairro Santa Paula teve grande representação nesta busca e isto se deu através da organização da comunidade em uma Associação de Moradores.

Criada em 1984 a associação tinha como plataforma principal a conquista de um sistema viário que unificasse os bairros e o centro urbano da cidade. Durante mais de dez anos as reuniões da Associação ocorreram na Praça João Stanislawzuk ou no barracão da Igreja Católica, próximo dali, foi apenas em 1994 que a Prefeitura Municipal liberou uma verba específica para a construção da sede da associação, e o endereço escolhido para a sede foi a Praça João Stanislawzuk (Figura 09).



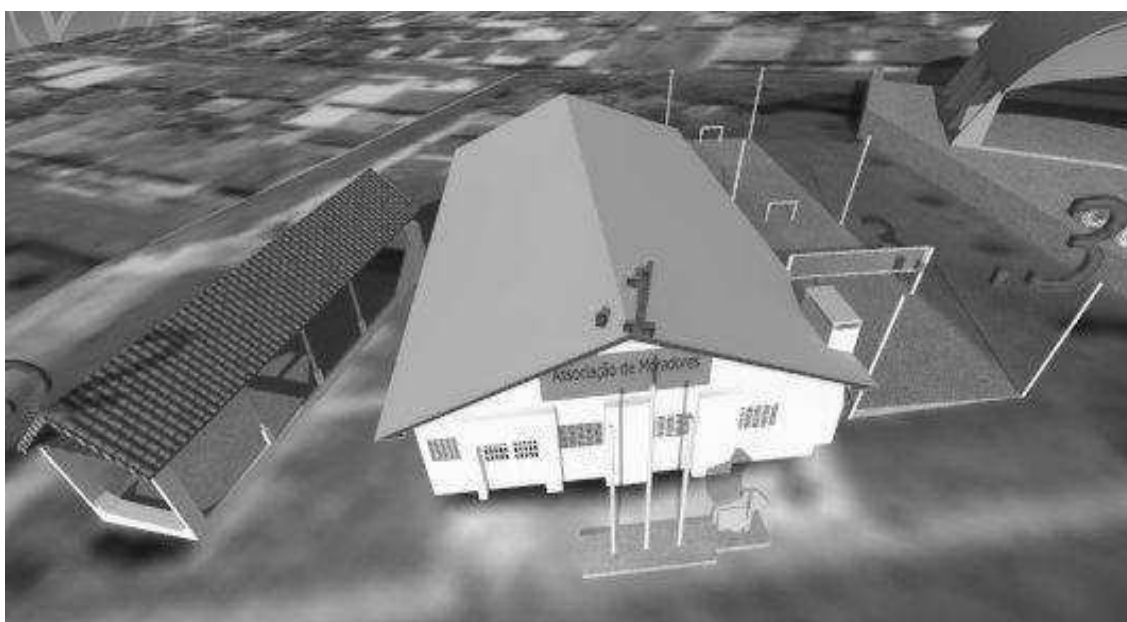
**Figura 09:** Sede da Associação de Moradores do Bairro Santa Paula, 1996. Arquivo Particular da Associação.

Ao imergir na história do bairro, contada pelas fotos, falas e documentos, uma das informações que mais são lembradas é a forma como se deram as lutas em prol do envolvimento e do desenvolvimento da comunidade. Os moradores falam sobre a militância da associação como elemento marcante da história do loteamento e ao falar sobre tais memórias remontam a história das ideias e das relações estabelecidas neste lugar, trata-se aqui de relatos da verdade, fatos urbanos que apontam para a cultura comunitária do bairro e que imprimem a este espaço a sua verdade.

*“Era um loteamento muito grande, o maior da cidade. As pessoas que se alojavam, ou seja, conseguiam a casa através do sistema de habitação da prefeitura, sabiam que no início teríamos que ter paciência. Tudo era muito*

*distante, existia um vazio urbano imenso entre o bairro e o centro, e no bairro não existiam farmácias, transporte público, mercados (...) “como não tínhamos muitas coisas além da distribuição de água e luz, precisamos pleitear o restante, e para isso nos organizamos. Em 1994, conseguimos verba municipal para construir o prédio e desde então e com a ajuda de outros líderes comunitários e municipais muitas foram as conquistas. Hoje eu percebo que os mais jovens se sentem orgulhosos ao perceber que temos um espaço como aquele. Mas tudo isso, foi a custo de muito trabalho e muita luta”.* (Osmar, Presidente da Associação de moradores)

Durante dezenove anos a Associação de Moradores do Núcleo Santa Paula foi administrada pela mesma equipe diretiva. Em 2010 o grupo gestor recebeu o valor de R\$ 210.000,00 para a reforma da sede da associação, com este valor foram construídas as pistas de bocha, os campos de vôlei e de futebol de areia (Figura 10) e foi realizada a reforma completa da área edificada da associação (Fonte: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2015). Em 2015, a comunidade do bairro Santa Paula elegeu, por voto direto novos gestores.



**Figura 10:** Área da Praça João Stanislawski destinada a construção da Associação de Moradores do Bairro Santa Paula. Elemento 1) Área Edificada da Associação de Moradores; 2) Campos de Bocha; 3) Campos de Vôlei e Futebol de Areia. Fonte: Google Maps, 2015. Designers: Lucas Geraldo Vieira dos Santos e Guilherme Simionato.

O Núcleo Habitacional Santa Paula apresenta duas vias principais de acesso, a Rua Nicolau Kluppel Neto e a Rua Castanheira. Esta é outra informação interessante a ser descrita, na construção do bairro as ruas eram nominadas apenas por números, o que incomodava a população. No discurso dos moradores passaram-se quatro anos da inauguração do bairro e após muitos ofícios pedindo um nome para cada rua o pedido

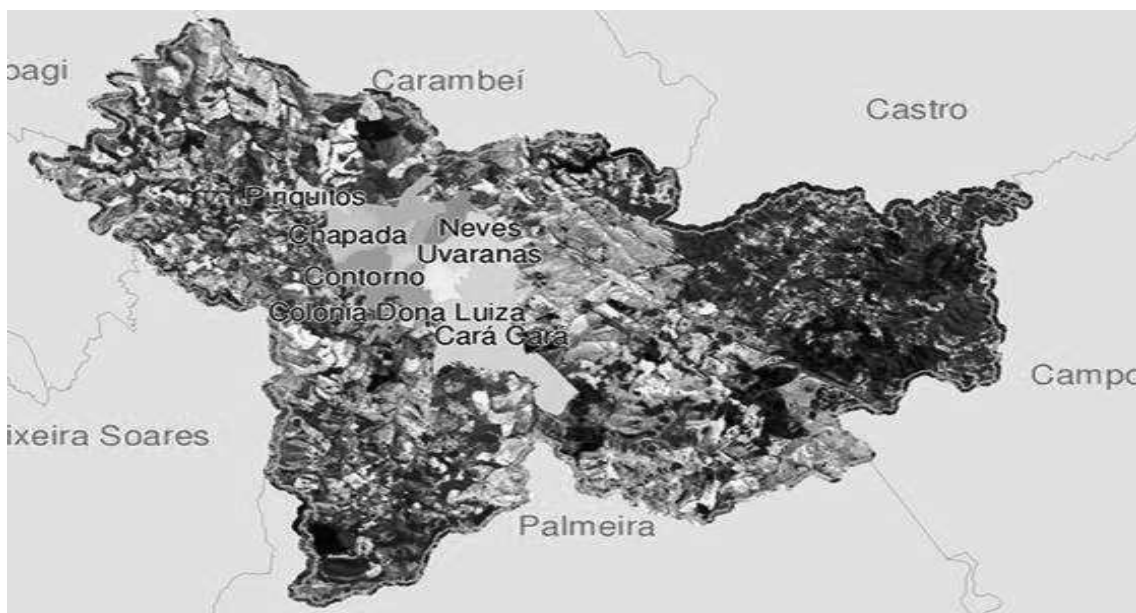
foi atendido pela Autarquia de Trânsito de Ponta Grossa, após o aceite outro impasse fora criado, os moradores agora precisavam decidir qual seria o critério para tais nomeações, após uma longa reunião no barracão da igreja (visto que a sede da Associação ainda não havia sido construída) e muitas opiniões divergentes, a comunidade optou por nomear as ruas do bairro em homenagem às árvores que haviam sido derrubadas para construí-lo. A Rua Cinamomo, por exemplo, corta o bairro todo e é por onde o ônibus do transporte coletivo passa, a Rua Palmeira é muito usada como desvio em direção ao Bairro Santa Terezinha (que têm as ruas com nomes de flores) e a Rua Castanheira é o endereço da maior parte dos equipamentos públicos do bairro, inclusive da Associação de Moradores e da Praça João Stanislawzuk.

O bairro Santa Paula é um destes lugares onde se configura a mistura do espaço físico e do afetivo no qual ocorrem as relações sociais cotidianas dos moradores, e estas relações são fluídas. Segundo Halbwachs (2006) o lugar ocupado por um grupo não é como um traço que pode ser escrito e depois apagado, o grupo tem marcas e deixa marcas no espaço em que vive, todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar ocupado é apenas a reunião de todos os tempos passados e é por isso que cada aspecto, cada detalhe do lugar tem um sentido que só é inteligível para aqueles que viveram a experiência, seja de colocar sacolas nos pés para evitar a poeira do bairro ou decidir qual o nome de árvore combina mais com a sua rua.

Inicialmente o bairro Santa Paula contava com 341 habitações (casas compactas, com dois quartos e um pequeno terreno). Nos anos que se seguiram a área do Santa Paula foi circundada por vários outros núcleos, jardins e vilas, formando um complexo habitacional maior denominado Bairro Contorno (Figura 11). Conforme a população começou a povoar os arredores do loteamento a dinâmica interna do bairro se modificou, mais pessoas circulavam pelas ruas e o comércio próximo à Rua Nicolau Kluppel Neto cresceu de forma acelerada. Esta nova configuração transformou a região em um aglomerado urbano.

Atualmente o bairro Contorno é composto por nove localidades: Núcleo Santa Paula, Núcleo Santa Paula Velha, Núcleo Santa Paula III, Núcleo Santa Terezinha, Vila Ricci, Vila Verona, Dom Bosco, Shangrilá e Vila D. Pedro II. Com base nas informações do Censo 2010 (sobre a população dos bairros) o Contorno conta com uma população aproximada de 28.380 habitantes (8% crianças de 0 a 4 anos; 26.3% crianças e adolescentes de 5 a 14 anos; 68.6% de jovens e adultos entre 15 e 64 anos; e 5.2% de idosos acima de 65 anos) e somente o Núcleo Santa Paula (que é formado pelos núcleos

Santa Paula, Santa Paula Velha e Santa Paula III) têm uma população de aproximadamente 12.500 pessoas.



**Figura 11: Território da Cidade de Ponta Grossa – Destaque para os Bairros da Área Urbana. Fonte: IBGE.**

Dentre os equipamentos do bairro estão: dois Colégios Estaduais (Ensino Fundamental e Médio); duas Escolas Municipais (Educação Infantil e Ensino Fundamental); dois CMEIS (Centros Municipais de Educação Infantil); uma Associação de Moradores (com sede própria; campo de vôlei e bocha em seu terreno, além de aulas regulares de dança e música, destinadas à comunidade) e um Espaço de Convivência para Idosos.

Nos anos 90 o bairro já apresentava um grande potencial de desenvolvimento, além do amplo crescimento populacional, o lugar contava com vários empreendimentos que dinamizavam o local. Inicialmente o acesso ao bairro se dava somente pela Avenida Visconde de Taunay, com o passar do tempo outros acessos foram construídos: um através da BR-277 (Entrada sentido oeste-leste do estado), outro pela trincheira do Bairro Nova Rússia – Ponta Grossa e ainda outro que liga o bairro Santa Paula ao Bairro Shangrilá (PR-376, sentido leste-oeste do estado).

O bairro mudou as ruas, as avenidas e o comércio mudaram, mas segundo os moradores o Santa Paula jamais deixou de ser o local de suas memórias. Segundo Lynch (1982) quando falamos sobre esta dinâmica de bairro os limites geográficos podem funcionar como “referências secundárias”, sendo as relações pessoais e grupais os demarcadores de territórios e dos papéis realizados pelos sujeitos. Os bairros têm o

potencial de se justificar no cotidiano coletivo e de representar a vida comunitária. A subjetividade é a categoria central na análise das concepções de um bairro, visto que os grupos sociais vivem o processo de identificação que é refletido no espaço determinando ou, pelo menos, influenciando decisivamente as formas destes lugares.

Traduzido por seus moradores como um local de pessoas simples e que lutaram, por mais de trinta anos, em prol das melhorias visíveis na comunidade, o Santa Paula tornou-se um território rico e com elementos dinâmicos, que reagem entre si dialeticamente e que apresentam o bairro como parte importante na construção das identidades. As casas já não têm mais a arquitetura original, os muros foram erguidos, muitas pessoas partiram e várias outras chegaram. Mas a memória do bairro jamais será apagada e isto se dá por que essa é uma parte do espaço onde os sujeitos compartilham os devires da vida. O bairro é um lugar e como lugar se constrói justamente nos valores agregados a ele.

Considerado como uma das menores partes do espaço geográfico, o *lugar* se caracteriza pela interação do sujeito com seu entorno. Para muitos pesquisadores estar em um lugar é experimentar “[...] o sentimento de possuir e gerir um espaço independentemente da propriedade legal” (KOROSEAL, 1996, p.89), segundo Bomfim (2003), esta categoria de análise possibilita a transformação dos espaços através dos afetos, promovendo o cuidado do habitante com sua localidade ou comunidade. Apropriar-se do lugar significa, portanto, identificar-se e transformar a si mesmo na coletividade (BOMFIM, 2003).

E uma das transformações observáveis neste lugar é o processo de retorno ao bairro. Ao ouvir os moradores do bairro Santa Paula este foi um tema recorrente nas falas. O processo ocorre quando a família vai morar no bairro, os filhos se casam ou resolvem sair de casa, se mudam para outra região da cidade e após algum tempo retornam ao bairro de origem. Giuliani nos fala sobre “apego ao lugar”, uma necessidade humana fundamental e uma condição essencial para se estabelecer vínculos sociais. O autor reconhece neste sistema a dimensão entre o ambiente físico e o sujeito, produzindo deste encontro o sentimento de pertença. É com base neste afeto que podemos observar os indicadores de fortalecimento de identidade, de enraizamento, de compromisso e de apropriação dos lugares (GIULIANI, 2004).

Aplicar o conceito de lugar a uma comunidade pressupõe movimentos circulares de ação, transformação e identificação, exigindo sua reelaboração de forma contínua, o

que lhe dá um caráter de movimento e temporalidade. Qualquer cidade possui diferentes tipos de lugares, tal categoria é uma parcela do ambiente compreendida por aquilo que está contido no espaço é onde se encontram as referências pessoais e os sistemas de valores que induzem a diferentes formas de perceber e construir a paisagem e o espaço geográfico.

Ao falar do bairro compreendemos que este é em essência um espaço cultural onde a paisagem se apresenta como rica categoria de análise indo muito além do mundo observável. É um recorte no espaço que nos faz refletir sobre a memória comunitária. Um depositário de sentidos, e um espaço apropriado por práticas e atividades de naturezas variadas (exemplo: trabalho, comércio, lazer, religião, política, etc.). Essa densidade diferenciada quanto a atividades e sentidos abrigados por esses lugares constitui a sua centralidade ou excepcionalidade para a cultura local, atributos que são reconhecidos e tematizados em representações simbólicas e narrativas. (IPHAN/INRC, 2000)

Compreender este bairro é aceitá-lo como uma coletânea de memórias, como um espaço coletivo e “resultado das ações e das lembranças de cada sujeito” (CARLOS, 1994). Durante este apanhado histórico e bibliográfico objetivamos contemplar os elementos principais na construção da urbanidade da cidade de Ponta Grossa e do bairro Santa Paula. Compreendendo que cada bairro tem a sua história entrelaçada a um conjunto de memórias, de afetos de pertença, e de leituras, que auxiliam na reconstrução coletiva da história local.

#### **4.4 UM OLHAR SENSÍVEL NA PAISAGEM: A PRAÇA JOÃO STANISLAWZUK**

Com seus diversos significados funcionais e morfológicos, a praça é o espaço referencial atuando na organização da cidade, ela representa uma forma de interação, é um local de convívio e de encontro. Todo bairro tem uma praça ou algum espaço público que se destaca como símbolo urbano, seja por seu desenho paisagístico ou pelo conjunto urbanístico do lugar. A praça é o local onde ocorrem os eventos históricos, um espaço que agrega sentido as vivências. Segundo Caldeira (2007) a integração entre morfologia, estética e apropriação permite às praças serem consideradas como espaços





acústica, além da área da Associação de Moradores do Bairro. Este espaço é também conhecido como “A Praça do Santa Paula”, pois além de estar situada ao centro dos equipamentos supracitados, é um ponto de referência para os moradores e o local onde são promovidos os eventos do bairro.

Inicialmente, na construção do bairro Santa Paula, a praça em questão era apenas um campo de terra, onde crianças e adultos, moradores do bairro, brincavam e jogavam futebol nos finais de semana (Figura 13). O tamanho dela era maior neste período e não havia uma fronteira específica que delimitasse o território da praça. Muitos moradores do bairro lembram-se deste período e referenciam suas narrativas nos momentos de coletividade, de lazer, e também nos encontros das resistências do bairro.

*“eram vários os terrenos vazios, não sabíamos o que seria ali, pedíamos tantas coisas no início (...) queríamos uma escola no bairro, um posto de saúde (...) aos poucos essas coisas todas foram chegando e com elas um lugar pra criançada brincar” (Senhora T, 63 anos)*

*“quando o bairro começou a crescer a gente ficava sabendo que ‘os mercados’ vinham e queriam comprar o terreno (...) mas ‘ai’ foram chegando as escolas, a praça, a igreja (...) que a gente também ajudou a construir (...) um terreno grande virou a praça e o outro a igreja” (Senhor J, 72 anos)*



**Figura 13:** Área Verde nº03 – Núcleo Habitacional Santa Paula; Fonte: Associação de Moradores do Bairro Santa Paula, 1981.

No ano de 1996 a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa iniciou um grande processo de urbanismo e revitalização do espaço. Além de uma pista de skate e

patinação o lugar também ganhou equipamentos de ginástica, um pequeno parque para crianças e uma concha acústica, que teria como objetivo locar os projetos culturais do bairro (Figura 14).



Figura 14: Fonte: RPC/TV, Formatura de Capoeira na concha acústica da Praça João Stanislawzuk, Bairro Santa Paula – Ponta Grossa, PR. Data: 20/04/2013.

Foi também no ano de 1996 que o espaço ganhou um nome oficial (Lei nº 5635/do ano de 1996). A escolha do nome se deu em homenagem ao filho do ex-prefeito e ex-deputado estadual Luiz Carlos Stanislawzuk, prefeito que por sua vez, planejou e implementou a construção do Bairro Santa Paula em 1979. No mesmo ano foi também construído (ao lado da praça) o Ginásio de Esporte Alfredo Pereira de Barros Júnior (Figura 15), um local que abrigou por muito tempo os grupos de dança e outros grupos esportivos do bairro. Ao final da construção da “Praça do Santa Paula”, tais grupos passaram a usar também o espaço da praça como local de suas práticas.

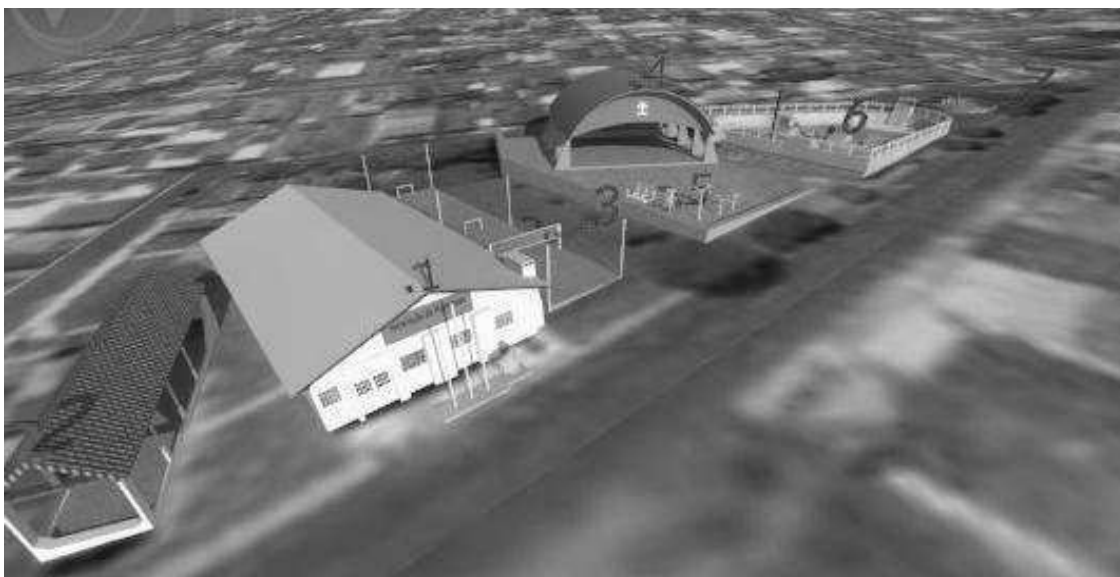
Na quadra ao lado ao ginásio de esportes há ainda o Centro de Integração do Idoso - Casa da Terceira Idade do Santa Paula (Figura 15) criada em 1992, por Bernadete Rocha Prestes, a instituição já teve mais de seiscentos idosos inscritos em suas atividades e foi contemplada com aproximadamente quinze projetos de incentivo a Educação, a Cultura, e ao Lazer. Segunda a gestora da instituição os idosos recebem três refeições diárias e participam de várias oficinas, dentre elas: Oficina de Música (UEPG); Oficina de Letramento (SESI – PG); Oficina de Dança (UEPG); Oficina de Estética (SENAC – PG), entre outras. Além de tais atividades os idosos (entre 43 a 91

anos) formam um grupo que frequenta as aulas de alongamento e prática esportiva na Praça João Stanislawzuk (todas as segundas, quartas e sextas pela manhã). O Centro de Convivência proporciona a estes idosos um local de interação e significação do envelhecer e a proximidade com a praça permite que outras atividades ao ar livre sejam realizadas.



**Figura 15: Ginásio de Esporte Alfredo Pereira de Barros Júnior, criado em 1996, e ao fundo o Centro de Integração do Idoso - Casa da Terceira Idade do Santa Paula, criado em 1992.**

Em uma relação direta entre o território e sua função, a Praça João Stanislawzuk apresenta quatro partes distintas: a primeira delas se caracteriza pela área destinada à sede da Associação de Moradores, já citada anteriormente (Figura 16, Elementos 1, 2 e 3). A segunda parte da praça é formada por dois ambientes distintos, a área com equipamentos de ginástica e a concha acústica (Figura 16, Elementos 4 e 5). Ao centro da Praça encontra-se a pista de skate e patinação (Figura 16, Elemento 6). E por fim, o espaço destinado ao parquinho para crianças (Figura 16, Elemento 7). Com o passar do tempo, a praça tornou-se um espaço facilitador na integração entre oportunidade e lazer de formas distintas, os moradores do bairro passaram a vivenciar este ambiente nos encontros entre amigos, ao praticar esportes, nas brincadeiras e em outras situações convenientes ao sujeito/grupo. Como espaço coletivo este lugar tornou-se um dos cenários de maior importância do bairro, estando atrelado aos diversos momentos de transformação do núcleo habitacional.



**Figura 16: Praça João Stanislawzuk. 1) Associação de Moradores; 2) Campo de Bocha; 3) Campo de Vôlei e de Futebol de areia; 4) Concha Acústica; 5) Equipamentos de Ginástica; 6) Pista de Skate e Patinação; 7) Parquinho para Crianças. Fonte: Google Maps, 2015; Designers Lucas Geraldo Vieira dos Santos & Guilherme Simionato.**

Ao nos valermos da praça para compreender as identidades que vivem nas cidades objetivamos explorar os ambientes e as interconexões sociais que vivem nestes contextos, caracterizando-os através das vivências próximas e feitas “por cima do muro”, contemplando a paisagem como uma manifestação das relações da comunidade, num conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si.

O próximo capítulo trará uma análise mais detalhada das qualidades desta paisagem e apresentará os grupos sociais e as identidades que usufruem deste lugar, juntamente com um apanhado teórico que nos auxilie na reflexão sobre a paisagem cultural do bairro. Por este motivo não iremos esgotar as informações vinculadas a Praça João Stanislawzuk, compreendendo que os dados coletados trarão a historicidade deste campo em vários outros momentos até o final deste trabalho.

## **5. TRAJETÓRIAS ETNOGRÁFICAS**

Este segmento do trabalho apresenta alguns dos registros etnográficos construídos nas experiências de campo. O capítulo se inicia com a caracterização deste ambiente, seguindo com a apresentação das categorias de análise. Tais categorias apontarão os grupos que frequentam a Praça João Stanislawzuk e a forma como estes realizam a ocupação deste território, de forma a compreender como ocorrem os processos de identificação dos sujeitos com o grupo e com o lugar.

### **5.1. A CULTURA, A MEMÓRIA E AS IDENTIDADES DE BAIRRO**

A palavra cultura categoriza um conjunto de crenças e valores, e sempre está relacionada a um sistema de símbolos (CUNHA, 2009). O conceito que por muito tempo significou a observação do crescimento natural das coisas, tornou-se, no decorrer da história, a expressão dos costumes de um povo.

A etimologia da palavra “cultura” remonta ao pensamento greco-latino clássico e, curiosamente, seu significado inicial está relacionado à natureza, na medida em que expressa a ideia de cultivo (latim *colere* = cultivar). Essa palavra é datada do fim do século XIII, oriundo do verbo *colo*, cultura apresenta afinidades filológicas com *colônia*, sugerindo assim o processo de cultivo de uma terra outra. Com a complementação do sentido, cultura passou a designar o cuidado com o espírito (*cultura animi*); o cuidado com as plantas e o cultivo da terra (agricultura); com os deuses e o sagrado (*culto*); estendendo-se, por fim, às crianças (*puericultura*), no sentido amplo de educação (*Paidéia*). O termo adquiriu presença significativa em muitos idiomas europeus no início da era moderna, e seus primeiros usos preservaram o sentido original de cultivo agrícola, posteriormente, no início do século XVI em diante, o termo passou a significar também o processo de desenvolvimento humano, isto é, o refinamento pessoal e da alma (ROCHA E TOSTA, 2009).

Durante muitas décadas os estudos acerca do termo cultura estiveram vinculados à civilização, tornando-se de certa forma, discriminatório diante de determinadas populações. Foi apenas no século XIX que o conceito começou a ser tratado a fim de promover discussões sobre educação e a arte, além de revelar outros elementos subjetivos dos discursos sociais (FORQUIM, 1993).

De acordo com Schneider (1968) as culturas são formadas por um sistema de símbolos e que representam muito mais do que observamos. Segundo este autor tais signos não manteriam uma relação necessária ou intrínseca entre o objeto e aquilo que ele simboliza. Eles estariam vinculados “[...] ao olhar do grupo e ao valor destinado aos ícones que representam a memória do grupo” (KUPER, 2002, p. 173-174). Os símbolos são considerados como constructos sociais e que se tornam a expressão de um povo, de um lugar e de uma nação. Dificilmente encontraremos dois povos exatamente iguais culturalmente, e isso ocorre justamente por que cada sociedade é formada por um contingente organizado de pessoas, norteados pelo mesmo conjunto de leis e normas, regidas pelos mesmos símbolos e, que de alguma forma, aprenderam a viver juntas para a própria manutenção da sociedade. McDowell (1966) acrescenta a este processo o termo *herança* afirmando que somos sujeitos dotados de uma herança social, e que se define no dia a dia. O autor afirma que toda cultura, sendo esta um objeto de estudo da ciência, deve ser analisada através de seus elementos quotidianos, levando em conta como ocorre o movimento social e como o grupo constrói as identidades.

Segundo Laraia (2001) é por meio da cultura que o indivíduo é capaz de superar limitações, condições aversivas e transformar o seu ambiente, é nela que o aprendizado é adquirido, aprendido e acumulado, resultando em um processo de ensino/aprendizagem entre gerações. Para este autor o indivíduo e o grupo social encontram-se em um processo ininterrupto de renovação:

*“Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir”. (LARAIA, 2002, p.101)*

Sendo assim, é na herança cultural que aprenderemos a reagir aos elementos trazidos pelo grupo social. Para Geertz (1989), existem ainda duas ideias principais acerca da cultura. A primeira ideia é que a cultura não deve ser vista apenas como complexos padrões concretos de comportamento - costumes, usos, tradições, hábitos – mas como um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras e instruções. O segundo ponto é que o homem é um animal dependente de tais mecanismos de controle para seu comportamento. Entre esses mecanismos estão os

símbolos e as palavras. O autor defende que se o homem não fosse dirigido por padrões culturais – entendidos como sistemas organizados de símbolos significantes – seu comportamento seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria qualquer forma.

A cultura é, portanto, a totalidade acumulada de tais padrões, não apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade. No Bairro Santa Paula, a cultura é o resultado destas várias relações sociais, econômicas e históricas, construídas ao longo do tempo e que mantêm as identidades próprias do lugar.

A memória social é quem movimenta e auxilia na ressignificação destas relações havendo uma íntima ligação entre a memória e o valor daquilo que é recordado, ela é um fenômeno social, que transmite a cultura local herdada e é constituída por acontecimentos vividos socialmente.

Pollak (1992) destaca três elementos que servem de apoio à construção da memória social: os acontecimentos vividos, as pessoas com quem convivemos e os lugares de afeto. É através destes elementos que alicerçamos as nossas relações sociais e onde registramos os eventos de forma seletiva. Para o autor somos sujeitos norteados por um sistema de valoração dos fatos, que, por razões específicas, ganha marcações subjetivamente.

A memória humana é como um processo, elaborado no movimento coletivo, e constituído na cultura, todos os elementos simbólicos (palavras e símbolos escritos) e os signos icônicos (imagens) servem de suporte para a construção da memória (GONDAR, 2005), são elas, através do espaço e do tempo, que irão reforçar e complementar as nossas lembranças e tudo aquilo que constitui o nosso passado, nos permitindo construir crenças, normas e valores, baseados em todas as dimensões do real (físicas, psíquicas, sensoriais, abstratas ou imaginativas) (DEMBICZ, 2000).

A memória de bairro leva em consideração todos estes aspectos e revela a possibilidade de um conhecimento mais profundo sobre os ambientes comunitários, é um processo inclusivo, no sentido de que não seleciona o que é correto ou não, e não exclui roteiros, pois considera que todas as histórias fazem parte de uma grande teia discursiva. É nesta forma de incluir que as memórias tornam-se mecanismos de elaboração de sentidos, pois ao reproduzi-las os grupos compreendem o valor de cada um de seus elementos.

Para Guedes (1998, p. 51) estas memórias ganham o nome de casos ou relatos e são “considerados dignos de serem retidos, ocorridos na vida do narrador ou de pessoas que são classificadas como ‘conhecidas pelo grupo’”. Os casos são partes da memória de povo, onde as histórias da vida privada tornam-se respeitadas e reconhecidas pelo coletivo.

*“São narrativas importantes de memória coletiva, e conseguem agregar valor e produção discursiva nas falas intergeracionais, uma vez que, ilustram, localizam e criam pontes entre o desconhecido e o conhecido, nas construções da memória sobre um passado não vivido pelas gerações presentes” (GUEDES, 1998).*

Ainda que determinadas memórias possam se configurar como individuais, elas não estão descartadas da construção coletiva da memória de bairro (COSTA, 2008). Ao contrário disso, muitas dessas memórias individuais ganham espaço na memória coletiva e acabam por se cristalizar como “verdadeiramente acontecidas”. No Bairro Santa Paula, é comum percebermos a funcionalidade destas narrativas nos diálogos que remetem à construção do bairro, e na forma como os habitantes conseguiram transformá-lo em um lar:

*“Nós somos um pedaço do bairro né (...) é como se cada um de nós tivesse erguido um tijolo aqui nesse bairro (...) quando éramos crianças brincávamos de ‘pipa’ nesse campinho, ‘opa’ agora é praça (...) rs” (Jovem H, 36 anos, com a filha de 09 anos)*

*“[...] quando todos se auxiliam em um mesmo objetivo as coisas caminham. Hoje, os jovens tem essa necessidade pelo imediatismo das coisas, antes nós aproveitávamos cada conquista. Fiz muitos amigos e sei que mereço ser respeitado pelo o que fiz pelo bairro” (Osmar, Presidente da Associação de Moradores).*

A Praça João Stanislawzuk ganhou destaque na construção deste território singular e aparece como um cenário constituinte de sentidos para os moradores do bairro, além dos transeuntes, ela é usada por aqueles que caminham para os equipamentos urbanos (que se localizam ao redor da praça) e por vezes usam o local em seus períodos de espera, pelos grupos que ocupam os equipamentos de ginástica em seus exercícios diários, jovens e adolescentes, que estabelecem na praça seu ambiente de encontro e exercem suas resistências, grupos de mães e tutores que levam suas crianças para usufruir dos brinquedos infantis, e também por outros sujeitos que ocupam a praça de forma distinta.

O movimento do lugar é diferente em cada período da semana, alguns destes grupos se apresentam com maior frequência nos dias úteis e outros nos finais de



semana, o que atribui ao espaço características bem distintas dependendo do dia e da hora. No decorrer das inserções ao campo, percebemos que nos dias úteis a ocupação da praça se dava principalmente por pessoas ocupadas em chegar ao trabalho ou a escola e pelos grupos de idosos que também se reuniam neste período em busca de lazer. Aos sábados o uso da praça se dava principalmente pelos jovens e pelos adolescentes, e a Associação de Moradores do Bairro se agitava com alguma forma de entretenimento. Aos domingos, durante o dia, notamos que a praça era ocupada primordialmente por mães e pais que levavam seus filhos para brincar no parque e pelos adolescentes que ocupavam a pista de skate e patinação. No período noturno do domingo esse movimento era completamente distinto, à noite a praça era tomada por jovens que estacionavam seus carros e deixavam o volume do som alto, que usavam drogas e que em certas ocasiões utilizavam a praça como forma de resistência.

No interior desta comunidade percebemos que os grupos interagem e compartilham suas histórias, contextualizando-as em sua origem e desenvolvimento. O Bairro Santa Paula sempre foi lembrado por ser um bairro distante do centro da cidade de Ponta Grossa, este mesmo traço permitiu que os moradores construíssem uma relação íntima com o lugar. Um microcosmo dentro de uma grande cidade e que os auxiliou na construção dos sentidos dados ao cotidiano do Núcleo Habitacional.

Ao estudarmos um bairro, conseguimos elencar alguns lugares onde podemos identificar locais de convergência da vida pública da população, sendo estes locais de encontro e que conseguem agregar em seu território múltiplas formas de acesso. Quando Kevin Lynch (1982) considera um bairro um fragmento de cidade, apresentando características particulares que o diferenciam de outros bairros, ele fortalece também este sentido grupal do bairro, justificando no cotidiano coletivo as formas representativas da história do local. O espaço físico transfigura-se em sentido, dando forma as relações sociais e as memórias dos sujeitos, os limites geográficos tornam-se "referências secundárias" e as relações pessoais e grupais demarcadores de territórios e papéis" (LYNCH, 1982, p. 37). Esse pertencimento ao lugar está relacionado com aquilo que o grupo define como importante, uma reprodução de sentidos e que estará diretamente ligada com a representação da identidade. Segundo Ciampa (1990) a identidade vai sendo construída ao longo da vida e nos papéis que o indivíduo vai exercendo no grupo social, uma metamorfose que indica não apenas as

mudanças ocorridas com o sujeito, mas também a forma como este é percebido no grupo:

*“Com efeito, se estabelecermos uma distinção entre o objeto de nossa representação e a sua representação, veremos que ambos se apresentam como fenômenos sociais [...] Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos- biológicos, psicológicos, sociais, etc. que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação [...]” (CIAMPA, 1990,p.64-65).*

Nesta perspectiva podemos considerar que o conceito de identidade tem como função perceber o sujeito em sua totalidade, pois compreende que ao nascermos adentramos ao mundo de uma dada cultura e que nela nos apropriamos de seus elementos.

A identidade, tal como definiu Charles Taylor (1994), estaria estreitamente vinculada à ideia de reconhecimento:

*“[Ela] designa algo que se assemelha à percepção que as pessoas têm de si mesmas e das características fundamentais que as definem como seres humanos. A tese é que nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela ausência dele, ou ainda pela má percepção que os outros têm dela” (Taylor, 1994, p. 41-42).*

Entende-se, desse modo, porque a questão identitária só interessa, e só é reivindicada, por aqueles que são reconhecidos por seus interlocutores "Minha própria identidade depende vitalmente de minhas relações dialógicas com os outros" (Taylor, 1994, p. 52).

Castells (1999) afirma que, de um ponto de vista sociológico “toda e qualquer identidade é construída” e também que:

*“a construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de espaço/ tempo” (CASTELLS, 1999, p. 23).*

Podemos afirmar assim, que as identidades, complexas e múltiplas, nascem de uma oposição a outras identidades, baseando-se em formações discursivas imaginárias e não na razão. A identidade é histórica, uma ideia subjacente e que se refere à imagem

das características coletivas de um grupo. Com isso, se estabelece uma intrincada rede de aspectos e que permeia todas as relações, onde cada identidade poderá refletir os aspectos culturais de um grupo específico.

Klein (1969) aponta que no desenvolvimento psíquico da criança, de sua personalidade, da sua identidade, os objetos que vão fazer parte integrante de seu psiquismo serão objetos de relação. De fato, a própria mente do ser humano vai se constituindo e se povoando a partir de outros humanos, primeiro e possivelmente por “pedaços de gente”, “cheiro de gente”, “coisinhas de gente”, e depois, evoluindo para pessoas inteiras, não mais em partes, mas grupos e funções organizadas em uma única pessoa, e por consequência, grupos de coisas e outras pessoas. Ou seja, o grupo social é também responsável pela construção da identidade, é a célula-base por meio da qual o indivíduo adquire valores, introjeta normas, condutas e necessidades. Estabelece-se assim um movimento dialético contínuo, que se desenvolve por toda vida da pessoa, só expirando com sua morte (ZIMERMAN, 1994).

Portanto, se a memória é coletiva e está na base da construção da identidade ela reforça o sentimento de pertença identitária ao lugar e a cultura que de certa forma garante unidade/coesão e continuidade histórica do grupo social. Nesse sentido, para a compreensão da identidade, faz-se necessário um olhar atento sobre as diferenças e similaridades percebidas no grupo social.

A escolha da “Praça do Santa Paula” é um recorte espacial e simbólico, onde os grupos sociais do bairro se apresentam e onde nós pesquisadores conseguimos ter acesso as suas narrativas. Ela surge como um local de convergência e onde a pluralidade das identidades do bairro ganha destaque, contando fatos sobre os acontecimentos vividos e que dizem respeito às ações comunitárias do Núcleo Habitacional Santa Paula.

## **5.2 A ETNOGRAFIA DE UMA PRAÇA – OS GRUPOS E SUAS NARRATIVAS**

As descrições a seguir fazem parte de nossas experiências no campo de estudo, aproximando-nos de nosso objeto e auxiliando-nos na compreensão das identidades dos grupos.

## 5.2.1 A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DO BAIRRO: O GRUPO DE IDOSOS

### 1. O Contato com o Grupo

*Em um de meus dias livres, ou seja, em que eu não ia dar aula, me dirigi até a praça João Stanislawzuk. Ela fica localizada na Rua Castanheira, Bairro Santa Paula – Ponta Grossa, PR. É a praça mais importante e movimentada do bairro, pois é onde transitam as principais linhas de ônibus e também onde se localizam os principais equipamentos urbanos do Núcleo Habitacional. No caminho até a praça percebi que o tempo estava ficando nublado e me preocupei que isto pudesse prejudicar a minha inserção no campo. A praça fica a oito quadras da minha casa, e conforme eu me aproximava percebi que alguns grupos de idosos chegavam também ao lugar. Acreditei inicialmente que, quanto mais pessoas estivessem no local, maior seria a riqueza de meus diários de campo. Conforme os dias de observação passaram entendi que não se tratava da quantidade dos sujeitos, mas sim, da forma como cada um destes grupos ocupa o espaço. Ao chegar à praça, às oito da manhã, observei que muitos idosos traziam sacolas e trocavam algumas de suas produções caseiras (frutas, verduras, ervas medicinais e compotas de doce). Alguns deles vinham acompanhados por crianças, não contei exatamente, mas acredito que o grupo era formado por aproximadamente trinta pessoas. A praça era aberta e os idosos ocupavam o local onde estavam os equipamentos de ginástica. O grupo era misto e durante todo o período em que os observei riam e faziam graça com as dificuldades um do outro. Aproximei-me e sentei em um banco na sombra, logo ao meu lado estava um grupo de idosas conversando sobre a importância do grupo. Considerei que ficando próxima delas conseguiria perceber um pouco sobre a rotina deles. Logo o educador físico chegou e pediu que os idosos se organizassem em um círculo, após o alongamento os idosos percorreram 1km ao redor do bairro e retornando à praça realizaram novamente os exercícios de alongamento e mediram a pressão. Após todos medirem a pressão o professor ainda realizou um exercício onde todos de braços dados precisavam um do outro para que o equilíbrio se mantivesse. Fiquei impressionada com a coesão do grupo, principalmente em função da disciplina e da forma afetuosa como se tratavam. Enquanto realizavam a dinâmica todos riam das dificuldades que tinham e parabenizavam aqueles que conseguiam manter o grupo em equilíbrio. Havia dois grupos, um que caminhava mais rapidamente e outro (acompanhado pelo educador) que caminhava mais lentamente atrás. Ao lado da associação de moradores dois senhores se exercitavam no campo de bocha (jogo praticado com diversas bolas grandes e uma pequena, o bolim, todas de madeira ou de plástico denso). Percebi que o campo de bocha é todo circundado por alambrado e que apenas os*

*que estão jogando podem permanecer no espaço. Outra característica interessante é a forma como as crianças reproduzem as atividades do grupo de idosos, e como os idosos defendem espaço público.*

## 1. **Trajetórias**

Logo em nossas primeiras incursões ao campo, entramos em contato com o grupo de idosos que se exercitam na praça. Um grupo heterogêneo, formado por homens e mulheres, e com idades distintas. Como citado anteriormente, este grupo frequenta a praça três vezes por semana e provém de um projeto de atividades físicas, vinculado ao Centro de Integração do Idoso (Casa da Terceira Idade do Santa Paula) e à Universidade Estadual de Ponta Grossa (através de um Projeto Extensionista). O grupo teve início no ano de 2012, e desde então promove eventos ligados à qualidade de vida dos idosos, como caminhadas, jogos, palestras e grupos de “contação de casos” (Figura 17).



**Figura 17: Centro de Integração do Idoso –Projeto “Contação de Casos”, Grupo de Idosos – Bairro Santa Paula, 2016.**

No decorrer de nossas observações conseguimos elencar as principais motivações para a permanência destes idosos no grupo: a identificação com os demais elementos do grupo, o afeto ao lugar de convivência e a busca por um local onde exista o apoio à saúde e ao lazer.

Em certa ocasião, um dos idosos se aproximou e nos disse “aqui não há tristeza” (Senhor V, 67 anos), os demais idosos riram com ele e apoiaram a sua afirmação. Era

um senhor animado e que assumia a responsabilidade de estimular aos demais senhores e senhoras que frequentavam a praça. Em sua maioria, os idosos traziam em seus discursos as expectativas quanto à saúde, ao suporte social e aos conhecimentos que pudessem ensiná-los a lidar com as doenças, além disso, eram motivados pelas trocas de experiências e pelo acolhimento realizado dentro do grupo.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) os dois processos responsáveis pelo aumento da longevidade (da população de idosos no mundo) foram resultado da criação de políticas públicas e de incentivos na área da saúde. Surge assim a necessidade de garantir aos idosos não apenas maior longevidade, mas também qualidade de vida e satisfação pessoal.

O estudo sobre o universo dos idosos é um dos temas latentes da ciência moderna. As estatísticas apontam que a população mundial está envelhecendo rapidamente e este cenário acaba por nortear muitos questionamentos, e estes conquistam espaço cada vez mais importante no mundo contemporâneo. O objetivo de tais discussões é compreender como o ser humano pode viver mais e melhor, e quais seriam as implicações do envelhecimento das populações.

A ciência nos proporcionou métodos de compreensão quantitativa e qualitativa sobre esta população nos últimos anos, mas o que ainda não compreendemos bem é a forma como os idosos ocupam os lugares. Não sabemos exatamente o porquê eles se visitam ou frequentam grupos de convivência, não conhecemos sobre suas afetividades, sobre seus interesses e sobre suas identidades. Por isso a importância de entrarmos nestes espaços de encontro e compreendermos o porquê eles desejam estar ali.

O grupo de idosos que frequenta a Praça João Stanislawzuk, é formado por aproximadamente trinta pessoas, a maioria chegava à praça em pequenos grupos e vestindo uma camiseta do projeto. Alguns deles vinham acompanhados de seus filhos e/ou netos e por vezes traziam frutas, ou alguma produção de seu quintal, para presentear ou trocar com os demais componentes do grupo.

Nesta relação os idosos estabelecem uma intrincada rede de aspectos que permeia todas as relações coletivas, e onde uma identidade acaba por refletir a outra. São pessoas que estão acostumadas com suas normas, valores, crenças e que precisam se desfazer de seus padrões para conseguir conviver com a diversidade existente dentro do grupo. São esses laços ou vínculos que na velhice, irão configurar o apoio que a pessoa realmente possui e com o qual pode ou não contar, caso seja necessário.

Ao frequentar um grupo, os idosos redimensionam suas relações sociais promovendo um senso de comunidade, onde a vizinhança e a camaradagem ocorrem (HUNT, 1991). As praças acabam se tornando um local de estimulação a estes encontros, proporcionando momentos de descontração, valorização, reconhecimento e lazer (SILVA, LOPES, XAVIER, 2009).

Compreendemos lazer como: “[...] uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações” (GOMES, 2004, p.124). Portanto, o lazer é entendido como a cultura, compreendida em seu sentido mais amplo (MARCELLINO, 2004).

Segundo Pellegrin (2004), espaço de lazer é um termo genérico que diz respeito aos lugares em que se desenvolvem ações, atividades, projetos e programas de lazer de modo geral. Neste sentido, é possível encontrar a expressão espaço de lazer sendo usada para designar um lugar específico ou para caracterizar determinado equipamento, podendo uma praça enquadrar-se na categoria geral de equipamentos de lazer (PELLEGRIN, 2004). O exercício físico torna-se, neste sentido, uma forma de encontro e um local onde as necessidades sociais estão relacionadas com a promoção da interação social.

O Bairro Santa Paula conta com seis praças, sendo a Praça João Stanislawzuk a mais procurada como espaço de lazer. Uma das características específicas do grupo de idosos, é que eles chegam á praça após caminharem por outros lugares, alguns vêm dos bairros satélites, outros de locais mais próximos a praça, e no caminho vão formando um grupo maior, trocando receitas, histórias, segredos e também construindo e reconstruindo a memória do bairro.

De acordo com a literatura na área do envelhecimento humano, os laços sociais estimulam e reforçam o senso do significado da vida, e em muitos casos, é o que motiva as pessoas a saírem de suas casas e reunirem-se para realizar atividades. Nesse sentido, a interação social tem sido relatada como importante elemento motivador de atividades com idosos, estimulando-os a abandonar hábitos sedentários e exercitar suas habilidades físicas, mentais, emocionais e sociais (LIBERALINO, 2011).

No grupo observado o percurso, antes de chegar à praça, também era compreendido como uma oportunidade de lazer, um exercício social, e de grande

relevância para tais sujeitos. Em uma de nossas inserções encontramos a Senhora G (64 anos) e suas vizinhas conversando sobre este caminho simbólico:

*“[...] as vezes parece que não vai dar tempo de conversar tudo antes de chegar na praça, parece que a praça fica tão longe quando eu estou caminhando sozinha e tão pertinho quando eu estou com as ‘meninas’” (Senhora G, 64 anos).*

Ao caminharem juntas as senhoras agregam um sentido interacional ao ato de caminhar, dando vazão à inúmeras elaborações. Os resultados disto vêm em forma de benefícios próprios e que acabam por envolver todo o grupo social.

Ao ocupar a praça os idosos transformam a função deste espaço e redimensionam o valor deste ambiente em função de suas narrativas. Cada um destes elementos nos conta a sua história de forma única e isso enriquece enormemente as significações dadas ao lugar. A construção da identidade deste grupo será um processo contínuo e mutável, levando em conta todas as variáveis descritas por cada um de seus elementos.

As conversas eram sempre uma grande mistura de valores e crenças. Percebemos, no decorrer das observações, que esta confusão era funcional e permitia a materialização dos afetos através dos discursos. Dificilmente os idosos chegavam sozinhos à praça, estavam sempre acompanhados de seus parceiros, netos ou vizinhos, em uma mistura verbal barulhenta.

Este primeiro contato matinal era sempre preenchido por ações afetuosas, por trocas de experiências, por elogios e inclusive, por possíveis críticas que poderiam surgir:

*“[...] além de nos exercitar nos tornamos amigas, eu era vizinha delas a mais de anos e não éramos amigas, agora somos amigas, tomamos chimarrão juntas” (Senhora “S”, 74 anos).*

*“[...] é interessante porque quando estamos aqui parece que a praça toda é nossa [...] no início eu tinha um pouco de vergonha, não sabia se ia conseguir fazer parte, agora eu até ensino” (Senhora “T”, 60 anos).*

A senhora “S” às vezes trazia uma térmica e sua cuia de chimarrão para a praça, todos se colocavam ao seu redor enquanto esperavam pelo educador. Logo que ele chegava, os idosos se encaminhavam para o aquecimento físico. Após este procedimento eram divididos em dois grupos, o primeiro deles era formado por



senhores e senhoras mais jovens e que preferiam caminhar mais rapidamente ao redor da praça. O segundo grupo, formado por pessoas mais idosas ou que haviam sofrido algum tipo de lesão física, caminhavam mais lentamente e eram acompanhados pelo educador.

Inicialmente, isto nos pareceu um movimento de segregação, mas conforme os dias se passaram, concluímos que o grupo não só lidava bem com esta divisão como usava do humor para enfrentá-la.

*“[...] ah, eles às vezes brincam com a gente, mas todo mundo aqui (...) está para ajudar ao outro” (Senhor I, 87 anos)*

*“[...] é que nós somos os mais ‘véinhos’, precisamos ir mais devagar [...] bobos eles, nós caminhamos mais devagar e chegamos no mesmo lugar (rs). (Senhor Z, 82 anos).*

Certo dia um dos idosos nos pediu a palavra:

*“[...] quando as pessoas olham um monte de gente girando em uma praça não pensam que ‘ele’ começou a fazer isso porque percebeu que estava ficando velho e que os mais jovens nem sempre tinham tempo pra ‘ele’ (...) eu ajudei a construir esse bairro, ajudei mesmo, porque eu fui um dos serventes de obra, que depois consegui comprar uma casinha (...) é bom ter com quem conversar e partilhar dessa história (...) eles (idosos) lembram também como era, dão valor (...) hoje é tudo muito fácil (...) eles (jovens) acham que tudo já veio assim bonito”. (Senhor A, 67 anos)*

A fala do idoso foi, antes de tudo, um desabafo. Ao relatar sua história ele demonstrou o desejo de contar aos mais jovens como o bairro foi erguido, dando seguimento à contínua elaboração de seus próprios conteúdos. Ao decidir fazer parte do grupo de idosos, o senhor “A” não somente modificou a sua rotina, mas iniciou a construção de uma nova identidade, consolidada a partir de uma percepção que se faz do “eu” e do “outro”. É neste contexto que a identidade pode ser considerada uma categoria de análise, pois ela permite que o indivíduo se perceba como sujeito único, tomando posse de sua realidade e tomando consciência de si mesmo.

Ao longo do envelhecimento, o indivíduo assume identidades diferentes a depender do momento vivido, pois considera as transformações definidas por um processo histórico e não apenas biológico (HALL, 2006). Portanto, a identidade caracteriza-se pela individualidade inacabada e construída de forma coletiva. Também é

preciso salientar que essa é marcada por lutas e conquistas que definem uma história e trajetória, manifestando a existência de mudanças interiorizadas no estilo de vida. Nesse cenário, o isolamento social, muitas vezes presente, revela barreiras que o idoso encontra para viver (GONÇALVES, 2008).

Estar em um grupo de referência propicia ao idoso um suporte emocional e motivação para que este indivíduo tenha objetivos e possa compartilhar alegrias, tristezas e conhecimentos. Os contatos sociais permitem engajamento social, que também é uma forma de vivenciar o desenvolvimento na idade adulta de maneira distinta (SANTOS, 2005). Esta satisfação com a vida é uma das medidas do bem-estar psicológico do idoso, que reflete a avaliação pessoal do indivíduo sobre determinados domínios e que o tira da latência, ampliando suas redes de relações. Do mesmo modo, o nível de satisfação dos idosos na convivência com outras pessoas pode aumentar de intensidade no decorrer do tempo, melhorando a qualidade de vida (Figura 18).



**Figura 18:** Algumas das atividades que o Grupo de idosos frequenta: a) projeto de alongamento e exercícios físicos na Praça João Stanislawzuk; b) Banda Marcial, vinculada a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa; c) Coral de Música (Projeto de Extensão – UEPG); e Participação nos bailes para a terceira idade.

Existe uma relação entre o apoio social que o grupo propicia e a memória que é construída a partir desta relação e isto se evidencia nas narrativas:

*“[...] aqui eu me distraio, eu converso, e nós lembramos das nossas histórias”  
(Senhora “T”, 64 anos)*

*“[...] quando a gente fica sozinho a gente não consegue trocar nada com os outros, aqui eu consigo trocar muita coisa” (Senhor “C”, 72 anos)*

Em tais grupos os idosos não irão se desprender de todos os seus valores, porém estarão inclusos em um novo processo, agregando alguns aspectos as suas condutas através da adaptação (ou tentativa de adaptação). O sujeito idoso não irá perder suas características socioculturais, ao contrário disso, ele irá incorporar outros elementos, valores éticos e morais, e que o farão fazer parte do grupo.

Ao recorrermos à memória dos relatos e testemunhos das épocas passadas, estamos transformando essas narrativas em história, fazendo com que um amontoado de fatos ganhe sentido. O narrador histórico é aquele que procura o sentido das ações humanas e encontra nelas uma conexão com os acontecimentos que se precipitam no presente, sua importância não está em apresentar uma imagem do passado, tirando sua autenticidade, mas em transformá-la (a imagem do passado) em uma experiência política única que possa renovar o futuro com seu reconhecimento no presente.

Outro aspecto relevante observado no grupo de idosos frequentadores da “Praça do Santa Paula”, é a forma como eles estabelecem uma relação de empoderamento frente aqueles que não zelam do espaço público. De maneira geral, eles associam a praça ao lugar de “encontro” e como uma forma de romper com o cotidiano das tarefas do lar e das obrigações com os filhos e netos. Por este motivo, constroem relações territoriais com os demais grupos que partilham do espaço, estabelecendo relações de poder, principalmente com os mais jovens.

Em uma das manhãs um grupo de adolescentes chegou à praça e começou a ouvir música alta e a fingir uma briga. Um dos idosos imediatamente se aproximou, pediu que eles abajassem a música, e que “respeitassem aos demais que estavam no ambiente” (Senhor P, 80 anos). Ao retornar para o grupo de idosos o senhor falou bem alto:

*“A praça é um lugar aonde a gente vem buscar saúde e amigos e não um lugar pra destruir isso. Quando jovens, não pensam nisso, mas um dia vão pensar! Eu fui até lá para que eles respeitem quem está querendo o bem e se exercitar”* (Senhor “P”, 80 anos).

Para Foucault (2004) em todo lugar onde houver grupos sociais, encontraremos relações de poder distintas e que devem ser analisadas como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. O poder nunca está localizado somente em um lugar, nas suas malhas sociais os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação, nunca são o alvo inerte ou

consentido do poder, são sempre centros de transmissão, em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.

Estes símbolos ligados ao cuidado com o lugar de afeto norteiam a vida deste grupo social, sendo eles capazes de acionar novas formas de comunicação, de produção e reprodução da vida quotidiana para defendê-lo. Cada grupo vive a partir de uma forma única de comunicação, e as suas leis e normas serão sempre reorganizadas na perspectiva moral de todo o grupo, aprendendo a viver, ou não, a manutenção dos ambientes.

Após este evento o grupo de idosos promoveu uma limpeza da praça, e fez isso com o auxílio de todos os grupos sociais que frequentam o local, inclusive dos grupos de jovens e adolescentes. O apoio, neste caso, surgiu como uma forma de suporte social, manifestado por meio das relações, e que permite satisfazer as necessidades em situações cotidianas e de crise. Tais recursos são promovidos, mediante o acesso a vínculos sociais compensatórios e que tem por objetivo proteger os lugares de pertença.

Deste processo surge a oportunidade de compartilhar aprendizagens e vivências, apreciando as características do grupo, e construindo na coletividade formas de enfrentamento. Um dos senhores retrata bem este processo:

*“[...] as pessoas aqui são legais, eu já conhecia quase todos né (...) todos do bairro (...) às vezes a ‘mulherada’ começa ‘de’ umas fofoquinhas, uma acaba falando da outra, mas logo se resolve (...) todo mundo aqui já viveu o suficiente para saber que não adianta ficar brigando ou causando ‘coisa ruim’ atoa”. (Senhor “G”, 70 anos)*

Esta é uma característica significativa dos recursos de um grupo frente aos problemas coletivos, e está diretamente relacionada à satisfação de “estar” e “fazer” parte. Nesse sentido, para a compreensão das identidades de grupo que frequentam a Praça João Stanislawzuk do Bairro Santa Paula, fez-se necessária a escuta qualificada e a observação profunda sobre as diferenças existentes entre um grupo e outro, buscando analisar, além dos indivíduos, os elementos que os auxiliam na composição de tais identidades.

A forma como este território está organizado nos auxiliou neste despertar, conseguimos perceber uma praça em destaque, e que tem funcionalidade na construção dos afetos do grupo de idosos.

O Bairro Santa Paula tem hoje aproximadamente 6% de sua população acima dos 65 anos (IBGE, 2014). Compreendemos com esta pesquisa que o grupo tem uma

grande relevância na vida do núcleo habitacional, proporcionando a reprodução das memórias e de seus conteúdos. No processo de inserção em um grupo melhoram-se a autoestima dos sujeitos e sua aceitação na sociedade, pois nesses locais, recebem lições de cidadania, de participação e de como colaborar com o bem comum, aprendendo que para exercê-las não há limite de idade.

Faz-se necessária a ampliação de pesquisas que auxiliem na compreensão destes grupos e que fortaleçam as iniciativas que visam à valorização de tais sujeitos.

### **5.2.2 A MEMÓRIA DO BAIRRO SANTA PAULA: UMA PRODUÇÃO NARRATIVA**

- **O Contato com o Grupo**

*Ao chegar à praça pela manhã percebi que além do grupo de idosos há uma grande frequência de crianças logo cedo. Estava uma temperatura amena, eram aproximadamente nove da manhã. Algumas das crianças já estavam a auxiliar os avós nos aparelhos de ginástica, outras com seus tutores brincavam no parquinho e outras ocupam a pista de skate. Algumas das tutoras não permitiam que seus filhos brincassem livremente na praça, outras combinavam com eles um território seguro onde pudessem transitar. As crianças que acompanham os idosos (grupo de idosos) os auxiliavam nas atividades mediadas pelo educador físico. Mas a maioria delas ficava no parquinho com, interagem, e se irritavam ao ver que as mães não lhes permitiam explorar o espaço da praça. Próximo às dez horas da manhã, a área das crianças começou a ficar vazia, provavelmente iam para casa almoçar e se arrumar para a escola. Durante o período de observação, as crianças buscavam o grupo de idosos (mesmo aquelas que não tinham um vínculo direto com o grupo). Os idosos, por sua vez, brincavam com elas e eram empáticos diante da curiosidade que as crianças apresentavam ao vê-los se exercitar. Em um dado momento me deparei com dois senhores auxiliando três meninos a empinar pipas. Enquanto ajudavam nas brincadeiras, os idosos relatavam como eram as brincadeiras antigamente e contavam histórias sobre o lugar e sobre o bairro. Foi interessante perceber a diferença no diálogo entre os tutores e os idosos, os pais não se preocupavam em brincar ou conversar com as crianças, enquanto que os idosos que estavam na praça lhes davam atenção. Em uma das tardes percebi que um pequeno grupo de crianças se formou no parquinho, eram oito componentes (entre cinco e doze*

anos), uma menina tomou a frente do grupo e se pôs a organizar o grupo, que atendia seus comandos. Naquela tarde, eles brincaram de “pega-pega” (brincadeira de corrida cujo objetivo é tocar em alguém para transformá-lo em pegador, quem for pego, começa a correr atrás dos demais participantes do jogo), “esconde-esconde” (uma pessoa conta enquanto os outros se escondem, no fim da contagem, deve-se procurar quem está escondido, se achar, corre até o local escolhido pra ser o “pique” ou “batedouro” e diz “1,2,3 fulano em pique meu”. Caso contrário, quem foi achado primeiro é o próximo a contar e procurar), “bobinho” (é uma brincadeira de bola. Os jogadores vão jogando a bola um para o outro, e o objetivo do bobinho é roubar a bola, caso consiga, quem chutou a bola pela última vez será o novo bobinho), e “passa anel” (os jogadores se colocam lado a lado, com as mãos unidas, uma das crianças é escolhida para passar o anel que está entre as mãos, inicia-se o jogo com a criança que está com o anel, passando de uma em uma das crianças, tentando deixar o anel por entre as mãos unidas, a criança que estava com o anel e que o passou a outra, pergunta a qualquer uma das crianças: com quem você acha que está o anel? Se a criança escolhida acertar, se torna a “passa anel”). Não existe um vínculo aparente entre o grupo das crianças e os grupos dos adolescentes. Quando realizei as primeiras observações o parquinho era formado por brinquedos antigos e que careciam de reparos, havia sempre lixo neste lugar e as crianças se irritavam por não ter um parquinho completo. Quando retornei à praça (no segundo período de observações) os brinquedos haviam sido trocados e o parquinho estava limpo.

- **Trajetórias**

Ao tratar dos temas da infância e espaços públicos é importante ressaltar que a criança é um “mundo em construção” e que o seu desenvolvimento ocorre a partir do contato com o ambiente e com o grupo social. Ao considerarmos as formas de brincar podemos compreender quais são os fatores que influenciam a relação estabelecida entre o grupo social e o lugar.

É notável que uma criança possa conduzir a lembrança em direção àquilo que um idoso acredita ser importante e explicitar para as novas gerações as narrativas e os laços construídos na coletividade. A memória de um bairro também se reproduz através dos discursos e da “contação das histórias” dos habitantes, além de contribuir para o resgate do velho como elemento valorizado socialmente em seu grupo, contribui

também para a coletivização das ações, favorecendo a produção de memórias familiares e comunitárias.

Durante nossas observações percebemos uma forte participação das crianças no campo. Eram crianças acompanhadas de seus pais a brincar no parque, crianças acompanhando seus avós em seus exercícios matinais e crianças brincando sozinhas na pista de skate e patinação. Na maioria das vezes chegavam num grupo formado por dois ou três elementos e acabavam encontrando com outras crianças na praça, se agrupavam e partilhavam das brincadeiras.

Havia sempre um mediador, uma criança que organizava o grupo e as atividades. Como citado anteriormente os adultos quase não se envolviam com o grupo das crianças, eles ficavam sentados conversando ou iam se exercitar nos aparelhos de ginástica. Quem mais lhes dava atenção era o grupo de idosos, auxiliando-nos nas brincadeiras e na mediação de conflitos.

Como na Praça João Stanislawzuk as crianças podem ocupar o espaço de formas diferentes, a nossa análise irá contemplar a forma como a criança constrói a identidade com o lugar e com o grupo. Neste contexto, a palavra falada, os símbolos, os ícones e as histórias se configuram como as principais formas da continuidade cultural do bairro. É importante salientar que por mais que tenhamos formas impressas e digitalizadas de contar histórias nos dias atuais, o relato oral ainda exerce função de grande relevância, principalmente no contato direto dos elementos mais velhos do grupo com os mais novos.



**Figura 19: Praça João Stanislawzuk, Parque para crianças. Ano 2016.**

Em uma de nossas inserções ao campo contemplamos um grupo grande de crianças que chegavam à praça, acompanhadas de seus avós. Elas transitavam entre o grupo de crianças e o grupo de idosos. Era evidente um comportamento de zelo com as pessoas mais velhas, as crianças se colocavam ao meio deles, como se estivessem preparados para atender as necessidades das mais imediatas e urgentes que pudessem ocorrer. Conforme os idosos realizavam os exercícios, ouvíamos as crianças construindo narrativas como:

*“Tome cuidado ‘vó’, olha teu joelho (...) ‘peralá’ eu ajudo” (Criança C, 06 anos, acompanhando sua avó em seus exercícios matinais)*

*“[...] eu avisei, eu disse que você ia se machucar aquele dia, não dá pra abusar no exercício né mãe” (Criança F, 08 anos, acompanhando sua mãe nos exercícios matinais)*

*“olha ‘vó’, eu já aprendi a fazer o que vocês estão fazendo” (Criança J, 06 anos, acompanhando os avós nos exercícios matinais)*

Esta é uma questão da construção do lugar e do papel da criança dentro do grupo social, pois, neste caso, as crianças não somente ouviam e aprendiam, mas também justificavam e ensinavam aos mais velhos. Um cenário com imenso valor na construção da memória do bairro, e que torna possível a participação da infância na história deste grupo.

A infância, entendida como construção social, não é um dado universal ou natural, visão que embasa os estudos do ramo da sociologia da infância, ela é singular. Um processo onde a criança não muda apenas o seu modo de agir no mundo, mas também quem ela é, e como ela se reconhece e se identifica com o grupo social. Há uma constante transformação no sentido de construção da sua identidade – a criança não perde aquilo que lhe constitui, mas acrescenta novos elementos a sua vida. Dessa maneira, não há como existir uma identidade estática, mas sim uma “identidade-metamorfose” (CIAMPA, 1990), admitindo-se que o homem é um ser em movimento e sujeito a contradições (MARX, 1993).

À medida que estas crianças chegavam à praça elas se ocupavam com os contos e ouviam as histórias dos mais velhos. O interessante desta mistura de gerações é que permanentemente havia uma sobreposição dos discursos, que embora viessem de gerações diferentes, tornavam-se contemporâneos no interior daquela praça.



De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998), um dos primeiros fatores necessários para o desenvolvimento da identidade e autonomia da criança é ela adquirir confiança em si e sentir-se aceita no grupo. Nesse sentido, é importante que a criança esteja inserida em ambientes de socialização e que promovam a interação social.

Ao brincar em uma praça a criança encontra possibilidades de construir a identidade e autonomia, reconhecendo o que é igual e o que é diferente no outro. Na criança a sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas no grupo, nas quais ela, alternadamente, imita e se funde com o outro para diferenciar-se dele em seguida, muitas vezes utilizando-se da oposição. (BRASIL, 1998).

A linguagem terá papel fundamental neste processo, sendo “[...] através da interação social que as crianças são inseridas na cultura, partilhando significados e sendo significadas pelo outro” (BRASIL, 1998, p. 24). As narrativas vêm reforçar o processo de identificação com o grupo, pois são formas de afirmar e legitimar as semelhanças com a coletividade.

Ao entrar em contato com os outros grupos que frequentam a praça, as crianças se percebem de uma forma diferente, valendo-se de configurações distintas e conhecendo novos elementos icônicos da paisagem. Além disso, elas aprendem a viver a coletividade, realizando enfrentamentos necessários para a construção do “eu”:

*“Olha só o que eu estou fazendo (...) faça o que eu faço” (Criança N, 08 anos)*

*“[...] só que eu acho que você precisa brincar certo, sem brigar (...) se você não brincar certo você não vai mais brincar com a gente” (Criança B, 10 anos)*

Em suas pesquisas, Corsaro (2002, p. 113) entende a socialização como um processo mais reprodutivo do que linear, onde as crianças não se limitam a interiorizar a cultura adulta, mas passam a fazer parte dela “através das negociações com os adultos e da produção criativa da cultura com outras crianças”. Tal abordagem considera a socialização um processo produtivo-reprodutivo que se modifica nos mundos sociais infantis. “Uma mudança importante nestes mundos é o movimento das crianças fora de seu meio familiar” (p. 114). No entanto, para o autor, a produção da cultura não deve ser considerada simples imitação ou apropriação direta do mundo adulto: as crianças apropriam-se criativamente da informação do adulto para produzir a sua cultura. Tal apropriação é criativa na medida em que tanto expande a cultura (transforma a

informação do mundo adulto de acordo com as preocupações do mundo infantil) como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta. (p. 114). Esse processo de apropriação criativa do mundo adulto é o que Corsaro (2002) chama de ‘reprodução interpretativa’, permitindo a criança uma participação ativa no mundo dos adultos,

O grupo social é compreendido aqui como uma grande célula responsável pela construção da identidade infantil, por meio da qual o indivíduo adquire valores, introjeta normas, condutas, e constrói necessidades. Estabelece-se assim um movimento dialético contínuo e que se desenvolve por toda vida do sujeito, desde muito pequeno (ZIMERMAN, 1993).

Nos finais de semana e feriados, observamos que a praça recebia um público mais diversificado de crianças. Se nos dias de semana a maioria de seus usuários era de moradores do entorno imediato, nesses dias pessoas dos bairros satélites frequentavam o lugar. Muitos deles não eram conhecidos pelos próprios moradores do bairro. A Praça ficava mais cheia, especialmente de crianças, que a utilizavam para as brincadeiras coletivas. O lugar também servia de suporte para as relações estabelecidas entre pares de crianças da mesma família, interpelados pelas relações construídas a partir da proximidade das moradias. Alguns, por não morarem ali e, portanto, não pertencerem a certos grupos que brincavam, eram apresentados aos códigos do local e introduzidos às normas que as próprias crianças construíam.

Um contrato imaginário era criado, com normas e regras que deveriam ser seguidas por todo o grupo. Os mais velhos cuidavam dos mais novos e exigiam que os mesmos os respeitassem. As brincadeiras de “esconde- esconde” e “pega-pega” eram organizadas a fim de permitir que os mais velhos mandassem nos novatos. Apenas em dois momentos percebemos certa crise, pois uma das crianças não quis obedecer às normas contratadas inicialmente.

A norma é compreendida aqui como o conjunto de significados conferidos aos espaços, objetos, pessoas, ações e está na gênese da produção da cultura infantil, pois “permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia” (SARMENTO, 2004, p. 23). As crianças criam a fantasia do real: um “mundo do faz-de-conta” e que revela a dicotomia realidade-fantasia. O tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser sempre reiniciado e repetido. [...] um tempo continuado onde é possível

encontrar o nexa entre o passado da brincadeira que se repete e o futuro da descoberta que se incorpora de novo (SARMENTO, 2004, p. 28).

Ao brincar na praça as crianças realizaram apropriações, se assemelharam umas as outras, distinguiram-se pela autonomia, e reproduziram as memórias do grupo social. Conseguiram gozar de novas relações, de redes de sociabilidades próprias, e tudo isso em um ambiente lúdico, onde a cultura infantil encontrou espaço e oportunidade.

A ludicidade, apesar de não ser exclusiva das crianças, é própria do homem e uma das suas atividades mais significativas. Atualmente o ato de brincar vem sofrendo alterações, uma vez que a situação atual do mercado de produtos culturais da infância tem substituído os brinquedos construídos pelas crianças por brinquedos industriais, transferindo a importância da ação – brincadeira – para o produto de consumo – brinquedo, constituindo-se novo fator de distinção social. Um problema em tais brinquedos seria a sua “excessiva” estruturação, que limita o imaginário infantil e os ensina a desejar aquilo que está pronto.

Estar em uma praça permite que até mesmo os brinquedos presentes no ambiente, auxiliem na construção da identidade geracional. Os jogos e as brincadeiras ao ar livre acabam por desenvolver sociabilidades infantis distintas daquelas originadas na escola, na família ou em outros espaços. A Praça é um cenário para a troca de conhecimentos e compartilhamento de experiências entre pares, reunindo novos e velhos, num diálogo intergeracional e intrageracional.



Figura 20 : Grupo de Crianças, Praça João Stanislawzuk, Brincadeira de Passa Anel.

A unidade espacial, nesse caso, define sociabilidades próprias, configurando o grupo infantil da Praça como o maior responsável pela reprodução cultural do bairro. Observar o grupo de crianças permitiu-nos perceber que o brincar em um espaço público, como uma praça, possui um significado distinto do brincar dentro de casa ou no quintal. As crianças se apropriam dos locais públicos de forma diferente, e libertam-se de certas convenções por estarem em grupo, manifestando suas escolhas, disputando e também decidindo o que é melhor para o coletivo. A Praça assume seu potencial nesta troca de conhecimentos, reforçando comportamentos comunitários e a reprodução da cultura do bairro.

### **5.2.3 IDENTIDADE DE GRUPOS: LEITURAS QUE CONDUZEM A CONSTRUÇÕES SOCIAIS**

- **O Contato com o Grupo**

*Durante as tardes e nos finais de semana observei uma grande frequência de adolescentes e jovens que frequentam a praça. Ao chegar ao campo percebi que alguns adolescentes conversavam debaixo de uma árvore, outros fumavam e ouviam músicas em seus celulares e alguns deles ficavam ao redor da academia para idosos, sentados nos bancos de concreto. Próximo a pista de skate encontrava-se um grupo restrito de pessoas, que pareciam se encontrar com bastante frequência, senti certa familiaridade entre eles, pois gesticulavam bastante, riam e pareciam estar animados, indicando que pelo menos não haviam se conhecido naquele momento. Achei que poderia ser inconveniente tentar adentrar ao grupo e indagar alguma coisa naquele momento. Preferi apenas observá-los de longe neste primeiro contato. Apenas em minha terceira inserção decidi conversar com os sujeitos que ocupavam a pista de patinação e skate. Era uma tarde nublada de sábado e a pista estava ocupada por dois grupos de adolescentes (cada grupo sentado em uma das pontas da pista). Aproximei-me de um dos grupos, os adolescentes me cumprimentaram e contaram que eram vizinhos da praça. Notei que uma das meninas olhava bastante para o outro ponto da pista (onde três adolescentes andavam de skate). Um dos meninos caiu ao tentar fazer uma manobra e as duas adolescentes, com quem eu conversava, riram envergonhadas. As*

*duas meninas me falaram sobre a sua escola (vizinha da praça), sobre como os adolescentes ocupam a praça ao final da aula e sobre a forma como a pista e a concha acústica tornam-se os locais de encontro de vários grupos sociais do bairro. Estas mesmas adolescentes reclamaram da sujeira da praça e mencionaram que às vezes alguns dos grupos que frequentavam o lugar usam a praça apenas para “fazer bagunça”. Em outro momento entrei em contato com um grupo misto de crianças e adolescentes, este grupo me surpreendeu ao defender o bairro e a praça como um espaço de interação dos moradores. No discurso destes sujeitos a praça, apesar de se localizar em uma rua com grande fluxo de veículos, foi reconhecida como um local de encontro, de tranquilidade e até mesmo de descanso, onde os grupos sociais conseguem encontrar um espaço para desenvolver determinadas atividades.*

- **Trajetórias**

Ao aprofundar as reflexões sobre o espaço urbano da cidade e sobre a forma como os grupos sociais utilizam as ruas e praças, conseguimos perceber, não somente o sentido dado ao lugar, mas também a ligação entre os sujeitos e os espaços onde estão inseridos.

Na busca deste encontro com os grupos que frequentam a Praça João Stanislawzuk, o sentimento de pertença nos ficou evidente. Pudemos, ao lado das observações sistemáticas realizadas no campo, considerar também a função que a praça tem ao reproduzir as identidades, elencando o comportamento dos indivíduos e/ou grupos que usam a praça nas mais diferentes formas de interação.

Este ambiente é um fragmento do Espaço Urbano, onde os sujeitos elaboram críticas e julgamentos a partir de critérios de identificação, uma área onde existem consequências e possibilidades e que depois se torna um sinal identitário lembrado por todos. O modo como a Praça do Santa Paula é ocupada demonstra a importância do resgate da memória desta população, é um espaço onde podemos encontrar referências das questões sociais, econômicas e culturais no que diz respeito ao surgimento do bairro.

No caso dos grupos de adolescentes que frequentam a gama de atividades realizadas é bem diferenciada, a maior parte deles utiliza o lugar como ponto de encontro, principalmente após saírem da escola. São adolescentes entre 11 e 18 anos

que se sentam e conversam, enquanto ouvem músicas em seus celulares e se exibem na pista de skate e patinação. Nos final de semana o espaço da praça é invadido por adolescentes de outras regiões, o que causa certo estranhamento para os grupos que frequentam o lugar durante a semana. São sujeitos diferentes, alguns deles estudantes das escolas privadas e que chegam à praça em grupos menores.

Os grupos de adolescentes traziam um sentido de unidade, não admitindo que outros sujeitos/grupos intervissem em suas atividades ou que desmerecessem aqueles que estão na praça:

*“Nem todos gostam da gente (...) mas nós nos gostamos” (Adolescente G, 13 anos)*

*“[...] alguns pais não gostam que ‘a gente venha’ aqui, eles acham que aqui é lugar de maloqueiro, mas não é (...) não é por que tem os ‘piá’ que andam de skate, que é drogado” (Adolescente “C”, 17 anos)*

*“[...]é claro que aqui tem os ‘maloqueiros’ mas também tem os que ‘tão de boa’” (Adolescente “F”, 15 anos).*

*“[...] nós estudamos ‘aqui embaixo’ (escola pública) então é tudo perto e fica por aqui (...) ai tem os ‘riquinho’ de escola particular que nem passa aqui perto, acho que eles têm medo da gente (risos)” (Adolescente “C”, 14 anos).*

*“[...] quando alguém olha de fora acha que aqui só tem ‘malaco’ mas esquece que aqui também tem os ‘véinho’ que vem se exercitar na praça, tem as crianças que vem brincar e tem ‘a gente’ que vem ‘trocar uma ideia’” (Adolescente “A”, 15 anos).*

O conceito de identidade na adolescência apresenta inúmeros questionamentos e necessidades, é o momento de várias reconfigurações e onde novos papéis sociais e individuais são atribuídos ao sujeito, havendo assim um desligamento da fase infantil e um preparo para a vida adulta que se segue. O conceito de subjetividade permite uma exploração dos afetos que estão envolvidos neste processo de produção da identidade. Remetendo-nos ao que é do grupo e denunciando que somos seres coletivos (HALL, 2006).

Esta construção da identidade é o processo resultante de uma construção social, de uma construção pessoal e de uma construção na interação do nível pessoal com o social, baseado naquilo que é semelhante ao adolescente e naquilo que lhe causa

estranhamento. Ela é uma construção realizada tanto no outrem como no para si mesmo, tendo por resultado sempre uma “costura”, de uma parte, entre o que é “herdado” e o que é “almejado” e, de outra parte, entre o que é “atribuído” e o que é “assumido”. Trata-se de uma “costura” feita dos materiais encontrados no “tempo” e no “espaço”. (FOLLMAMM, 2001).

De acordo com Berger (2003) no processo de cristalização de um “eu” consistente, os adolescentes transitam em várias tentativas de “eus” possíveis, ou seja, várias percepções de quem são em diferentes grupos e lugares, ou, do que poderiam se tornar. Esta postura é perfeitamente natural e notável. Tanto que muitos adolescentes percebem o quanto são afetados, por mudanças de lugar e circunstâncias, transformando-se e mergulhando em uma incógnita de quem será o seu verdadeiro “eu”.

É importante esclarecer que a identidade permanece em constante construção e à medida que surgem novas experiências, novas referências se tornam importantes reconfigurando às bases de “nossa” identidade (ERICKSON, 1985).

Nesta fase, entre os 12 e os 21 anos (OMS, 2004), o adolescente entrará em contato com situações que servirão de treinamento para a vida adulta. Uma fase de intensa emotividade e que congrega em si diferentes buscas.

*“O mesmo grupo que eu convivo aqui, eu convivo na minha casa e na escola, eles são meus ‘parças’. Eu não sou obrigada a ser amiga de todo mundo e sim dos camaradas que ‘tão’ comigo” (Adolescente X, 14 anos)*

*“[...] nossa, eu queria tanta coisa que nem sei, só sei que todos os meus amigos estão aqui e eu sempre morei aqui” (Adolescente, 13 anos)*

Há uma busca pela liberdade e um temor diante do que é novo. Estes são sujeitos que precisam sentir-se incluídos. Precisam sentir-se únicos e ao mesmo tempo iguais. E que se encontram em uma situação que oscila entre o tudo e o nada. Sua liberdade se manifestará na sua capacidade e direito de proceder escolhas, de se verem capazes de optar entre diferentes alternativas (CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES, 2003).

E como se dá o encontro destes grupos com o lugar? Ao ocuparem os espaços os adolescentes exploram novas oportunidades de identificação, é um momento crucial e que se refere principalmente à importância que os jovens designam ao olhar do outro em relação a si. A sua identidade passa a se relacionar com o local onde o seu grupo

está inserido, e é nele que por vezes se dará sentido aos múltiplos papéis que o adolescente precisa assumir (CAMPOS, 1998).



Figura 21: Pista de Skate e Patinação da Praça João Stanislawzuk, Ano: 2016.

O Lugar surge no âmbito da consolidação dos vínculos, caracterizando-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente (MELLO, 1990).

É uma fase de transformações intensas na vida do indivíduo, e onde grandes crises podem emergir devido a esta moratória que o adolescente vive. É um período de transição, no qual é comum o surgimento de conflitos advindos da formação da identidade. Um período por vezes calmo e tranquilo, e em outros momentos confuso e desorganizado (CALIGARIS, 2000).

Para o adolescente, as vivências diárias, assim como as novas situações, possibilitam uma estruturação que será o modelo de como desenvolver e adaptar sua dinâmica de comportamento. A auto-imagem de um adolescente estará diretamente ligada à forma como este constrói sua identidade com o grupo e com o lugar. (MOSQUERA, 1977).

A Praça do Santa Paula aparece nas narrativas dos adolescentes por um viés afetivo e que acaba tornando-se símbolo de um espaço ocupado por aqueles que, em certa medida, se sentem marginalizados. Os contornos de ocupação deste ambiente traçam uma inter-relação entre os adolescentes frequentadores da praça e aqueles que



apenas a atravessam. É como se os grupos que ali estão representassem os moradores do bairro, aqueles que estudam na escola pública, e que são netos dos moradores mais velhos.

Para Petersen (2001), existe uma máxima aproximação entre espaço, identidade e tempo na inserção dos hábitos de vida de um bairro. De acordo com essa autora, os grupos determinam a estratigrafia das relações sociais de um lugar, isto é, da integração entre os atores do cotidiano e da apropriação das imagens ao seu redor. No próprio conceito de bairro, Pierre Mayol observa esta contida essa noção de identidade, uma vez que: “(...) é um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido” (MAYOL, 2001, p.40).

*“[...] a pista (skate) está perto da escola e ‘tá’ perto da minha casa, e aqui é mais fácil encontrar os amigos sem ter ninguém pegando no pé de ninguém” (Adolescente “I” 12 anos).*

*“[...] se a praça tivesse aula (cursos) de alguma coisa, a ‘galera’ viria e ia ficar menos gente parada sem fazer nada... apesar de que praça é pra isso né, é pra ficar parado (rs)” (Adolescente “C”, 14 anos).*

Até mesmo o “estar parado”, ditado pela adolescente, refere-se à apropriação do lugar (realizada pelo morador) e que transgride e ultrapassa o âmbito privado. O mesmo se dá, no engajamento do grupo no espaço público. A ação se transforma em uma prática cultural, atrelada a um sistema de valores subjacentes e que estruturam as tomadas de atitudes fundamentais da vida cotidiana. A identidade do grupo passa a ser reconhecida e o sentimento de pertencimento atua em prol da aproximação, bem como da ligação com o local. É uma construção de enraizamento, onde o indivíduo transforma o ambiente enquanto é transformado por ele.

Ao conversarmos com os adolescentes que ocupavam a praça percebemos que as críticas ao lugar possuíam uma conotação de desejar o melhor, de intervir positivamente no sentido de corrigir os aspectos negativos do Bairro Santa Paula. Os sujeitos apresentaram referenciais sobre a memória daquele lugar e elementos constituintes de uma identidade de bairro.

*“[...] olha se tivesse mais coisas pra gente fazer aqui na praça nós faríamos” (Adolescente G, 14 anos)*

*“[...] eu só acho que tinham que usar mais o espaço pra fazer coisas legais (...) tem um espaço enorme aqui, dava pra fazer um monte de coisa para os jovens” (Adolescente N, 15 anos)*

Tempos depois desta conversa nos deparamos com este cartaz:



Figura 22: Cartaz colado logo na entrada da Pista de Skate e Patinação da Praça.

Após coletarmos algumas informações descobrimos que as aulas de dança de rua não poderiam ocorrer na Concha Acústica em função da má conservação do ambiente. Há uma complexidade nesta discussão, visto que o contínuo crescimento das cidades fez com que os espaços públicos abertos se tornassem ainda mais necessários na rotina dos adolescentes. Além disso, esses espaços podem agregar qualidade no convívio e no lazer das pessoas, fornecendo atributos que auxiliem nas construções identitárias dos grupos.

A organização simbólica realizada pelos adolescentes em questão, ainda que pareça confusa em certos aspectos, apresentou uma aproximação da cultura do bairro. Através da praça, tivemos a oportunidade de compreender melhor como se dá a construção da identidade deste grupo social e de que forma a constituição da subjetividade acaba por modificar ou cristalizar os desejos de tais sujeitos.

## 5.2.4 A PRAÇA COMO UM LOCAL DE RESISTÊNCIAS

- **O Contato com o Grupo**

*Os jovens chegam á Praça no período noturno, normalmente vêm sozinhos e um a um começam a tirar algumas garrafas de suas mochilas. É um grupo apenas masculino. Eles ligam o som do rádio do carro e começam a cantar junto com a música. Nas noites anteriores preferi não me aproximar, mas como o tempo estava agradável, e a rua movimentada, decidi que poderia sentar mais perto do grupo. Algumas mulheres estavam nos aparelhos de ginástica, então me senti mais a vontade para falar com um deles. Expliquei para o rapaz sobre a minha pesquisa, ele era um sujeito conhecido, que eu já havia avistado no bairro, alto e vestindo roupas de trabalho. A palavra resistência não apareceu explicitamente na fala daquele jovem, mas esteve presente nas narrativas que ele e os demais rapazes construíram. Enquanto conversavam comigo, misturavam algumas bebidas e cantarolavam alguma melodia que eu não conhecia. O rapaz que se aproximou de mim me contou que eles já frequentam a praça há vários anos. Outro rapaz mencionou que era comum os vizinhos “olharem de cara feia” para eles e que algumas vezes já tiveram que “escapar” da polícia. Os olhares das mulheres que estavam nos equipamentos de ginástica desencadearam nos sujeitos o desejo pela fala. Alguns tornaram-se mais intensos. Um deles mencionou que não compreendia porque as pessoas tinham permissão para se divertir em casa (espaço privado) e não conseguiam se divertir na praça (espaço público) “em paz”. Durante nossa conversa os jovens apontaram vários elementos, de marginalização, de preconceito e também de resistência ao não deixar a praça, e insistentemente continuar ocupando este lugar.*

- **Trajetórias**

A ação juvenil, com uma multiplicidade de agendas e formatos organizativos, tem conseguido produzir formas interessantes de resistência, apropriação e ressignificação dos espaços urbanos. No centro destas ações encontra-se a estreita relação com as práticas culturais dessa juventude.

Para além das reflexões sobre a faixa-etária, é possível identificar o lugar onde o jovem manifesta seus desejos, possibilitando aos grupos certo reconhecimento frente às experiências do quotidiano comunitário.

Ao longo do período de aproximação com o campo de pesquisa, e concomitante ao início da escrita desta dissertação, entramos em contato com alguns grupos de jovens que frequentam a praça. A maior parte deles usa o espaço no período noturno, alguns restringem-se ao território mais isolado da praça, no caso a concha acústica, outros chegam ao espaço público ainda no período vespertino e preferem ficar na pista de skate, e outros usam a praça valendo-se apenas de um local em seus períodos de espera.

Ao nos aproximarmos dos jovens notamos que muitos deles sentem-se frustrados por serem vistos como “desocupados”:

*“[...] porque assim, a comunidade, né, em tudo que você faz eles vão falar alguma coisa (as vezes nós somos ‘malacos’ apenas porque estamos na praça (...)) outras vezes nós somos desocupados, mas eu não me importo porque eu trabalho” (Jovem S, 28 anos)*

*“[...] eu acho que algumas pessoas têm preconceito com a gente que ‘tá’ na praça (...) e sem motivo porque nós só ‘tamo’ aqui de boa, a gente não incomoda ninguém (...) apenas nos juntamos com os ‘camarada’ pra trocar uma ideia” (Jovem T, 24 anos)*

Para Bourdieu (2004, p.71), “[...] a realidade social é em grande parte uma representação, ou um produto da representação, em todos os sentidos do termo” sendo “o espaço social quem organiza as práticas e as representações dos agentes”.

Vivemos em uma sociedade ainda excludente e pouco acolhedora, principalmente com os sujeitos que ainda não encontraram uma real motivação para responder ao sistema. Se você abandonou a escola, se é pai solteiro, mãe solteira, viciado ou ex-viciado em drogas, um jovem que não trabalha em horário comercial e está em uma praça, infelizmente muitos poderão considerá-lo como um membro das categorias arbitrariamente excluídas do seio social. Bauman chamou isso de “identidade de subclasse”, uma identidade formada por aqueles que não são vistos, buscados, escolhidos, mas são avaliados e refutados.

Quando Bauman (1999) sustenta que o significado da identidade de subclasse é a ausência de identidade e a negação da individualidade, o que ele nos revela é uma visão externa, ou seja, a visão do restante da sociedade sobre a subclasse. Isso não

significa que os membros da subclasse não construam e negociem identidades múltiplas e se diferenciem nas relações. Obviamente, os membros de cada comunidade de pessoas pertencentes à subclasse reconhecem as identidades e individualidades de cada um dos membros do grupo, chegando mesmo a desenvolver um senso de diferença entre eles e de identificação em prol de um destino comum.

Ao se relativizar as culturas juvenis em relação às diferentes formas de vivenciar os espaços públicos, como consumidores e produtores de elementos simbólicos, por um lado não podemos negar as estruturas de disposição social e seus efeitos de massificação do comportamento juvenil e por outro evidenciamos a força criativa e o engajamento social e político que se constrói dentro dos grupos sociais.

Nas culturas urbanas, múltiplas são as redes tecidas pelos jovens, mesmo que em sua intermitência e fluidez. As linguagens e atores se interpenetram, podem estar em um grupo específico e também ter interesse em outro grupo social. A música, as gírias, as roupas, o uso do álcool, de psicoativos, as formas de resistência, parecem ter um papel intenso neste fluxo que atravessa fronteiras, onde se misturam ou agregam o grafite, a poesia, o hip hop etc.

A ocupação dos espaços para além daqueles restritos a casa onde moram, vem representar um "alargamento no horizonte social dos jovens [...] pelas redes de sociabilidade que os integram à cidade" (ZALUAR & LEAL, 1994, p. 65). São nas formas de apropriação significativas dos lugares, que o jovem constrói redes de sociabilidade e dinamiza espaços muitas vezes marginais em relação ao centro do poder econômico das metrópoles globalizadas.

Entre os jovens que ocupam a Praça João Stanislawzuk é exatamente essa perspectiva de "sensibilidade social" (TODOROV, 1996), associada a um processo de resistência que reverbera nas condutas dos sujeitos.

Em uma das noites de inserção ao campo conseguimos nos aproximar e falar com um dos grupos que ali estavam, um dos rapazes mencionou que:

*"[...] eu trabalho, só que às vezes eu fico de saco cheio de ficar em casa aí prefiro vir para a praça (...) eu encontro com os caras (...) sempre vai ter alguém que vai julgar a gente (...) eu não me importo com isso, porque eu sei da minha vida e eu sei que quero estar aqui com os camaradas mas que amanhã eu vou fazer outras coisas (...) ninguém tem nada que se preocupar com isso" (Jovem C, 26 anos)*

Para Bauman (2003) sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas, desculpadas ou pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Se há, ainda nas palavras de Bauman, uma recusa a priori a algumas identidades de grupo, há também uma resistência coletiva e individual, um movimento de ocupação, tanto a nível intracomunitário quanto extracomunitário.

Por isso é importante que observemos as diferentes “juventudes”, e consideremos cada uma delas em uma pluralidade de características, tipos de comportamento, significados, sentimentos e sentidos. Esta categoria deve então ser considerada socialmente, ou seja, só pode ser compreendida na constante inter-relação com as diferentes categorias que se referem às diferentes realidades sociais: “classe social, estrato social, etnias, gêneros, oposição urbano-rural, relação nacional-local, global-regional, etc.” (GROPPO, 2000, p. 19). Entendendo também que determinantes como a cultura e o local onde moram os jovens complementarão o entendimento destes sujeitos com o mundo.

Em uma das narrativas, um dos jovens nos revelou a sua identificação com o grafite e que isto havia lhe surgido como uma necessidade criativa. Primeiro através do desenho, quando sentava na frente da TV e desenhava os personagens animados e em seguida quando “descobriu” uma revista de grafite e, compreendeu que aquilo poderia ser também uma forma de reação. A descoberta do grafite como forma de expressão e transformação pessoal e social, envolveu também o encontro com outros sujeitos, intensificando a sua identificação com o grupo. A inspiração vinha do que via e sentia na sua relação com o espaço urbano, com a periferia, na pista de skate, junto aos “parceiros”, e compreendendo que sua prática era também uma forma de intervenção social.

Como morador de bairro, e longe do centro da cidade, o jovem trouxe em suas narrativas que a sua arte lhe proporcionou novas ancoragens (re)significando seus trajetos e potencializando sua identidade social.

*“Eu moro no bairro desde que eu nasci, eu sei qual da sua história e da sua realidade. Na verdade, a gente não pode fugir disso. Não sei se*

*eu quero morar em outro lugar. Então pintar é uma forma de ser visto” (Jovem, 21 anos – Grafiteiro)*



**Figura 23: Parte Interna da Concha Acústica, Praça João Stanislawzuk. Grafite feito na praça em uma disputa de Hip Hop, 2015.**

Outro desdobramento importante diz respeito à forma como estes jovens observam o bairro:

*“[...] o bairro é ‘massa’ (...) eu não moraria em outro lugar não, às vezes os ‘caras’ passam pela praça e olham pra gente de cara feia mas é só isso, no resto eu ‘curto’ o bairro (...) eu só acho que o prefeito e os ‘caras’ deveriam fazer mais ‘coisa’ aqui, ajudar né” (Jovem L, 30 anos)*

Uma narrativa que ganha reconhecimento interno no grupo e que realiza desdobramentos, principalmente em circunstância da forma como eles resistem e ocupam os lugares da praça.

É necessário perceber que os grupos culturais construídos pelos jovens, através de redes de sociabilidade não seguem uma forma de organização muito convencional ou prescritiva, mas são fruto do desejo e da ação espontânea de grupos e lideranças, apostando nas relações de amizade, que são fundamentais para que projetos culturais aconteçam. A importância do bairro e da praça se dá em meio à cotidianidade da vida, onde pesam a necessidade do convívio, da visibilidade e da própria arte.

Os grupos constroem com a praça formas de resistência demonstrando que estão ali por considerarem que o ambiente pertence também a eles e que tem o direito de

manifestar a sua identidade. Nesse sentido, o que seria indizível e inefável para alguns é compartilhado dentro do grupo. A resistência se processa e se configura na ocupação dos espaços, na postura de enfrentamento ante as discriminações, e na recusa de assumir o individualismo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A praça é um local de grande valor histórico, cultural e de interação social sendo fundamental na configuração urbana e um dos mais importantes espaços públicos da história das cidades. Historicamente é palco de manifestações culturais, sociais, políticas, cívicas, esportivas, religiosas e definida como o lugar do encontro, da passagem e da sociabilidade. Sua essência é constituída a partir da história que ela carrega, de seu desenho paisagístico e de seu conjunto urbanístico. A integração entre seu território, sua morfologia e sua apropriação é que permitem a formação das praças, como espaços simbólicos, como lugares de memória.

Ao tomar uma praça como campo de estudo, construímos um lugar para observar o urbano pelo viés da linguagem, do simbólico e das relações quotidianas. Inscreve-se dessa forma, a história, um microcosmo de sentidos e que evidencia afetos que dividem o mesmo espaço. Ao optarmos por trajetórias etnográficas defendemos uma cidade formada não somente por espaços empíricos a serem analisados, mas também por lugares que se renovam em função das práticas e das narrativas dos sujeitos, respeitando cada uma das possíveis projeções imaginárias que se mobilizam dentro dos grupos sociais.

Tal pesquisa transcorreu de forma a evidenciar a pluralidade existente no bairro Santa Paula, uma população formada por agentes distintos e que percebem neste local uma oportunidade. Para a maioria dos que estão ali, a praça não tem apenas o sentido de um encontro intermitente com o sol ou com o ar livre, estes sujeitos saem de suas casas e buscam este lugar em função da coletividade das relações e muitas vezes porque estão cansados de ouvir o próprio silêncio.

Desse modo, analisamos a maneira como ocorrem as apropriações da Praça João Stanislawzuk com o intuito de revelar não somente as diferentes dimensões das relações sociais e sociabilidades pertencentes e presentes na praça, mas também a forma objetiva das relações, a perspectiva que esses grupos têm do lugar e a forma como se apropriam de tal ambiente.

Ao entrar em contato com o grupo de idosos ouvimos relatos perpassados pelo desejo de estar presente e de perceber-se parte de um grupo. Eles buscavam acolhimento, um olhar que acalente, que não discrimine, e que respeite a sua história e suas narrativas. Ao final deste trabalho ousamos ampliar nosso horizonte e defender que

a praça é uma paisagem cultural que faz sentido para aqueles que vivem suas histórias ali. Um lugar que permite aos moradores mais antigos do bairro encontros desinteressados, onde a memória se manifesta em coisas simples, em discursos rasgados e que rememoram as lutas travadas em prol das melhorias no núcleo habitacional.

Observamos que algumas vezes o simples ato de fazer uma pipa acaba por estimular a outros que nem lembravam como é brincar. A criança impulsiona seu desejo ao compreender que pode aprender com seus pares e também com aqueles que se apresentam como diferentes, seja em idade ou aparência. É nesta renovação que a memória individual e coletiva acontece, tudo aquilo que se é gravado, excluído, relembrado, nada mais é do que o resultado de um trabalho de organização.

O grupo de adolescentes nos trouxe narrativas sobre uma praça/lazer, onde as buscas, as paqueras, os medos acontecem de forma mais emergente. Compreendemos que estes sujeitos criam redes de sociabilidade, que se tramam no processo de identificação com o espaço e com o grupo etário. Ampliam as experiências coletivas e se auxiliam na busca por novas sensibilidades que irão auxiliar na construção de sua identidade de grupo.

As territorialidades da praça nos foram apresentadas principalmente pelo grupo dos jovens que ocupam a praça no período noturno. Levados por mecanismos de resistência e de ocupação, o contato com este grupo evidenciou a luta por um espaço que é público e, portanto democrático. Um grupo que trouxe em seu discurso a necessidade do acesso e circulação de pessoas de diferentes classes sociais na praça. Tais formas de apropriação e recriação da cultura foram elementos constantes nas falas de tais sujeitos, caracterizando uma praça que apresente mobilidade, circularidade e porosidade das fronteiras urbanas.

É importante salientar que inicialmente acreditávamos serem as tensões entre os grupos sociais que dariam o contorno de nossa pesquisa, o que podemos concluir é que a praça é formada pela existência de elementos transicionais, por grupos que atuam em dias e horários diferentes e que justamente por não se encontrarem quotidianamente não protagonizam grandes embates. Além disso, o território da praça também é apropriado de formas distintas, há uma fronteira imaginária entre os ambientes, e ainda que as tensões entre os grupos ocorram, estas se dão de forma velada.

Com seus diversos significados – funcionais ou morfológicos – a praça representa um espaço de vitalidade urbana, um espaço de referência e que atua como

um marco na organização da cidade. Um espaço de confluência social e um elemento intrínseco à cidade

O objetivo desta pesquisa é ampliar este olhar destinado à praça e aqueles que se apropriam dela, incentivando os sujeitos a percebê-la como um elemento constitutivo do que é ser – humano. Assim, há de se ressaltar, que em todas as questões apresentadas, a cultura não é apenas o meio, mas a mediação e a produção da consciência, culminando em produção social identitária de grupo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Os romances das aulas. Movimento.** Revista da Faculdade de Educação da UFF, Rio de Janeiro: DP&A; Niterói: UFF, n° 2, set., 2000.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Hucitec, 1986.

BARCELLOS, C. **A saúde nos Sistemas de Informação Geográfica: apenas uma camada a mais?** Caderno Prudentino de Geografia. Presidente Prudente, v. 25, 2003.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa da infância à adolescência.** 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

BEGER, P.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 24 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BERTRAND, G.; BERTRAND; C. **Uma geografia transversal e de travessias: o meioambiente através dos territórios e das temporalidades.** Maringá: Massoni, 2007. BOMFIM, E. M. **Psicologia social no Brasil.** Belo Horizonte, Edições do Campo Social, 2003.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** Brasília, DF, MEC, 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação.** Brasília, DF: 2006.

BUTTIMER, A. **Campo de Movimento y sentido del lugar.** In: RAMÓN, M. D. G. (org.) **Teoría y Método em la Geografía Anglosajona.** Barcelona, Ariel, 1985.

CALDEIRA, J M. **A Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano–origem em modernidade.** Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, agosto, 2007.

CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

CALLIGARES, C. **A adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMPOS, D. M. de S. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1998.

CARLOS, A. F. A. A **(Re)Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CARVALHO, A. M.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. M. **Adolescência**. Belo Horizonte: Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, 2003.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Paz e Terra, 1999.

CHAMMA, G.V.F. **Ponta Grossa: o povo, a cidade e o poder**. Ponta Grossa: PMPG/CMEC, 1988.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CLAVAL, P. **O Território na transição da pós-modernidade**. Geografia, Rio de Janeiro, ano 1, 1999.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: editora Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias geográficas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CORSARO, W. A. **A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças**. Revista Educação, sociedade & culturas. Página 113-133. Porto, 2002.

COSTA, I. T. M. Fragmentos discursivos de bairros do Rio de Janeiro: entrevistas. Rio de Janeiro, RJ: UNI-RIO, Curso de Mestrado em Memória Social e Documento, 1998.

CUNHA, M. C. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DE ANGELIS, B. **Praça no contexto das cidades o caso de Maringá/PR**. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2000.

DELPHIM, C F. de M. **O Patrimônio Natural do Brasil**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=418>. Acesso em: abril. 2015.

DEMBICZ, A. El espacio entre lo local y lo global. In: LEMOS, M. T. T. B; MORAES, N. A. (Org.). **Memória e identidade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

DRABIK, A. **Nova Visão da Nossa História**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

**DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**. Fundação Getúlio Vargas: Primeira Edição, 1986.

ERIKSON, E. H. **Identidade juventude e crise**. Rio de Janeiro. ed Guanabara 1985.

FAZENDA, I (org.). **Os Lugares dos Sujeitos na Pesquisa Educacional**. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 1999.

- \_\_\_\_ **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** 4 ed. Campinas: Papyrus, 1999.
- FOLLMAMM, J. I. **Identidade Como Conceito.** Ciências Sociais UNISINOS, São Leopoldo, nº 158, v 37, 43 – 6, 1º semestre/ 2001.
- FOUCAULT, M. “**A ética do cuidado de si como prática da liberdade.**” In: **Ética, sexualidade e política.** por Michel FOUCAULT, 264-287. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FORQUIM, J. C. **Escola e cultura - as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIULIANI, M. V. **O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente.** In E. T. O. Tassara, E. P. Rabinovich & M. C. Guedes (Eds.), *Psicologia e ambiente* (pp.89-106). São Paulo: Educ. Gross, 2004.
- GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- GONÇALVES, H. de A. **Manual de resumos e comunicações científicas.** São Paulo: Avercamp, 2004.
- GONÇALVES, L.H.T. **Perfil da família cuidadora de idoso doente/fragilizado do contexto sociocultural de Florianópolis (SC).** Texto & Contexto Enfermagem, 2008.
- GONÇALVES, M.A.C. **Ponta Grossa—um século de vida (1823–1923).** Ponta Grossa: UEPG, 1983.
- GONDAR, J. D, (Orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- GROPPO, L. A. **O funcionalismo e a tese da moratória social na análise das rebeldias juvenis.** Estudos de Sociologia V. 14, Nº26. Araraquara: UNEP, 2009.
- GUEDES, S. L. **Os casos de cura divina e a construção da diferença.** Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 4, n. 9, 1998.
- GUSFIELD J. **The Culture of public problems: drinking-driving and the symbolic order.** Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: A rede “gaúcha” no nordeste.** RJ: EDUFF, 2011.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARVEY, David. **A justiça social e a cidade.** São Paulo: Hucitec, 1980. 291p.
- HEGEL, G.W.F. **Grundlinien der Philosophie des Rechts Auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neueditierte Ausgabe.** Red. Eva Moldenhauer und Karl Markus Michel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000.

HUNT, M. E. **The design of supportive environments for older people.**In: **Congregate Housing for the elderly.** Haworth Press, 1991.

**INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO:** acessado em 20 de maio de 2015, disponível em <http://www.ipardes.gov.br/>.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA:** acessado em 18 de dezembro de 2016, disponível em <http://www.ibge.gov.edu.br>

**INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS : MANUAL DE APLICAÇÃO.** Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília : Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

KLEIN, M. **Psicanálise da criança.** São Paulo: Editora Mestre Jou, 1969. Originalmente publicado em 1932.

KUPER. A. **Cultura - a visão dos antropólogos.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LAMAS, J. M. R. G, **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade,** 2ª Ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2004.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE GOFF, J. **História e memória.** 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LIBERALINO, C. C. **Praça: lugar de lazer.** Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2011.

LÖWEN, C. L. **Dimensões de análise da verticalização: exemplos da cidade média de Ponta Grossa/PR.** Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, 2000.

LYNCH, K. **A Imagem da cidade.** São Paulo: M. Fontes, 1982.

MANNHEIN, K. **Ideologia e Utopia.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976.

MARCELLINO, N.C. **Lazer e educação.** Campinas: Ed. Papyrus, 2004.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Lisboa: Ed. 70, 1993.

MCDOWELL. L. **A transformação da Geografia Cultural.** In GREGOY, Derek; MARTIN, R; SMITH, G. Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social (Org.). Tradução: Mylan Isaack. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966.

MEIRELLES, H. L. **Direito Administrativo Brasileiro,** 17ª.ed., São Paulo, Malheiros, 2007.

MELLO, J.B.F. de. **Geografia humanística: A perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo.** Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MONASTIRSKY, L. **Cidade e Ferrovia: A mitificação do Pátio Central da RFFSA em Ponta Grossa**. Florianópolis, 1997. Dissertação de Mestrado–UFSC.
- MORAES, A.C.R. & COSTA, W. M. **A valorização do espaço**. São Paulo, Hucitec, 1984.
- MOSQUERA, J. J. M. **Psicodinâmica do aprender**. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1977.
- MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo, Malheiros, 2004.
- OLIVEIRA, R. C. de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo. Brasília, DF: UNESP Paralelo 15, 2006.ulo: Martins Fontes, 2004.
- OMS. **Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde: Declaração de Alma-Ata, 1978**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.
- PAULA, J. C. M. de. **População, poder local e qualidade de vida no contexto urbano de Ponta Grossa – PR**. Rio Claro, 1993, 192 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Campus Rio Claro.
- PELLEGRIN, A. Equipamento de lazer. In: GOMES, C.L. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PETERSEN, S. **Que a União Operária Seja Nossa Pátria! História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações**. Santa Maria: Ed. da UFSM; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.
- POLLAK, M. **Memória, esquecimento e Silêncio**. In: **Estudos Históricos**. São Paulo. Cpdoc/FGV, 1992.
- PONTA GROSSA. **Plano Local de Habitação de Interesse Social- PLHIS**, (2011): acessado em 12 de maio de 2015. Disponível em: <<http://prolarmpg.com.br>>
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. França. São Paulo: Ática, 1993.
- ROCHA. G. & TOSTA S. P. **Antropologia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- RELPH, E. C. **As bases fenomenológicas da Geografia**. In: *Geografia*, 4(7). Rio Claro: [s.n.], 1979.
- SANTOS, M. **Espaço e sociedade**. Ensaios. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.



SANTOS, P.A. **O Familiar Cuidador em Ambiente Domiciliário: Sobrecarga Física, Emocional e Social**. Lisboa (Portugal): Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública, 2005.

SANTOS, R S. dos. **Integração de famílias imigrantes polonesas no município de Mallet-Paraná (1884-2005)**. Monografia de conclusão da graduação, UEPG, Ponta Grossa, 2005. SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2000.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coord.). **Crianças e Miúdos. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação**. Porto. Asa, 2004.

SCHEFFER, S. M. **Espaço urbano e política habitacional: uma análise sobre o programade lotes urbanizados da PROLAR - Ponta Grossa, PR**. Ponta Grossa, 2003, 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

SCHNEIDER. D. **American kinship: a cultural account**. New Jersey: Prentice Hall, 1968.

SECCHI, B. **Primeira lição de urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SINGER, I. B. **The Collected Stories of Isaac Bashevis Singer**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1983.

SILVA. F. **Silvicultura Urbana—O desenho florestal da cidade**. Instituto de Pesquisa de Estudos Florestais. Piracicaba, SP, 1991.

SILVA, M.J.V. LOPES, P.W.; XAVIER, S.H.V. **Acesso a Lazer nas Cidades do Interior: um Olhar Sobre Projeto CINE SESI Cultural**. VI Seminário 2009 ANPTUR. São Paulo/SP, 2009.

SOUZA, J. N. **As lideranças comunitárias nos movimentos de educação popular em áreas rurais: uma questão desvendada**. Dissertação (Mestrado)—Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio de Grande do Norte, 1989.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia - Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.

TAYLOR, C. **A política do Reconhecimento. In: Multiculturalismo: Examinando a política do Reconhecimento**. Coleção Epistemologia e Sociedade. Instituto Piaget. 1994.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TODOROV, T. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TÖNNIES, F. **Comunidade e sociedade como entidades típicoideais**. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 2002.

TUAN, Y-Fu. **Place: an experiential perspective.** Geographical Review, New York, USA, 1980.

ZALUAR, A; LEAL, M.C. **Violência Extra e Intramuros.** Revista Brasileira de Ciências

Sociais, nº 45, vol. 16, p. 145 –164, Fevereiro 1999.

ZIMERMAN, D.E. **Fundamentos básicos das grupoterapias.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Resiliency research: implications for schools and policy.** Social Policy Report, 1993.

## **ANEXO**

## **Relato 1**

**Dia: 03 de janeiro de 2015**

**Horário: das 15:30 às 17:30**

**Tempo: Ensolarado**

Neste dia algumas crianças brincavam próximo aos equipamentos de ginástica. Eram três crianças, uma delas arroteava-se em uma árvore, enquanto as outras duas brincavam nos aparelhos. Abaixo da Concha Acústica cinco adolescentes disputavam manobras com o skate. Percebi que um deles incitava aos demais a realizarem manobras ainda mais perigosas e complexas. Os adolescentes estavam consideravelmente distantes das crianças, ainda assim uma das crianças pediu que as demais não se aproximasse dos adolescentes. A criança, que aparentava ser a mais velha, ficava vigiando para que as menores não se afastassem dos aparelhos (que localizam-se próximo à Associação de Moradores do bairro e onde a cuidadora das crianças estava). Na pista de skate oito adolescentes executavam suas manobras com skate e patins. Em um dos lados da pista observei que um casal se beijava, a adolescente estava sentado no colo do jovem enquanto riam e desafiavam os demais colegas que praticavam o esporte. Ao lado nos brinquedos do parque algumas crianças brincavam enquanto suas cuidadoras esperavam o lanche que haviam pedido no carrinho de cachorro quente, posicionado ao lado do parque. Ao me preparar para ir embora reparei que um homem se aproximou da praça. Aparentemente bêbado foi até o carrinho de cachorro quente e começou a balbuciar algo. As mulheres percebendo tal situação chamaram as crianças, pegaram os lanches rapidamente e retiraram-se do local.

## **Relato 2**

**Dia: 05 de janeiro de 2015**

**Horário: das 12:30 às 14:30**

**Tempo: Nublado**

A praça estava bem movimentada neste dia. A associação de Moradores iniciava uma reforma no alambrado dos campos de vôlei e futebol. Havia pessoas entrando e saindo do prédio a todo tempo. Este movimento fez com que alguns vizinhos viessem vistoriar a causa do movimento. O presidente da Associação explicou calmamente as pessoas que a reforma era apenas para tratar de pequenos cuidados nas instalações da Associação. Próximo à concha acústica um grupo grande de adolescentes dançavam ao som de um funk, outros andavam de skate e outros apenas observavam. Os adolescentes costumam ocupar a praça no período da tarde. Nos equipamentos de ginástica quatro senhoras se ocupavam de conversar e rir alto, aos poucos percebi que a causa de tanto riso era a forma “desajeitada” de como uma das senhoras usava os aparelhos. O termo “desajeitada” foi utilizado várias vezes pelas senhoras diante da forma como a amiga se exercitava. Me aproximei e citando a importância do exercício físico perguntei se elas tinham como hábito diário usar aquele espaço. A senhora “A” disse que elas

sempre estavam na praça, mas que em função do tempo e dos “cuidados com a casa” nem sempre elas compareciam nos mesmos dias e horários. As senhoras “B” e “C” acordaram com a cabeça e apontaram as vantagens do exercício. Neste momento a senhora “D” tropeçou em um dos aparelhos e as demais senhoras (rindo) a repreenderam e justificaram que era a primeira vez que a senhora “D” estava usando os aparelhos da praça para se exercitar. Eram aproximadamente 13:30 quando as senhoras chegaram a praça e 14:15 quando foram embora. As demais senhoras incentivaram a senhora “D” a retornar no dia seguinte, e uma delas concluiu o exercício afirmando que “se exercitar faz bem para o corpo e para a alma, e além disso, demos boas risadas” (Senhora “B”).

### **Relato 3**

**Dia: 06 de janeiro de 2015**

**Horário: das 17:10 às 19:15**

**Tempo: Ensolarado**

Como cheguei ao campo próximo ao fim de expediente percebi que neste horário as pessoas utilizam a praça como um lugar de esperas. As mães esperam as crianças que estão na Associação. Algumas pessoas, em seus carros, esperam os parceiros que trabalham nas localidades próximas. Os namorados esperam suas namoradas para seguir para outro destino. Algumas outras pessoas aguardam seus companheiros de exercício físico. E outras pessoas esperam a tarde ter fim, o sol se por, para assim voltar para casa. Após observar quais eram os atores do cenário deste dia me dirigi para a Associação de Moradores, queria conversar com o Presidente sobre a Associação e sobre as reformas que estive observando nos dias anteriores. Como sempre muito receptivo, o Presidente mencionou o “longo” caminho que a Associação teve que percorrer até chegar ao presente momento. Ao adentrar o prédio, a equipe diretiva da Associação fez questão de mostrar-me as dependências do lugar e explicar que muitas eram as expectativas diante das reformas na gestão. Perguntado sobre sua relação com o bairro e com a Associação o presidente C. afirmou que o Conjunto Residencial era parte de sua história e que a associação era também uma forma de estar mais próximo das pessoas habitam o bairro. O entrevistado elencou as principais características da Associação de Moradores, afirmando que neste momento “os trabalhos estão focados para o desenvolvimento do bairro que hoje conta com mais de 15 mil habitantes, contando apenas o Jardim Santa, fora todos os bairros que nos circundam e utilizam o bairro como via de acesso. O ginásio de esportes (Alfredo Pereira de Barros Junior) e a Associação estão protegidos a todo tempo e funcionam como paralelos... em nosso cronograma temos como objetivo homenagear cada data que se faça importante para os moradores, seja com alguma banda (musical) ou com algum evento” (C) Segundo ele a associação conta com contraturno escolar, aulas de musicalização para crianças, curso de dança gaúcha de salão, dentre outros eventos que caracterizam o uso do espaço por instituições

vizinhas (centro de convivência do idoso, escolas estaduais e municipais, ginásio de esportes). O presidente da Associação salientou que as reformas que estavam sendo feitas eram rotineiras, apenas como cuidado diante do que já havia sido construído nos anos anteriores, além de um reforço nos alambrados que ficam ao redor do espaço da Associação. Neste momento C. foi chamado por que teria uma reunião no horário seguinte. Antes disso o jovem senhor me encaminhou para um aposento, onde estavam várias imagens e documentos de grande valia para meu trabalho, o agradei e nos despedimos. Percebendo a necessidade por maiores informações quanto á historia da Associação entrevistei também o antigo presidente, o senhor Osmar Cordeiro. Este foi muito receptivo e aparentava grande orgulho por ter feito “parte da história do bairro”. Perguntado sobre a história da associação O. me explicou que esta fora criada em 1984, cinco anos após a construção do conjunto habitacional e com o auxílio da prefeitura, mas principalmente dos moradores. Diante de algumas memórias o senhor salientou que “naquele tempo todos tínhamos um objetivo em comum, ter um lugar onde partilhar o que tínhamos e lutar pelo o que não tínhamos, o que naquela época eram muitas coisas. Eu estive presente desde o início mas me tornei presidente apenas em 1995, foram 19 anos liderando a associação” (Osmar). O entrevistado retratou um pouco sobre a difícil realidade do bairro logo de sua construção “Era um loteamento muito grande, o maior da cidade. As pessoas que se alojavam, ou seja, conseguiam a casa através do sistema de habitação da prefeitura, sabiam que no início teríamos que ter paciência. Tudo era muito distante, existia um vazio urbano imenso entre o bairro e o centro, e no bairro não existiam farmácias, transporte público, mercados. O apelido do bairro era Santa Pueira, se não chovia e Barreiral quando chovia (rs)” (Osmar) Quanto aos afetos entrelaçados por essa população, Osmar respondeu que “como não tínhamos muitas coisas além da distribuição de água e luz, precisamos pleitear o restante, e para isso nos organizamos. Em 1994, conseguimos verba municipal para construir o prédio e desde então e com a ajuda de outros líderes comunitários e municipais muitas foram as conquistas. Hoje eu percebo que os mais jovens se sentem orgulhosos ao perceber que temos um espaço como aquele. Mas tudo isso, foi a custo de muito trabalho e muita luta” (Osmar). Sobre as relações de afeto estabelecidas apontou que “quando todos se auxiliam em um mesmo objetivo as coisas caminham. Hoje, os jovens tem essa necessidade pelo imediatismo das coisas, antes nós aproveitávamos cada conquista. Fiz muitos amigos e sei que mereço ser respeitado pelo o que fiz pelo bairro” (Osmar). Quanto ao prédio o entrevistado observou que em 2010 (após 12 anos buscando fontes para reformar a associação) o bairro recebeu R\$210.00,00 para a revitalização do espaço, que envolveu a troca de piso, forro e janelas, a pintura das paredes e a construção de uma cozinha e de banheiros sanitários preparados para portadores de deficiência física. Durante os quatro anos que se seguiram muitas outras conquistas foram alcançadas, e como citado pelo ex-presidente “com o prédio pronto conseguimos nos organizar e promover eventos juntamente com a comunidade, e a partir disto levantamos fundos para a construção de um campo de bocha

e de um campo de vôlei de areia” (Osmar). Ao longo da entrevista percebi que o senhor manifestava certa emoção ao falar do bairro e o incentivei a falar mais sobre isso “quando estamos em um lugar que sentimos como lar, queremos que ele fique cada vez melhor e mais bonito. Eu não vou mentir pra você (rs) que muitas vezes pensei em desistir, primeiro por que não sou perfeito e segundo por que nem todos querem que as coisas aconteçam. Mas é muito bom olhar para trás e perceber que muitas famílias ocuparam a associação, que muitas brincaram e brincam ali e que ela vai continuar acontecendo, agora na mão de outros, mas que este pedaço da história eu participei” (Osmar) Ao final da entrevista falamos sobre as formas de ser e estar no bairro e o entrevistado apontou o que este espaço caracteriza em sua vida “minha família esta aqui, meus amigos estão aqui, minha religião, o mercado onde eu vou, a lotérica, a associação... Resumindo tudo esta aqui e é aqui que a minha vida aconteceu, mas a vida se renova e vai se renovar sempre” (Osmar). Agradei a sua disponibilidade e me despedi de Osmar.

#### **Relato 4**

**Dia: 08 de janeiro de 2015**

**Horário: das 10:30 às 12:00**

**Tempo: Ensolarado**

O movimento do campo é diferente pela manhã. Neste horário caminham pela praça senhoras apressadas por fazerem o almoço. Senhores e senhoras que estão finalizando seus exercícios e alguns trabalhadores cuidando das reformas da Associação. Às onze horas da manhã percebi um grupo de jovens que ocupava o fundo da concha acústica e ali ficaram até o meio dia. Era um grupo pequeno com cinco rapazes. Eles estavam usando maconha e ouvindo música, riam e apontavam para a pista de skate, onde dois adolescentes realizavam suas manobras. Este grupo que estava na concha era formado por jovens que aparentavam ter entre 25 e 30 anos. Uma jovem chegou até os brinquedos com duas crianças, me aproximei e percebi que imediatamente a cuidadora designou uma série de limites para as brincadeiras das mesmas. Eram duas meninas de aproximadamente sete anos e obedeceram aos comandos da cuidadora com veemência. A mulher restringia as ações das crianças o tempo todo e não permitia que as crianças se sujassem. Como eu estava próxima ela me perguntou se eu estava aguardando alguém, respondi que não e ela logo contou-me que estava cuidando de suas sobrinhas e que sempre que sua irmã estava aborrecida com alguma coisa ela “pegava” as crianças e saia passear um pouco. Perguntei a ela sobre o bairro e sobre a pracinha, ela mencionou que o bairro “poderia ter mais espaços para as crianças e poderia ser mais limpo”. Quanto as relações estabelecidas com outras pessoas a jovem mencionou que morava próximo a praça, mas que as vezes sentia que os vizinhos eram um pouco antipáticos. A entrevistada era original de uma cidade ao norte do Paraná e se referia

ao bairro como um lugar transitório de moradia. Após quinze minutos ela e as crianças se despediram e foram embora.

#### **Relato 5**

**Dia: 08 de janeiro de 2015**

**Horário: das 09:00 às 11:00**

**Tempo: Ensolarado**

Cheguei ao campo com o intuito de conhecer um pouco mais sobre o projeto executado as segundas, quartas e sextas, pela Prefeitura Municipal e a secretaria de Esportes. Próximo aos aparelhos de ginástica estavam trinta e seis pessoas, em sua grande maioria idosos, eles se cumprimentavam afetuosamente e perguntavam sobre as rotinas uns dos outros. A seguir chegou um Professor de Educação Física e uma auxiliar e após cumprimentarem a todos (e ganharem laranjas orgânicas de uma senhora) se dirigiram a frente do grupo. A auxiliar mediu a pressão de cada um dos idosos e anotou em uma tabela algumas informações. O professor parecia estar atento à situação de cada um do grupo e iniciou um alongamento. O que me impressionou foi a disposição de tais idosos. Eles estavam alegres e bem dispostos e conseguiam realizar as atividades propostas com facilidade. Alguns idosos estavam acompanhados com seus netos, que auxiliavam os senhores e senhoras nos exercícios mais difíceis. Chamavam-se um pelo nome do outro, se conheciam, e tratavam-se como próximos. Após o alongamento um grupo menor permaneceu com o auxiliar e o outro grupo (maior) seguiu as instruções do educador físico (caminhada ao redor do bairro). Fiquei na praça para acompanhar o pequeno grupo. Eram em torno de dez pessoas e com exercícios mais simples, ocuparam-se dos equipamentos de ginástica para idosos. Um jovem senhor se aplicou em direcionar os exercícios das colegas. Me aproximei e perguntei a quanto tempo eles realizavam aquela atividade. O tempo foi variável, mas a disciplina diante da atividade foi unânime. O jovem senhor me explicou que ele era sargento aposentado e que auxiliava as demais senhoras nos exercícios. Quando indagado sobre as vantagens em se participar desses grupos, o mesmo senhor respondeu que com eles não “havia tristeza”, as senhoras presentes riram e percebi que poderia estar atrapalhando o exercício deles. Me despedi e acrescentei que estaria presente na praça algumas outras vezes.

#### **Relato 6**

**Dia: 12 de janeiro de 2015**

**Horário: das 07:30 às 09:00**

**Tempo: Ensolarado**

Preocupe-me em estar na praça antes dos idosos para perceber como cada um deles se comportava ao chegar. A maioria vem em grupo de três ou quatro pessoas, chegam aproximadamente 10 minutos antes do professor, conversam, trocam receitas de bolo ou de remédios naturais e ao mesmo tempo trocam suas histórias. Logo o professor chega também, me direciona a ele e peço um espaço do seu tempo após as atividades, ele muito receptivo concorda.



Enquanto o grupo de idosos não retorna de sua função, concentro-me em uma agência de moto taxi que mantém sua frota em uma das fronteiras da praça. Dois rapazes sentados em suas motocicletas conversam com outros dois que estão em frente da agência, do outro lado da rua. Uma moça passa pela calçada da praça e neste momento todos, sem exceção, concentram suas energias para elogiar cada detalhe do corpo da moça. A jovem, constrangida, atravessa a rua novamente, e os rapazes permanecem rindo por mais alguns momentos. Percebi que o trabalho deles é, em grande parte, a espera pela próxima corrida e enquanto esperam, observam e interferem na vida de quem caminha pela praça. O grupo de idosos retorna e o Educador Físico se aproxima, peço que ele me explique como funciona o projeto. Segundo Bruno “O projeto funciona nas segundas, quartas e sextas. A iniciativa vem do Projeto Ginástica Social que surgiu no curso de Educação Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e desde então são varias as pessoas que já participaram do projeto. Ele normalmente ocorre em Paróquias e aqui, no bairro Santa Paula, ocorre da praça, ao lado da associação. Atualmente o trabalho é feito por estagiários e professores de educação física, mas o objetivo é ensiná-los a cuidar do próprio corpo” (Bruno) Segundo o professor a atividade realizada com os idosos é uma ginástica de qualidade de vida para a terceira idade. Os exercícios foram elaborados respeitando os limites dos participantes e o grupo vai ditando o ritmo das aulas, sendo que qualquer pessoa pode participar. Durante minha observação pude perceber que alguns idosos têm mais dificuldades para acompanhar alguns exercícios. O educador garantiu que a única dificuldade que os idosos apresentam é a da coordenação motora e que depois de algum tempo isto é superado. Agradei ao educador e perguntei se poderíamos conversar mais algumas vezes sobre o tema e as vivências do grupo. Ele concordou.

### **Relato 7**

**Dia: 14 de janeiro de 2015**

**Horário: das 07:30 às 09:00**

**Tempo: ensolarado**

Percebi que o grupo de idosos ainda não havia se esgotado enquanto informação e preferi observá-los ainda algumas vezes. Desta vez preferi conversar diretamente com os idosos. Ao me aproximar do grupo uma senhora de 67 anos, pegou-me pelo braço e perguntou se eu era também da “Universidade”, expliquei a ela que sim, mas que meu trabalho era um pouco distinto do educador físico, e que eu não queria interferir no trabalho deles. A senhora então começou a me contar o seu dia, identificando a melhora da qualidade de vida a partir do grupo. “Antes as minhas segundas, quartas e sextas eram só limpar, cozinhar, passar, agora não. Agora eu tenho uma rotina diferente da de dona de casa. Eu acordo cedo, tomo o meu café, passo na casa da vizinha e me mando pra cá. Vixi” e dai a gente já vem conversando e imenda” os „papos” com os que encontra no caminho. Isso que é bom” (Senhora “L”). Ao redor outras

senhoras acenavam com a cabeça, uma delas de 62 anos, aproximou-se de mim e enganchou seu braço no meu ressaltando que “Em casa a gente fica triste, cabisbaixa, aqui tem outras pessoas pra conversar e tem o movimento do bairro. Além do que me sinto muito melhor e mais disposta, fico muito mais animada quando saio daqui” (Senhora M). Antes da caminhada um episódio diferente do habitual ocorreu. O professor anunciou o alongamento e um dos senhores foi até um grupo de adolescentes, que fumava próximo deles, e pediu que eles se distanciassem. Os adolescentes retrucaram e logo após saíram. Quando ao final de todas as atividades me aproximei do senhor e perguntei sobre sua ação e o que o teria motivado. O senhor de 80 anos defendeu que “A praça é um lugar onde a gente vem buscar saúde e amigos e não um lugar pra destruir isso. Quando jovens não pensam nisso mas um dia vão pensar! Eu fui até lá para que eles respeitem quem está querendo o bem e se exercitar” (Senhor “P”). Os exercícios acabaram e nos despedimos.

### **Relato 8**

**Dia: 16 de janeiro de 2015**

**Horário: das 8:00 às 09:00**

**Tempo: Nublado**

Retornei a praça no mesmo horário em que o grupo de idosos realiza suas atividades e entre outras informações descobri que o grupo é formado por pessoas entre 46 e 87 anos, além das crianças acompanhantes que estão em uma faixa entre 4 e 12 anos. Após o alongamento os idosos percorrerão 1km ao redor do bairro e retornando á praça realizaram novamente os exercícios de alongamento e mediram a pressão. Conversei com um grupo de senhoras que moram na chamada “Santa Paula Velha” e uma das senhoras, de 72 anos, relatou que “além de nos exercitar nos tornamos amigos, eu era vizinha delas a mais de anos e não éramos amigas, agora somos amigas, tomamos chimarrão juntas (...)” (Senhora “S”). Em um outro grupo um senhor (81 anos) contava piadas, enquanto esperava sua vez para medir a pressão e enquanto aguardava repetia para o neto de uma outra senhora que “se não fosse isso aqui menino acho que a minha „véia“ já tinha me deixado” (Senhor “E”). Após todos medirem a pressão o professor ainda realizou um exercício onde todos de braços dados precisavam um do outro para que o equilíbrio se mantivesse. Fiquei impressionada com a coesão do grupo, principalmente em função da disciplina e da forma afetuosa como se tratavam. Enquanto realizavam a dinâmica todos riam das dificuldades que tinham e parabenizavam aqueles que conseguiam manter o grupo em equilíbrio. Ao lado da associação de moradores dois senhores se exercitavam no campo de bocha (jogo praticado com diversas bolas grandes e uma pequena, o bolim, todas de madeira ou de plástico denso). Percebi que o campo de bocha é todo circundado por alambrado e que apenas os que estão jogando podem permanecer no espaço. Fui pesquisar esta informação junto à diretoria da Associação e lá confirmei que as quadras de bocha e de vôlei só podem ser

utilizadas com hora marcada e antecipadamente. Além disso, a associação mantém um cadastro para a organização e uso dos ambientes. O salão de festas e a cozinha também passam por este processo, sendo que nestes ambientes são cobrados uma taxa de limpeza e manutenção.

### **Relato 9**

**Dia: 19 de janeiro de 2015**

**Horário: das 8:00 às 09:00**

**Tempo: Nublado**

Retornei a praça no mesmo horário e percebi que raramente um idoso chegava à praça sozinho, ou ele estava acompanhado de alguma criança (em todos os casos netos), ou eles chagavam a praça em grupos de convivência. Aproximei-me de um grupo que era formado por senhoras com idades entre 52 e 60 anos, todas significaram o grupo através da qualidade de vida. Uma delas (54 anos) mencionou que seu médico recomendou que ela se exercitasse em função de seu trabalho (artesã). Em suas palavras: “Eu ficava muito tempo sentada, não me mexia, e quando fazia isso fazia errado, desde que comecei os exercícios „to“ mais viva e com menos dores” (Senhora “A”). Logo após o alongamento do grupo decidi permanecer na praça e concentrar-me nos demais sujeitos que ali transitavam. A Associação ainda estava fechada e me coloquei a observar algumas jovens que cuidavam de duas crianças. Elas conversavam e riam enquanto procuravam um lugar para se sentar. Ao me aproximar do banco onde elas estavam, uma delas me perguntou que horas eram e começamos a conversar. Como moradoras do bairro as jovens relataram uma história de proximidade com a paisagem em questão. A mais velha mencionou que fora “criada” no bairro, e que hoje aos 32 anos, não saberia mais morar em outro lugar. Em suas palavras “Quando nós éramos crianças vínhamos aqui nessa praça sozinhas, brincávamos no mato e na terra, o ônibus passava e lentava „um pó que nossa“, mas nós adorávamos por que não tinha perigo nenhum brincar aqui, brincávamos até a noite” (Jovem “P”). Indagada sobre o perigo citado a jovem afirmou que “hoje „tá“ mais complicado, tem esses „malóca“ que vem usa droga e trafica aqui. Antes era só de noite agora de dia a gente sente o cheiro” (Jovem “P”). Conversamos um pouco mais sobre o bairro e ao se despedirem concluíram que o bairro era mais calmo á vinte anos atrás, mas que também tinha menos coisas para “se fazer”, como aquele espaço em que as crianças brincavam. Uma delas ainda afirmou que já havia morado fora para trabalhar e que ao decidir regressar quis voltar para o mesmo bairro. Agradei as jovens pela conversa e, sentada mais próxima aos brinquedos, comecei a perceber que estes necessitavam de alguns reparos (a troca de alguns pregos que estavam soltos e poderiam machucar as crianças que se valiam do espaço para sua recreação).

### **Relato 10**

**Dia: 20 de janeiro de 2015**

**Horário: das 06:00 as 8:00**

**Tempo: Nublado**

Achei relevante observar a praça nos primeiros horários da manhã. Como pensado a praça é utilizada como via de transporte e não como local de lazer ou alguma outra atividade. Neste horário percebo apenas algumas pessoas transitando e o grupo de idosos chegando à praça para os exercícios matinais. A atividade distinta foi à presença dos motociclistas que fazem a segurança das casas ao redor da praça. A ronda de tais seguranças durava alguns minutos, era feita por ruas e o retorno se dava em um intervalo de uma hora.

### **Relato 11**

**Dia: 22 de janeiro de 2015**

**Horário: das 17:00 as 20:00**

**Tempo: Nublado**

A praça estava movimentada, neste horário vários adolescentes se agrupavam ao redor da pista de skate. Eles conversavam e riam alto enquanto observavam outros meninos que realizavam manobras na pista. Decidi me aproximar e conversar com um destes grupos. Eles tinham a idade entre 15 e 22 anos e ouviam música no celular de um dos adolescentes. Me apresentei e expliquei como se daria minha pesquisa, alguns dos adolescentes riram e me perguntaram por que eu achava importante saber o que as pessoas faziam em uma praça. Devolvi a pergunta e um deles me respondeu que sabendo o que as pessoas fazem em uma praça os governantes poderiam realizar melhorias no espaço em questão, os demais adolescentes concordaram. Uma das meninas presentes realizou uma pequena análise sobre a praça “a pista (skate) está perto da escola e „tá“ perto da minha casa, e aqui é mais fácil encontrar os amigos sem ter ninguém pegando no pé de ninguém” (Adolescente “I”). Sobre o espaço perguntei se o ambiente era satisfatório e um dos meninos defendeu que “se a praça tivesse aula (cursos) de alguma coisa, a „galera“ viria e ia ficar menos gente parada sem fazer nada... apesar de que praça é pra isso né, é pra ficar parado (rs)” (Adolescente “C”). Fiquei curiosa sobre tal afirmação e quis saber mais sobre este termo “ficar parado”, o adolescente mais velho do grupo explicou que aquele não era um lugar para ninguém ficar parado, mas que o espaço era onde eles não tinham a obrigação de realizar coisas sobre pressão. Que aquele lugar era um espaço para “curtir” e não para se estressar com outras coisas. Uma das meninas mencionou que conhecia outros bairros e que nem todos tinham um espaço como eles têm. Mais adolescentes se aproximaram e eu me retirei.

### **Relato 12**

**Dia: 25 de janeiro de 2015**

**Horário: das 17:00 as 20:00**

**Tempo: Nublado**

Alguns adolescentes caminhavam ao redor da praça, me aproximei e perguntei quanto as atividades que eles estavam realizando naquele dia. Uma das adolescentes (14 anos) me cumprimentou e se interessou pelos objetivos de minha apresentação ao grupo. Uma outra

menina (13 anos) me reconheceu como professora da escola do bairro e perguntou se eu estava na praça em função de minha função como educadora, afirmei que eu estava na praça realizando um trabalho que derivava da minha profissão como docente. Outro grupo de adolescentes chegou à praça, as adolescentes logo sugeriram que aquele era o lugar de encontro dos adolescentes do bairro, mas que nem todos “se misturavam”. Quis saber um pouco mais sobre esta expressão. O grupo que havia chegado apenas observava nossa conversa, enquanto as duas meninas declaravam que nem todos os adolescentes se misturavam com a “galera da praça” por que se sentiam como “melhores”. Na fala de uma das adolescentes (17 anos) “Nem todos os pais gostam que „a gente“ venha aqui, eles acham que aqui é lugar de maloqueiro, mas não é (...) não é por que tem os „piá“ andam de skate, que é drogado” (Adolescente “C”) Ao meu lado outra adolescente (15 anos) salientou que “(...) é claro que aqui tem os „maloqueiros“ mas também tem os que „tão de boa“” (Adolescente “F”). As duas meninas se entreolharam e percebi que um dos meninos que estava ao lado balbuciava algo e perguntei se a opinião dele era igual ou diferente das adolescentes. O adolescente (15 anos) me contou que morava no bairro desde que nascera e que sua família morava ali há muito tempo. A compreensão do adolescente chamou minha atenção ao defender que “quando alguém olha de fora acha que aqui só tem „malaco“ mas esquece que aqui também tem os véinho” que vem se exercitar na praça, tem as crianças que vem brincar e tem „a gente“ que vem „trocar uma ideia“” (Adolescente “A”). Antes de me despedir do grupo a adolescente “C” aplacou que o preconceito contra eles vinha também dos outros adolescentes do bairro “nós estudamos „aqui embaixo“ (escola pública) então é tudo perto e fica por aqui (...) ai tem os „riquinho“ de escola particular que nem passa aqui perto, acho que eles tem medo da gente (risos)” (Adolescente “C”). Perguntei se isso os incomodava e todos afirmaram que não e que apenas achavam que as pessoas deveriam conhecer mais o espaço e as pessoas antes de discriminar quem usa a praça.

### **Relato 13**

**Dia: 26 de janeiro de 2015**

**Horário: das 17:00 as 20:00**

**Tempo: Ensolarado**

Neste dia caminhei pelo campo de pesquisa e percebi que ao redor da praça a vizinhança é feita de casas bem cuidadas, com seus jardins e calçadas limpas. Paisagem que contrastava com o mato alto da praça. Em função do período de chuvas a área dos brinquedos estava com grandes poças de água e o mato crescia, o que impossibilitava as crianças de brincarem com segurança no local. Eram três crianças brincando sozinhas. Perguntadas sobre seus pais ou tutores, me responderam que moravam ali perto e que seus pais deixavam que brincassem ali. Logo as três saíram correndo atrás de um cão que se aproximou. Ao redor da praça alguns papeis de balas, e lixo também se acumulavam e me atentei para esta informação. A praça não se apresentava como limpa e respeitada por seus usuários. Uma senhora se aproximou de onde eu estava e

observando um casal de namorados esboçou sua revolta com um sorriso malicioso. Perguntei a ela se sempre frequentava a praça e se sabia das formas de manutenção de limpeza. A senhora (56 anos) apontou um grupo de adolescentes sentados em uma das fronteiras da praça e disse “olha moça, eu acho que a obrigação é da prefeitura, mas pra ser sincera a maioria das pessoas que não cuidam são pessoas „de fora” (do bairro), elas não se importam e essa piaçada” também não ajuda a cuidar” (Senhora “M”). Caminhei um pouco mais e percebi que o lado da praça que estava de frente para as casas estava limpo, mas o lado de frente para a rua não. Em uma das casas vizinhas havia um senhor fumando e perguntei sobre a limpeza, ele afirmou que „daquele lado” todos ajudavam na limpeza (catando papéis e lixo) mas que do outro lado (local de transito) não tinha como manter limpo.

#### **Relato 14**

**Dia: 28 de janeiro de 2015**

**Horário: das 19:00 as 21:00**

**Tempo: Ensolarado**

Ao lado da Concha Acústica fica a casa onde são realizadas as reuniões dos Alcoólicos Anônimos e este seria um dia de reunião. Aproximadamente às dezenove horas o grupo, formado em sua maioria por senhores, se aproximou da praça e aos poucos se encaminharam para a casa de reuniões. Percebi que todos (em grande maioria homens) portavam um cordão vermelho, provavelmente um símbolo do grupo. Ao lado, na Concha, um grupo de jovens ouvia música. Após aproximadamente trinta minutos e em função das conversas um dos senhores que participava da reunião se dirigiu ao grupo, pedindo que diminuíssem o tom das conversas. O grupo consentiu e se afastou para o lado contrário da praça. Fui até o grupo e lá percebi que a maioria estava ali por que aguardavam alguém ou um momento específico para ir para casa. Um rapaz mencionou que compreendia o gesto do senhor, pois eles estavam falando alto mesmo. Outro adolescente, por sua vez, discordou e disse que a praça era pública e que eles deveriam ter direito de permanecer ali o quanto quisessem. Em um outro lado da praça percebo que um carro de som se aproxima, vendendo algum tipo de alimentação e algumas pessoas das casas vizinhas se dirigem para lá em busca dos produtos. A praça neste instante se tornou um lugar de encontro com o que se fazia necessário.

#### **Relato 15**

**Dia: 29 de janeiro de 2015**

**Horário: das 11:00 as 13:00**

**Tempo: Ensolarado**

Quando cheguei à praça percebi que uma senhora tentava separar a briga de três cachorros. Era um grupo grande, haviam oito animais e como estavam próximos as crianças, os cuidadores se assustaram e esperaram os cães se dispersarem. Sentei nos bancos do parquinho e uma das cuidadoras (36 anos) mencionou a necessidade de consertos nos brinquedos. Ela apontou alguns

pregos soltos e ressaltou “esses brinquedos são bons, mas tem umas coisas que tinham que melhorar, fora o mato que tá alto” (Cuidadora “J”). Em função disso fui até a associação e conversando com um dos administradores confirmei a responsabilidade municipal diante das necessidades de reforma e cuidado da praça. Ao sair da Associação um grupo de adolescentes jogavam vôlei de areia e outro grupo de pessoas se exercitavam nos equipamentos de ginástica para idosos. Era hora do almoço, o movimento dos carros, na rua a frente da praça, ficou intenso. Muitas pessoas caminhavam apressadas em função de seus horários. Algumas pessoas sentavam nos bancos esperando por carona. Era quase uma hora da tarde quando um senhor se aproximou de mim e me perguntou se eu poderia ajudá-lo a chegar no posto de saúde. Indiquei o caminho e perguntei se este conseguia chegar até ele. O senhor me agradeceu e continuou seu trajeto.